

**sonhos
verticais**

Manoel Morgado

sonhos verticais

escaladas ao
Cho Oyu e Everest



© Manoel Augusto Monteiro Morgado, 2012

Fotos
do arquivo pessoal do Autor
e do projeto Challenge8000

Edição, projeto gráfico e editoração
Antônio Wenzel Luzzatto

Supervisão editorial
Samara Kalil

Revisão
Renato Deitos
conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M845s

Morgado, Manoel

Sonhos verticais : escaladas ao Cho Oyu e Everest / Manoel Morgado.
- Porto Alegre, RS : Artes e Ofícios, 2012.
216p. : il. ; 16x23cm.

"Inclui minidicionário de termos técnicos, como começar no montanhismo,
filosofia budista para as escaladas da vida"
ISBN 978-85-7421-205-0

1. Morgado, Manoel - Viagens - Everest, Monte (China e Nepal). 2. Morgado,
Manoel - Viagens - Cho Oyu, Monte (China e Nepal). 3. Everest, Monte (China e
Nepal) - Descrições e viagens. 4. Cho Oyu, Monte (China e Nepal) - Descrições
e viagens. I. Título.

12-0688.

CDD: 915.496

CDU: 913(541.35)

06.02.12 09.02.12
033037

Reservados todos os direitos de publicação para

ARTES E OFÍCIOS EDITORA LTDA
Rua Almirante Barroso, 215 — Floresta
CEP 90220-021 — Porto Alegre, RS
(51) 3311.0832
arteseoficios@arteseoficios.com.br
www.arteseoficios.com.br

IMPRESSO NO BRASIL
PRINTED IN BRAZIL
ISBN 978-85-7421-205-0

Sonhos, verticais ou não, impulsionam a vida. Sonhar nos dá a direção — para aonde queremos ir, aonde queremos chegar. Sonhos nos dão a coragem para ousar, ir mais além, superar — são a realidade vislumbrada de quem queremos ser.

Todos meus projetos sempre começaram com um sonho. De início aparentemente impossíveis, mas, como um lento quebra-cabeças, aos poucos vão tomando forma, cada peça se encaixando com perfeição. O que vejo nos sonhos me impulsiona, me dá a força necessária para a dedicação, foco e trabalho duro que fazem um sonho se transformar em realidade.

Por muito tempo o Everest visto de sua base, nos entardeceres no Kala Patar, há oito quilômetros de distância de seu cume, me parecia uma aspiração impossível, própria para super-homens, intrépidos, fortes, despidos de amor a vida. Depois descobri que, para mim, estar no topo do Everest era algo que eu desejava imensamente — e os desejos se transformaram em um sonho e o sonho em um plano, e finalmente o plano em realidade. Naquele momento mágico, às 8h da manhã do dia 17 de maio de 2010, mais uma vez eu comprovei o que sempre soube: sonhar é fundamental, é o primeiro passo para a incessante busca do que quero ser.

Sonhem!

Sumário

Apresentação, Waldemar Niclevicz, 9

Prólogo, 13

Deusa Turquesa, a Expedição Abençoada

Relato da escalada do **Cho Oyu** (8.201 metros),
a sexta montanha mais alta da Terra

A aproximação, 16

O primeiro ciclo, 39

O segundo ciclo, 65

O terceiro ciclo, 82

O cume, 87

A volta, 95

De volta a Katmandu, 103

Chomolungma, a Deusa Mãe da Terra

Relato da escalada do **Everest** (8.848 metros),
a montanha mais alta da Terra

O preparo, 106

O *trek*, 112

Island Peak, 119

A aclimação, 123

A escalada, 159

A volta, 178

Epílogo, 183

Agradecimentos, 185

Como começar no montanhismo, 187

Filosofia budista para as escaladas da vida, Tenzin Chogkyi, 189

Minidicionário de termos técnicos, 195

Apresentação

Após uma árdua subida, enfrentando o vento gelado e uma leve e insistente nevasca, fomos superando uma rampa que beirava os 60° de inclinação, na expectativa do terreno a nossa frente perder a inclinação, o que finalmente foi acontecendo, tão rapidamente como o cessar do vento e a chegada dos raios do sol.

Parecia inacreditável, aquela morna tarde de 27 de julho de 2000 trazia tudo o que eu havia esperado naqueles últimos três anos da minha vida, castigados por duas tentativas frustradas de escalar o K2, a Montanha das Montanhas.

Eu e meus dois amigos italianos não perdemos tempo, fomos logo montando o nosso acampamento 3, a 7.450 metros de altitude, mas, a cada minuto que passava, a paisagem se tornava mais contemplativa, com as nuvens já douradas pelo entardecer para o lado do Broad Peak, enquanto acima de nossas cabeças se firmava um céu cada vez mais azul, cada vez mais infinito.

A expectativa de atingir o cume do mais desejado dos 14 Oito Mil nos dias seguintes não era apenas nossa. Pelo menos três dezenas de outros alpinistas estavam nos acampamentos abaixo ávidos por novidades, e um dos momentos mais esperados era o contato via rádio. Quando fizemos a comunicação, a troca de informação animou a todos, não só as condições do K2 pareciam perfeitas acima dos 7.500m,

como a previsão do tempo nos garantia pelo menos dois dias estáveis. Estávamos no lugar certo, na hora certa.

Então, uma voz completamente inesperada me chama pelo rádio, em português. Naquele momento, naquele lugar, quem seria?

— Oi Waldemar, aqui é o Manoel Morgado, tudo bem?

Jamais imaginava que eu seria confortado pela língua falada no meu país, naquele momento tão envolvente e especial, quando estava prestes a iniciar o ataque final àquela que é considerada a montanha mais difícil do mundo. Morgado, com uma voz calma mas cheia de entusiasmo, desejou-me boa sorte, dizendo que acreditava que tudo daria certo. Foi impossível eu não me emocionar.

No dia seguinte ele seguiu rumo ao Ali Camp para completar um dos circuitos de caminhada mais lindos do mundo. E na madrugada seguinte, quando ele cruzava o Passo Gondogoro, eu começava a escalada dos últimos 600 metros do K2. Certamente ele fez suas orações olhando para trás, para o K2. Felizmente, deu tudo certo.

Naquela época, Manoel Morgado já era famoso como um dos brasileiros que mais conhecia o Himalaia, e nos anos seguintes sua paixão pela cultura da Ásia, pelos costumes e pelas tradições de povos que estão fortemente ligados à natureza e à religião, só se fez aumentar.

Inevitavelmente, em cada uma de suas caminhadas entre as maiores montanhas do mundo, principalmente até os pés do Everest, nasceu nele um desejo de galgar aquelas alturas para completar a sua experiência física e espiritual.

Por onde começar? A resposta é mais simples do que muitos possam imaginar. Embora todos sejam atraídos pelo magnetismo do Everest, sabem que para chegar até os seus 8.848 metros de altitude é preciso muita experiência. Existem 14 montanhas no mundo com mais de 8 mil metros de altitude, e quem conseguir escalar pelo menos uma delas antes de ir para o Everest vai ter uma boa ideia de como o ar rarefeito e o frio daquelas altitudes podem nos abalar.

Não existe nenhum 8 mil fácil, mesmo aqueles mais baixos continuam sendo uma das 14 maiores montanhas do mundo! Mas o Cho

Oyu tornou-se o lugar ideal para se ter o primeiro contato com um 8 mil devido a facilidade do seu acesso pelo altiplano tibetano. Todos os anos, dezenas de expedições, às vezes centenas de pessoas, acampam em suas encostas, e acabam criando uma infraestrutura que dá o suporte suficiente para a sua escalada. Pode se ter toda a logística, mas é você quem vai ter que escalar, é assim que se aprende.

Manoel Morgado nos conta neste livro essa sua profunda experiência, a do “primeiro 8 mil”, a escalada do Cho Oyu. Mas não se contenta, em busca de sua evolução, parte como um peregrino para o Everest, mostrando que para quem tem fé, e está disposto a aprender, nem o sonho de escalar a maior montanha do mundo é inatingível.

Waldemar Niclevicz

primeiro brasileiro a escalar o Everest,
o Cho Oyu, o Shisha Pangma, o Makalu,
o Lhotse, o Gasherbrum II e o K2

Prólogo

Normalmente, o encantamento acontece aos poucos. Experimentamos, repetimos e gradualmente vamos nos acostumando e gostando mais. Em outras oportunidades, já na primeira vez acontece como se, para que sejamos felizes, precisássemos ter aquela emoção conosco... Com as montanhas e comigo foi assim. Na primeira vez em que viajei à Bolívia, em 1974, com apenas 17 anos, vi as montanhas nevadas dos Andes e senti que meu destino de alguma forma teria de estar ligado a elas. E, nesses 35 anos, nunca mais fui capaz de me deslumbrar com nenhuma outra situação ou paisagem da mesma maneira como me sinto quando estou próximo a uma montanha nevada.

Há 20 anos percorro o mundo, já tendo viajado por muitos países em todos os continentes e visto lugares deslumbrantes, culturas fascinantes e paisagens de sonho. Tenho uma coleção de experiências e histórias que levaria outra vida para lembrar e contar. Mas, cada vez que estou cercado de montanhas, sinto a mesma emoção: paz, harmonia, o sentimento de tudo estar como deveria, um pequeno vislumbre da felicidade perfeita.

Há 18 anos guio grupos de brasileiros em viagens de *trekking* ou de escalada. Por mais de 40 vezes percorri as trilhas do Khumbu, a região do Everest, dividindo minha paixão com uma infinidade de pessoas. Nessas ocasiões, ao pôr do sol, a apenas 8 quilômetros do

Everest e vendo claramente o Colo Sul, a pequena sela que une o Everest ao Lhotse, o ponto de partida para a última etapa da escalada da maior montanha da Terra, eu me perguntava: o que será que os escaladores que lá estavam sentiam? Solidão? Medo? Ansiedade de ver-se frente a frente com seu destino e seus sonhos? Naquela época, eu também sonhava com a experiência.

Hoje, tendo escalado o Cho Oyu, a sexta mais alta montanha da Terra, e o Everest, o ponto culminante do planeta, já sei algumas respostas, mas outras ainda me fogem. Ao escrever este livro quero dividir o que senti, sofri, vibrei durante estes mágicos dois anos em que planejei, sonhei, treinei e finalmente realizei o projeto de estar com meus pés no topo do mundo. Mas, também, ao olhar para dentro, quero tentar descobrir a raiz exata da fascinação que as montanhas exercem sobre o meu ser.

Deusa Turquesa, a Expedição Abençoada

Relato da escalada do **Cho Oyu** (8.201 metros),
a sexta montanha mais alta da Terra

A aproximação

Dia 1

Surpreendentemente, durmo bem apesar da emoção da última noite em Katmandu, antes da partida. Acordo com o despertador às 5h da manhã e, antes de descer, envio os últimos e-mails. Não importa o quanto você faça, sempre ficam coisas para a última hora, neste caso, literalmente. Às 6h em ponto já estamos a caminho e o clima no ônibus é quase festivo, apesar da hora. De vez em quando, abraço a Andrea e digo: “Estamos indo, realmente estamos a caminho de nosso sonho!”.

Era quase difícil acreditar — a hora finalmente havia chegado. Foram tantos anos sonhando com isso, tantos meses de preparação e treinamento... Tento olhar para dentro de mim e ver o que está acontecendo, quais as emoções mais fortes, mais presentes. No momento existe uma grande felicidade, uma sensação até de incredulidade. Também há um pouco de ansiedade — e acho que isso irá me acompanhar por toda a expedição. É um longo tempo para me manter saudável. O fantasma da pneumonia do Aconcágua em 2008 continua me acompanhado. Em um dia eu estava ótimo, forte como um touro, e no dia seguinte mal conseguia caminhar 20 passos. Os planos de fazer aquele cume com a Andrea se evaporaram enquanto via a paisagem passar abaixo de mim pela janela do helicóptero de resgate. Quando

irei me livrar daquele trauma? Achei que fazendo o McKinley, o Elbrus e o Kilimanjaro isso iria embora, mas lá no fundo sei que ainda vive comigo. Como com todos os medos, talvez o melhor seja saber que ele está lá e usá-lo a favor, sabendo que em altitude a minha saúde pode mudar repentinamente e que devo ter muito mais cuidado. E não me deixar dominar pelo medo, mas aceitá-lo.

Para o grupo todo este é o primeiro 8 mil metros. Menos, é claro, para Victor Saunders — nosso guia e organizador da expedição, que tem quatro cumes de Everest e três de Cho Oyu — e para os *sherpas*. Padawa, o nosso *sardar*, o *sherpa* principal, tem 12 cumes do Everest e cinco de Cho Oyu, além de algumas outras... Dorje e Kaosan têm cada um três Everest e inúmeras outras montanhas com 6 ou 7 mil, embora seja a primeira vez no Cho Oyu.

Conheci o Victor há alguns anos e algo fez com que gostasse dele imediatamente. Talvez tenha sido um pouco por causa do seu sorriso maroto de criança, apesar de seus 59 anos. Talvez o fato de me lembrar o Luiz Simões, querido amigo de viagens de bicicleta pelos Himalaias Indianos, e muito pela afinidade que descobri termos pelos mesmos livros. Nos encontramos nas trilhas do Everest, ele com seus grupos de escalada e eu com os meus de *trekking*. Quando comecei a pensar seriamente em fazer o Cho Oyu, escolhê-lo para ser o guia e organizador foi uma decisão fácil. Em um meio onde um guia critica o outro (e, se você levar em conta todas as opiniões contraditórias, enlouquece), Victor tem uma sólida reputação como guia e montanhista. Ler um livro escrito por ele só fez meu respeito por suas habilidades na montanha aumentar, assim como minha admiração por sua inteligência e bom humor. E, claro, fico feliz em ver que o que sinto é correspondido. Nesses últimos três dias em Katmandu, tivemos várias chances de conversar — e ficamos amigos. Estou feliz com minha escolha. Também o grupo parece estar se entrosando facilmente, deixando o clima muito descontraído.

Em termos de nacionalidades e personalidades a expedição é muito variada. Temos três malteses, quatro brasileiros, uma guatemalteca

e um escocês. Victor era arquiteto, mas trocou a profissão e um bom salário pela paixão pelas montanhas. Apesar dos 59 anos e do físico mirrado, é muito forte e a altitude pouco o afeta. É muito brincalhão e dono de uma cultura geral invejável. Marco Cremona, 40 anos, é engenheiro hidráulico, de estatura pequena, sério, pensa muito antes de falar qualquer coisa. Enquanto estávamos na expedição, um de seus projetos estava sendo escolhido para um prêmio de 250 mil euros entre concorrentes de todo o mundo. Gregory Attard, 32 anos, é médico e trabalha com emergência, o que me libera do incômodo cargo de médico da expedição. Com 1,90m, físico avantajado, mas rosto de bebê, Gregory é o oposto em quase tudo de seu amigo Marco. Sempre sorridente e disponível para ajudar em qualquer situação, é fácil se encantar com ele. Robert Gatt, 38 anos, trabalha com informática e mora em Londres. Discreto, de sorriso sincero e bom ouvinte, é uma dessas pessoas nas quais você imediatamente confia. Os três estão tentando ser os primeiros malteses a escalar um 8 mil metros — e, no próximo ano, os primeiros a subir o Everest. Luiz Fernando da Silva Jr., conhecido como Lui, 38 anos, é professor de química na USP e um velho conhecido meu desde uma expedição na Bolívia, há mais de 15 anos. Luis Antonio Felber é mineiro, engenheiro elétrico, e conheci-o através do Lui. Engraçado, brincalhão, sincero e, levando em conta tudo o que me disse durante a expedição, grande admirador meu. Com muita frequência vinha me pedir conselhos e explicações, como se eu fosse o guia e não o Victor. Lucas de Zorzi, 28 anos, é gaúcho, trabalha com máquinas para serrarias e tem um centro de arborismo e muro de escalada em Lajes, Santa Catarina. Muito forte fisicamente e em excelente forma física, sua personalidade corresponde ao seu corpo, tendo o hábito de colocar suas opiniões de forma direta e assertiva. Andrea Cardona, minha esposa, 27 anos, guatemalteca, é, assim como eu, guia de montanha e está tentando ser a primeira guatemalteca e centro-americana a escalar um 8 mil. Apesar de delgada e *mignon*, é a mais forte de todos nós, e sua personalidade é ao mesmo tempo fonte de admiração e problemas. Para nós, os quatro

brasileiros, também esta será a primeira expedição a uma montanha com mais de 8 mil metros.

Objetivos esportivos muitas vezes são arbitrários, e com o montanhismo não é diferente. O melhor exemplo é a mágica marca dos 20 mil pés de altitude para os norte-americanos. Escalar uma montanha com mais de 20 mil pés é um objetivo perseguido por eles, enquanto que para nós este número não tem significado algum. Talvez para quem use o sistema métrico um objetivo seria chegar acima de 6 mil metros. Mas, para montanhistas de todas as nacionalidades existe o sonho de se chegar acima de 8 mil metros e “conquistar” uma das 14 montanhas que são mais altas do que essa marca. Tradicionalmente, se diz que no Nepal estão localizadas oito dessas montanhas gigantes. Cinco estão no Paquistão e uma no Tibete. Na realidade, existe uma maneira muito mais precisa de localizá-las. Everest, Lhotse, Makalu e Cho Oyu estão na fronteira do Nepal com o Tibete, sendo escaladas por ambos os lados. O Kanchenjunga está na divisa do Nepal com o Sikkim, hoje em dia uma província da Índia. Apenas o Manaslu, o Annapurna e o Daulagiri estão inteiramente dentro das fronteiras do Nepal. O Paquistão tem cinco: o K2, o Gasherbrun 1, o Gasherbrun 2, o Broad Peak e o Nanga Parbat. E inteiramente dentro das fronteiras do Tibete (China) está o Shishapagma.

Apesar da hora, o trânsito para sair de Katmandu está no seu normal, ou seja, caótico, congestionado e lento. A partir de Dulinkel, na borda do vale, a estrada fica mais tranquila e muito mais bonita, e em pouco tempo estávamos seguindo as margens do rio Bhoti Kosi, cujas águas descem ferozmente das montanhas que dividem o Nepal com o Tibete, nosso destino em poucas horas. Ou assim pensávamos...

Estamos no período das monções, torrenciais chuvas que inundam o Nepal durante três meses do ano. E o país está, em minha opinião, em sua época mais linda. Tudo está luxuriante, as plantações de arroz que sobem do fundo do vale ao topo das montanhas estão naquele tamanho, um pouco antes da colheita, quando têm o tom de verde mais intenso que existe. Os rios não mais correm em seus

leitos. Descem furiosos, extravasando de suas margens em busca do oceano distante. Mas não chove o dia inteiro. Após as violentas tempestades, o céu ainda coberto de nuvens deixa passar aqui e ali raios de sol, criando essa combinação de claridade e sombras que deixa tudo tão melancolicamente bonito.

Após três horas de viagem, temos o primeiro problema. Um homem de 50 anos foi atropelado na noite anterior por um motorista bêbado e seu corpo jaz ao lado do bloqueio que os habitantes do vilarejo colocaram. A estrada está fechada e temos de caminhar sobre o bloqueio e tomar outro ônibus para seguir caminho. Após anos de guerra civil e descaso do governo pela justiça, os nepaleses resolveram tomar a lei em suas mãos, e a solução encontrada foi fazer protestos, greves e bloqueios. O Nepal é um dos países mais pobres do planeta e era governado por uma monarquia rica e corrupta. Após anos sentindo-se injustiçados, um grupo de estudantes e intelectuais resolveu que a via política não oferecia esperanças e resolveu tomar as armas, iniciando uma guerrilha de orientação maoísta. Após atos de violência, desrespeito aos direitos humanos, torturas e sequestros cometidos por ambos os lados, um acordo de paz foi firmado. O rei foi deposto e uma nova constituinte convocada. Mas, em vez de um rei corrupto, agora, de acordo com a visão da maior parte das pessoas com quem conversei, o Nepal tem políticos corruptos que têm como prioridade conseguir mais e mais poder — e não o bem-estar do país e de seus cidadãos.

Seguimos achando que em breve chegaríamos a Kodari, o vilarejo fronteiriço. Mas, a viagem não seria assim tão simples: dois desabamentos bloqueavam a estrada mais adiante. Após mais duas trocas de transporte, a caçamba de um caminhão e depois uma camionete, chegamos ao nosso primeiro destino. Já é muito tarde para prosseguir. A fronteira chinesa fecha às 15 horas e não teremos tempo de chegar lá a tempo. Ficamos em Kodari para a noite. A aventura começou muito antes de chegarmos à nossa montanha.

Hospedamo-nos em um “hotel” local muito simples e comemos o nosso *dal baat tharkari*, o prato típico nepalês de arroz com lentilhas

e verduras que os nepaleses comem invariavelmente duas vezes ao dia. Passo o restante da tarde escrevendo e conversando com o grupo. Apesar de perdermos um dia em nosso cronograma com o atraso, não fico chateado. Acho que estou tão, mas tão feliz de estar indo para esta expedição, que coisas pequenas como esta não têm importância. O Cho Oyu está lá, me esperando — e em alguns dias estarei lá.

Dia 2

Saímos às 8h30 com a ideia de chegar a Nyalam quatro horas depois. Mas mais uma vez as coisas não acontecem conforme o planejado. Para cruzar a fronteira nos deparamos com a burocracia chinesa, duas máquinas de raios x e uma revista geral inclusive dentro de livros (possivelmente buscando fotos de Sua Santidade o Dalai Lama, cujo porte é passível de punição com prisão). Revisam todas as fotos de cada máquina para ver se não fotografamos a ponte que separa o Nepal do Tibete, ops, digo China. Como não temos permissão para portar rádios e telefones por satélite, passamos com eles escondidos em nossos bolsos e por sorte não há revista pessoal. O clima na fronteira é tenso, nada de sorrisos ou boas-vindas. Fez-me lembrar o dia em que, junto com a Andrea, cruzei a fronteira do Paquistão com a China na Karakorun Highway. Na fila da aduana encontramos um canadense que estava viajando o mundo de bicicleta. Em poucos minutos éramos amigos, intimidade instantânea entre viajantes que passam por experiências comuns. Enquanto esperávamos na longa e lenta fila, contamos histórias e rimos, até que um guarda chinês de não mais de 17 anos veio nos repreender e dizer que ali era proibido rir. Vínhamos de uma região onde as pessoas são extremamente simpáticas e sorridentes, o norte do Paquistão, e o guarda nos fez ver de maneira muito clara que nossa experiência dali para frente iria ser muito diferente.

Quando finalmente coloco os pés no Tibete, fico sabendo que a estrada para Nyalan estará fechada durante todo o dia para reformas — e que só sairemos às 19 horas. Uma pena, pois essa estrada é lindíssima para se fazer de dia. Mas, assim são as coisas. Temos 45 dias, e

estou tomando essas coisas com espírito de aventura e aproveitando cada momento.

Sáimos de Zangmu, a cidade fronteiriça, no horário previsto, mas, após uma centena de metros, um caminhão entra na nossa frente e demoramos outra hora para conseguir ultrapassá-lo. Esta horrível cidade está pendurada nas montanhas e sua única rua é uma sucessão de zigue-zagues que sobem em direção às montanhas. A cada curva, o caminhão tem que manobrar várias vezes para frente e para trás para poder prosseguir.

A estrada que se segue é espetacular, cavando seu caminho pelas paredes de uma garganta muito profunda e estreita, com várias cachoeiras imensas descendo do topo das montanhas. Chegamos a Nyalam às 21 horas e eu não acreditei no que vi. Esperava encontrar um pequeno vilarejo de casas de adobe, que era o que existia seis anos atrás, na última vez que estive no Tibete. Em vez disso, vejo um lugar horroroso de concreto por todos os lados, sinal do “progresso” imposto pelos chineses ao Tibete.

Hospedamo-nos no que seria a pior acomodação de toda a expedição, uma casa com dois andares ligados por uma pequena e íngreme escada de madeira. No andar de cima estão aproximadamente 20 cubículos, cada um com duas ou três camas, lençóis imundos e uma garrafa de água térmica, acompanhamento obrigatório de qualquer quarto de hotel em toda a China. Os banheiros, um por andar, exalam um cheiro de urina tão forte que cada vez que alguém à noite abre a porta de um eu acordo com as narinas queimando com a amônia. Em uma das portas um infeliz hóspede deixou escrito que em seis meses de viagem pela Ásia este tinha sido o pior “hotel”. Pelo jeito, o progresso trazido pela China não incluiu higiene e educação, apenas ruas largas e prédios pavorosos.

Apesar de ter dormido a quase 5 mil metros de altitude no *trek* do Manaslu dias antes de iniciar esta expedição, minha noite em Nyalam é horrorosa, com náuseas e uma dor de cabeça que sinto que vai partir minha cabeça. Mais uma vez tenho meu habitual encontro com o

Mal de Altitude! Resisto por algumas horas, mas acabo acordando a Andrea, que me dá um analgésico, e com isso consigo dormir algumas horas. Este é o meu padrão. Sempre passo mal entre 3.400 e 4 mil metros e, normalmente, depois disso fico bem. Gostaria de acreditar que esta tenha sido a única noite de sofrimento desta expedição. Mas, sei que não será assim.

Dia 3

Após o café da manhã, saímos para nossa primeira caminhada de aclimatação e subimos um total de quase 800 metros, inicialmente por uma estrada de terra e depois um meio *cross country* por colinas gramadas até chegarmos a um bonito lago a 4.500 metros. Fico bastante feliz em saber que o Victor planeja vários desses dias de descanso ativo, pois sinto que este é o melhor esquema de aclimatação. Em vez de simplesmente descansar nos acampamentos, prefiro muito mais caminhar algumas horas, chegar sempre um pouco mais alto e fazer exercícios. A regra de ouro da aclimatação é: “caminhar alto e dormir baixo”, ou seja, chegar durante o dia a uma altitude superior àquela que se irá dormir.

A paisagem do platô tibetano, árida e quase monocromática, não é algo que atrai a vista imediatamente. Os olhos precisam acostumar-se e o coração dissociar-se dos conceitos normais que temos de beleza. Uma vez passado o primeiro choque, podemos começar a perceber as nuances de cores, os tons de marrons, vermelhos, cinzas, as formas provocadas pelas insaciáveis forças da erosão causada pelos ventos, chuvas e flutuação das noites geladas do longo inverno e do sol escorchante dos dias de verão. Mas, tudo isso é bastante sutil e tem que ser estudado para então poder ser apreciado.

Voltei ao nosso “hotel” para mais uma noite de desconforto, desta vez não por dor de cabeça, mas por ter de levantar inúmeras vezes para urinar por causa do Diamox que tomei para evitar a dor de cabeça. De todas as drogas ou fórmulas mágicas para ajudar na aclimatação, a única que tem respaldo científico é a Acetazolamida, cujo

nome comercial é Diamox. Normalmente, esta droga é usada para o tratamento do glaucoma, mas descobriu-se que um de seus efeitos colaterais é justamente fazer com que a pessoa respire mais frequentemente e com isso o processo de aclimatação seja acelerado. Em doses um pouco mais altas, pode ser usada também em casos leves de Mal de Montanha. Como é um diurético, o seu uso tem como inconveniente o aumento da diurese noturna.

Dia 4

Prosseguimos a viagem após o café da manhã, que sempre é um evento com muita conversa e sem tempo certo de acabar. Victor já escalou várias vezes com o Robert e com isso desenvolveram uma deliciosa intimidade que se traduz em inúmeras brincadeiras com um sempre provocando o outro. Aos poucos, vou também me sentindo parte de uma equipe e não apenas de um grupo de pessoas com os mesmos objetivos.

A viagem novamente é lindíssima e sinto que finalmente chegamos ao Tibete. Por todos os lados me deparo com a característica mais marcante desta terra: imensos espaços vazios. Por quilômetros andamos sem encontrar nada, apenas um enorme planalto marrom onde nada cresce. O Tibete tem tradicionalmente um milhão de quilômetros quadrados, um oitavo da área do Brasil, e não mais do que seis milhões de habitantes, tendo, portanto, uma das densidades populacionais mais baixas do planeta. Digo tradicionalmente porque hoje em dia não se sabe quantos habitantes o Tibete tem. O governo chinês não divulga esse número e muito menos quantos emigrantes Han mudaram-se para o Tibete após a invasão. Há quem diga que eles hoje são maioria...

Os invernos são inacreditavelmente brutais, com temperaturas descendo facilmente a 40 graus negativos. A baixa umidade associada à altitude faz com que seja extremamente difícil cultivar qualquer coisa, a não ser em alguns vales protegidos dos ventos que varrem o platô com regularidade — ainda assim, apenas grãos muito resistentes.

tes como cevada e milhete sobrevivem. Árvores são uma raridade e o esterco dos *yaks*, o bovino de altitude, é o combustível mais comum. Uma das cenas que sempre deslumbram os viajantes são os inesperados campos verdes no meio de quilômetros e quilômetros de aridez completa. Eles encantam não tanto por sua beleza, mas pela surpresa. É difícil imaginar vida neste deserto. Por conta disso, embora devotos budistas, os tibetanos não são vegetarianos, e a carne e a manteiga proporcionada por seus rebanhos de *yaks* é parte fundamental de sua dieta. Também dependem do pelo de seus animais para construir suas barracas, cordas e cobertores. Tradicionalmente são nômades, já que a terra não dá o que necessitam para uma existência mais sedentária. Movem-se em busca de pastagem e de comércio. Por causa de seu nomadismo, com frequência praticam poliandria, com uma mulher sendo casada com vários irmãos. Um deles está sempre em “casa”, enquanto os outros estão em longas viagens de comércio. Outra consequência da aridez é que tradicionalmente no Tibete os mortos não são cremados — tem o que se chama em inglês de *sky burial* (enterro no céu), onde o corpo é desmembrado e dado de comer aos abutres.

Desta vez, ganhamos altitude vagarosamente, até chegarmos a 5.200 metros. Daí descemos até Tingri. No passo, centenas de bandeiras com inscrições religiosas balançam ao vento. As inscrições religiosas, os mantras, seguem carregados pelos ventos, em direção aos deuses, levando o pedido de que “a compaixão e a sabedoria se unam nos corações”. O Tibete segue o budismo Mahayana, grande (*maha*) caminho (*yana*), que enfatiza essas duas qualidades como a chave para se atingir a iluminação e o estado búdico, potencial latente de todos os seres.

No caminho paramos para visitar uma caverna onde Milarepa, um “santo” tibetano do século IX, passou anos em meditação. Conta-se que, em sua juventude, Milarepa aprendeu magia e usou-a, causando muito sofrimento. Arrependido, buscou um mestre, Marpa, que o submeteu a duríssimas provas para testar a sinceridade de sua decisão. Por anos, Milarepa habitou cavernas, alimentando-se

exclusivamente de sopa de urtigas, e acabou atingindo a iluminação. É uma figura muito querida entre os tibetanos e conhecido por seus poemas escritos em forma de canções.

Entre os budistas tibetanos existe a tradição de reclusão por um período de tempo que varia de alguns dias até anos, sendo o período tradicional três anos, três meses e três dias. Durante este tempo, é seguido um rígido e austero programa de estudos e meditações. Recentemente, tive a oportunidade de estudar por um mês em um monastério no norte da Índia, sob a orientação de uma monja norte-americana que se manteve em retiro por dois desses longuíssimos períodos consecutivamente. Se o resultado desse período pode ser medido por sua sabedoria, bom humor e contentamento, a ideia de isolar-se do mundo não é uma opção tão descabida como parece. Por minha pequena experiência, já estive em um pequeno retiro de dez dias, os resultados são magníficos. Na nossa vida raramente temos o tempo, a energia e a oportunidade de olhar para dentro de nós com alguma profundidade.

O lugar é interessante mais pelo significado do que pelo que vemos: um lugar muito simples, como condiz a uma caverna de meditação.

Neste dia, pela primeira vez, é possível visualizar as montanhas nevadas na direção geral do Cho Oyu e Everest, embora elas se escondam parcialmente atrás das grossas nuvens.

Ao chegarmos a Tingri, temos uma deliciosa surpresa. O hotel horroroso que eu utilizava nas viagens que guiava de Lhasa a Katmandu havia se transformado em um lugar limpo, confortável, com banheiro no quarto e bem cheiroso. Instalamo-nos em nosso lindo (para padrão Tibete) quarto e passo a tarde tentando uma vez mais fazer nosso sistema de comunicação funcionar. Depois de muitas e frustrantes tentativas, peço auxílio ao Robert, que trabalha com computação, e em pouco tempo consigo receber e enviar e-mails. Acho que agora os problemas desta área acabaram.

Minha preparação para esta expedição foi extremamente cuidadosa, tanto em termos de preparo físico como na compra de equipamentos.

Conversei com muita gente, pedi opiniões, li a respeito das várias opções e me preparei financeiramente para comprar o melhor que o mercado pudesse oferecer. Em uma montanha de 8 mil metros não existe lugar para erro ou improvisação. O equipamento correto pode ser a diferença entre sair da montanha vivo ou não. Mas, além de escalar a montanha da forma mais segura possível, também queria poder estar em contato com meu trabalho e poder relatar o que estava acontecendo em tempo real. Para isso, comprei um sistema de comunicações com um telefone por satélite, um palmtop (que conectado ao satélite por *bluetooth* pode receber e enviar e-mails), painéis solares e uma bateria que, ligada aos painéis, pode recarregar os vários eletrônicos.

Antes de escalar o Cho Oyu, fiz uma bem-sucedida expedição ao McKinley, a montanha mais alta da América do Norte, no Alaska. Apesar de sua altitude moderada, apenas 6.194 metros, por sua localização e pelas terríveis tempestades que desabam sobre a montanha sem aviso prévio, trata-se de um excelente campo de provas para montanhas com mais de 8 mil metros. Nessa expedição pude colocar à prova todo o meu equipamento e reforçar ou substituir o que não estava adequado. Enfrentei temperaturas inferiores a 40 graus negativos, ventos fortíssimos e tormentas que duraram dias — e grande parte do equipamento se mostrou confiável e eficiente. Tudo pronto para o Cho Oyu.

Um pouco mais tarde, saímos para uma pequena caminhada até uma antiga *gompa*, pequeno templo tradicional tibetano, situada no topo de uma colina, e nos deliciamos com as primeiras vistas do Cho Oyu e do Everest, agora resplandcentes no horizonte não muito distante. Fico olhando a enorme montanha e imaginando como será estar lá em cima. Apesar de estarmos a 4.300 metros, mais de mil metros acima do ponto culminante do Brasil, quase outros 4 mil metros nos separam do topo. Muito trabalho pela frente...

A *gompa* tem um cadeado em sua porta, mas com uma inspeção mais cuidadosa vejo que está aberta e, mesmo me sentindo um pouco culpado, subo a antiga e empoeirada escada de madeira até a sala principal. O lugar tem um ar de antiguidade que me faz lembrar os

templos que vi em Mustang, região restrita do Nepal que tive a felicidade de visitar duas vezes. Sinto-me um intruso, mas a curiosidade é mais forte. Lá, na penumbra, posso vislumbrar algumas pinturas muito antigas de divindades que nunca havia visto, amedrontadoras, grandes rostos vermelhos com presas enormes, e desconfio que se trate de uma *gompa* Bon. Ao contrário do que a maioria pensa, o Tibete foi um dos últimos países a converter-se ao budismo. Até o século VI, a crença oficial do Tibete era o Bon, uma religião animista com muitos elementos esotéricos e de magia — onde os xamãs em transe se comunicam com o reino dos espíritos e sacrifícios de animais e até mesmo humanos eram comuns. O rei da época, Srontsan Gam-po, influenciado por suas duas esposas budistas, uma chinesa, Wen Ch'ing, e a outra nepalesa, Bhrikuti, mas também para controlar o poder crescente dos monges Bon, adota como religião oficial o budismo. Mas, fora de Lhasa, a nova capital, o Bon continua sendo seguido pela população. Para eles, o Bon era um instrumento muito mais efetivo para o controle dos demônios que se manifestam através de terremotos, vendavais e outras calamidades. Essa situação se mantém até que um novo rei, na metade do século VIII, convida Padmasambhava, um grande mestre tântrico indiano, a visitar seu país, expor sua filosofia e pacificar os demônios. Após muita resistência, o budismo tornou-se a nova religião oficial, mas uma filosofia acabou influenciando a outra e o budismo praticado no Tibete hoje em dia é um sincretismo entre o budismo indiano, mais austero, e o Bon, tendo dele elementos como mantras, mandalas, oráculos e o tantrismo. Às vezes, essa corrente de budismo é também chamada de Vajrayana — o caminho do Raio — pela possibilidade de seus praticantes atingirem a libertação em apenas uma vida.

Mais uma vez, a noite é um dorme e acorda por causa do Diamox, mas pelo menos não sinto os desagradáveis sintomas de Mal de Altitude. Nesta noite, a cada vez que vou ao banheiro não tenho que sofrer com o terrível cheiro do hotel de Nyalam.

Dia 5

Seguindo nosso programa de aclimatação, após o café da manhã saímos para mais uma longa caminhada até o topo de uma colina a leste da vila. Coloco meu novíssimo iPod e subo ao calmo ritmo dos *bajans* de Khrishna Das, um passo na frente do outro, ganhando altitude lenta, porém constantemente. Quatro horas depois, chego ao nosso objetivo. Abaixo de mim está a linda vila tradicional tibetana com suas casas de tetos planos cheios de trigo secando (o estoque para o inverno que se aproxima), suas janelas de madeira entalhada coloridas e suas bandeiras de orações balançando ao vento. Um pouco mais próximo, o vale que vamos seguir amanhã rumo ao campo-base chinês e, acima, muito acima, o Cho Oyu e o Chomolungma, Sagarmata ou Everest — como ele é conhecido pelos tibetanos, pelos *sherpas* e pelos ocidentais, respectivamente. Sinto uma indescritível felicidade tomando conta de mim por estar ali, por estar indo ao Cho Oyu, por estar compartilhando tudo isso com a Andrea, por estar em um bom grupo de gente bem-humorada, determinada e forte. Um daqueles momentos na vida onde tudo está correto, no lugar certo.

Quantas memórias lindas tenho cada vez que vejo esta paisagem. Lembro-me da minha primeira viagem de bicicleta. Em 1989, saí do Brasil sem destino certo, sozinho e com apenas poucas certezas: a de que queria viajar por um longo tempo, queria deixar de ser médico e que não queria voltar a morar no Brasil. Fiz um longo *trekking* pela região do Everest e, em seguida, usando a liberdade que só é possível quando se está só, se tem tempo e dinheiro, comprei uma *mountain bike* e saí de Katmandu rumo às montanhas do norte da Índia, a região do Ladakh. No caminho resolvi ficar um mês em um monastério em Dharamsala, onde mora Sua Santidade o Dalai Lama, e ao fazer meu primeiro curso residencial de filosofia budista descobri pela primeira vez em minha vida uma doutrina espiritual que me soava sábia e verdadeira. Segui com minha bicicleta pelas estradas montanhosas do Himalaia Indiano e visitei o platô tibetano — e imediatamente me apaixonei por tudo o que vi lá. Acampeei na frente de antiqüíssi-

mos monastérios, fui convidado a dormir na casa de habitantes de pequenos vilarejos e, quando cheguei ao final da estrada no vale de Zanskar, desmontei a bicicleta, coloquei-a em uma mula e segui caminhando por dez dias até reencontrar a próxima estrada. Desde minha primeira viagem à Bolívia, com 17 anos, não sentia nada parecido. Cada momento daquela viagem ficou gravado de maneira indelével em meu coração. Hoje, depois de viajar por tantos anos e por tantos países, sinto um grande luto por não conseguir mais me emocionar da forma como me senti naqueles mágicos meses. Viajar perdeu a intensidade que só se tem quando tudo é novo e se está aberto para o mundo. Naquela época, estar nos lugares bastava. Hoje, mais do que visitar lugares, busco fazer coisas em lugares novos. Não tenho mais paciência para *sightseeings*, para monumentos ou palácios.

Na volta, um banho gelado, um gostoso sol na frente do quarto enquanto escrevo e, um pouco mais tarde, um farto e merecido jantar.

Dia 6

Victor não lembra quanto tempo leva a viagem de Tingri ao campo-base. Os motoristas divergem também, de modo que saímos com a expectativa de tempo de viagem entre uma e três horas de duração. A estrada de terra aponta diretamente para o Cho Oyu, que, na manhã completamente clara sem nuvens, aparece deslumbrante, chamando-nos em sua direção. Repentinamente, após apenas uma hora de maravilhosa viagem, chegamos ao *chinese base camp*, ao lado da estrada e ainda muito longe da montanha. O verdadeiro campo-base está ainda a dois dias de caminhada daqui. Este campo, por hora, servirá para construirmos uma base mais sólida de aclimação, para então mover-nos montanha acima. Aqui ficaremos quatro noites — e todos os dias faremos caminhadas progressivamente mais altas, preparando-nos assim para os 5.700 metros do verdadeiro campo-base. Daqui para frente nos acomodaremos em barracas por um período que pode chegar a até mais de um mês, dependendo de uma série de fatores como clima, condição de aclimação e saúde.

Por estar, neste ano, correndo de um continente ao outro escalando montanhas, não tive muito tempo para ler e me informar sobre a escalada do Cho Oyu propriamente dita, por isso vi pouquíssimas fotos da montanha e dos acampamentos. Ao chegar ao campo-base chinês, tenho um choque. Em vez do lugar lindo que tinha imaginado, aos pés do Cho Oyu, encontro-me com um conjunto de barracas de outras expedições ao lado de uma estrada de asfalto. Do outro lado, um conjunto de barracos de lona, os “restaurantes” tibetanos, na frente dos quais estão estacionadas uma fila de motocicletas chinesas profusamente decoradas, os novos cavalos dos nômades tibetanos. Como em tantas outras oportunidades, sou invadido por uma nostalgia de um mundo que tive a chance de ver e que já não existe mais. Ou será que a cada geração os que viveram um mundo que percebem como mais autêntico sentem o mesmo? Lembro-me de ler de “turistas” que visitaram Bali no começo do século passado reclamações de como a ilha havia mudado. De qualquer forma, ver os tibetanos com capacetes passando velozmente em suas motocicletas me faz lembrar de outra viagem de bicicleta nos Himalaias, onde percorri uma estrada ainda fechada pela neve tardia de um inverno rigoroso. Por duas vezes tive de cruzar os altos passos, 3.900 e 4.800 metros, carregando a bicicleta nas costas como se fosse uma mochila. Como prêmio, dali para frente e pelos próximos dez dias, não avistei um só veículo e a região inteira me pertencia. A mim e aos nômades, os verdadeiros nômades tibetanos. Em um determinado dia, fui perseguido por um par dos terríveis mastins tibetanos, um dos cachorros mais bravos do planeta. Quando pensei que ia ser devorado, seu dono apareceu e com um assobio os acalmou. Fui então convidado para entrar na espaçosa barraca de pelo de *yaks* trançado. O contraste entre a penumbra de dentro e a luminosidade do platô tibetano fez com que, por alguns instantes, não conseguisse distinguir nada. Quando meus olhos se acostumaram, pude ver um fogão no centro com uma chaminé que se projetava verticalmente até sair por uma fresta no teto. No lado oposto à porta, um pequeno templo com uma foto de Sua Santidade o Dalai Lama, e no chão vários

tapetes tibetanos que serviam de cama para toda a família. Um poucas caixas de metal compunham o restante dos parques pertencentes da família. Então o homem que havia me convidado, imagino que o chefe da família, comunicando-se por mímica e sorrisos, levou-me orgulhoso a um canto na quase escuridão onde, embrulhado em peles, seu filho recém-nascido dormia tranquilamente. A criança não tinha mais do que poucos dias de vida, seu umbigo ainda permanecia colado à barriga. Aquilo me pareceu extraordinário e me emocionou. Naquele lugar ermo, sem recurso algum, o milagre da vida acontecia de forma natural e espontânea. Voltei à minha bicicleta sabendo ter vivido algo que jamais esqueceria.

Assim que chegamos, separamos o equipamento que tinha vindo em um caminhão junto com nossa equipe de *sherpas* — o Padawa, o Dorje e o Kaosan. Meu equipamento está em quatro barris de plástico usados normalmente em expedições por sua praticidade e resistência. Abro tudo e seleciono o que precisarei para os próximos dias, e o restante deixo separado para que os *yaks* levem para o campo-base definitivo. Eu e a Andrea nos instalamos confortavelmente em nossa barraca dupla, com dois colchonetes e os *sleeping bags* de menos 28 graus que usaremos para o campo-base e para os campos mais baixos. Para os campos 2 e 3 tenho um quentíssimo saco de dormir com zona de conforto de menos 48 graus que usei no McKinley com sucesso. Como sempre, me sinto em casa na barraca, muito mais do que em qualquer quarto impessoal de hotel. Vou então conhecer a barraca-cozinha, que será o domínio do Pemba, nosso cozinheiro simpático e fervoroso budista que nunca é encontrado sem seu *mala* (rosário budista) no pescoço e murmurando mantras. Com paredes de pedra e teto de nylon, a simples cozinha contém parte dos nossos mantimentos, um fogão a gás e um a querosene, alguns simples utensílios e o pequeno tapete onde Pemba prepara a comida sentado no chão de pernas cruzadas em lótus, maneira tradicional de sentar-se na Ásia. Também conheço o nosso auxiliar de cozinha, Tashi, um tímido rapaz de 20 anos, tibetano, contratado em Tingri. Sigo então para a barraca-refeitório, que, sei de experiências anteriores, será

o centro social de nossa vida durante a expedição. Fico impressionado com o carinho com que Victor preparou-a para nós. Mede ao redor de 10 metros de comprimento, tem uma longa mesa no centro com nove cadeiras ao redor e no chão um tapete que magicamente Tashi conseguiu manter limpo durante toda a expedição. No canto um aquecedor a gás, que fica ligado das 18h às 21h, dando um toque de conforto às nossas acomodações, de outro modo espartanas. Do lado de fora há um balde com água morna, um sabão desinfetante e uma toalha e somos instruídos para mantermos nossas mãos limpas sempre que possível. Não é raro uma expedição fracassar por doenças, e todo o cuidado é pouco em um ambiente tão hostil onde, acima de 5 mil metros, nossas defesas são praticamente ausentes.

Após instalarmo-nos, fazemos uma pequena caminhada de reconhecimento e saímos então para uma pequena prática de escalada em rocha, algo que não está relacionado com esta montanha, que não tem nenhum trecho de escalada em rocha, mas que é bem divertido. Fazemos inicialmente uma rota bem fácil, grau 5, e até a Andrea, que nunca tinha tentado escalada em rocha, subiu e gostou muito. Daí eu e os “meninos” fazemos uma um pouco mais difícil, um 6B, que na altitude de 5 mil metros me deixa ofegante, porém super feliz por ter conseguido. Tenho muito pouca experiência em rocha, mas já me prometi aprender mais nos três meses que passarei na Nova Zelândia treinando para o Everest, no final deste ano. Além de divertida, escalada em rocha é uma habilidade necessária para qualquer montanhista e é uma grande falha no meu currículo de montanha.

De onde estamos escalando, podemos ver o grande acampamento militar chinês, e não demora muito para que um guarda venha avisar-nos que estamos em região restrita. Ele nos diz que não podemos ir a nenhuma parte de onde se aviste seu acampamento. Isso iria criar complicações nos dias seguintes em nossas caminhadas de aclimação, pois teremos que escolher caminhos que evitem a visão direta dos chineses. A paranoia do guarda mostra de forma bastante clara o que deve ser viver em um país ocupado. Desde que pusemos os pés no Ti-

bete nos deparamos, assim como já tinha vivido em minhas outras viagens aqui, com tibetanos em subempregos ou mendigando. Este é um dos aspectos mais tristes de viajar no Tibete. Percebe-se claramente que o povo tibetano perdeu sua alma, seu autorrespeito, assim como tantos povos indígenas ao redor do mundo. Não são raros os casos de pequenos roubos e alcoolismo, e todas as expedições tem alguma história relacionada com isso para relatar. É fácil traçar este comportamento ao fato do povo tibetano ser um povo exilado dentro de seu próprio país, raça declarada como de segunda classe pelos invasores chineses. Sua cultura vem, por mais de 50 anos, sendo sistematicamente aniquilada, sua religião proibida e sua gente assassinada. Conta-se que, apenas durante a Revolução Cultural, mais de um milhão de tibetanos perderam suas vidas, um sexto da população!

Após voltarmos ao acampamento, passamos o restante do dia na barraca-refeitório, ponto focal de toda expedição, contando histórias, rindo muito, hidratando-nos e comendo. Manter-se hidratado nas montanhas é uma ocupação de tempo integral. Com o ar seco e frio, a cada inalação o corpo tenta umidificar e aquecer o ar para em seguida esta umidade ser perdida na expiração. A perda insensível pode chegar a vários litros por dia. Como se sabe, a desidratação está associada ao Mal de Altitude, por isso recomenda-se beber pelo menos cinco litros de líquidos nesta altitude, o que é um grande problema para mim, já que na minha vida normal bebo muito pouco e nas montanhas tenho menos sede ainda. Beber passa então a ser uma obrigação, e, como estou disposto a fazer tudo corretamente, minha garrafa de água está sempre ao meu lado. Também trouxemos inúmeros tipos de chá de ervas sem cafeína, já que esta substância é diurética.

Apesar da subida razoavelmente rápida, seis dias e já estamos a 5 mil metros, sinto-me bem, sem dores de cabeça, e tenho a esperança de dormir esta noite bem. É incrível como tudo que faço aqui tem foco na montanha. Tomo cuidado ao me vestir, agasalhando-me mais do que estou acostumado, bebo e como pensando que preciso estar

forte e hidratado e que seria bom ganhar algum peso agora quando ainda estamos “baixo”, para ter reservas para poder perder mais acima. Também passo muito mais filtro solar e uso boné tipo legionário protegendo o pescoço. Tudo isso não seria meu natural, mas não posso e não quero, por descuido, perder essa oportunidade que tardou tanto a acontecer na minha vida. Mas, mais importante do que isso, é sentir o quanto estou feliz em viver cada uma dessas experiências, cada momento.

Dia 7

No nosso segundo dia de campo-base chinês, fazemos uma longa caminhada de aclimação subindo uma das montanhas do lado direito do vale. Chegamos a 5.400 metros, e o grupo subiu de maneira mais ou menos homogênea — com o Victor, eu, o Lucas e a Andrea na frente, seguidos pelos três malteses e mais atrás o Lui e o Felber. O tempo está bem fechado e não temos vistas bonitas, mas posso imaginar que, com tempo aberto, este vale deve ser impressionante.

Voltamos para o acampamento no meio da tarde e passamos o restante do dia conversando na barraca refeitório.

Durante o jantar, eu e a Andrea nos sentimos super-bem, nada cansados com a longa caminhada e o ganho de 500 metros, mas o Lui e o Felber reclamam de cansaço e vão para a barraca dormir.

Dia 8

Após o café da manhã, saímos para mais uma caminhada longa, desta vez com o objetivo de chegar a 5.800 ou 5.900 metros. Caminhamos um pouco mais pela estrada e subimos então uma montanha que parecia ser alta o suficiente para nossos objetivos. Logo que começamos a subir, o Felber distancia-se bastante e, apesar de pararmos de tempo em tempo para esperá-lo, percebemos que ele está cansado demais para nos acompanhar. Paramos para almoçar em um lugar abrigado e ele fica descansando enquanto o resto do grupo sobe mais 200 metros até chegar ao ponto mais alto da montanha. Infelizmente,

não podemos chegar onde planejamos, mas mesmo assim sinto que nossa aclimatação está muito boa.

Voltamos para o acampamento na metade da tarde, e mais uma vez passamos horas conversando. Hoje recebemos a visita de um amigo do Victor, também guia de montanha, um norte-americano chamado Martin. Ele está com apenas um cliente, o Cliff, de 71 anos. Cliff já tentou o Cho Oyu há alguns anos e está tentando fazer os Sete Summits, subir a montanha mais alta de cada um dos sete continentes. Após a primeira tentativa não bem-sucedida do Cho Oyu, tinha desistido de fazer um 8 mil, mas um encontro fortuito com o Martin quando ambos voltavam do Aconcágua fez com que ele resolvesse tentar novamente. Martin é muito experiente e forte e está sem o acompanhamento de *sherpas*. Ele mesmo carrega tudo, monta os acampamentos e no dia de cume levará o oxigênio extra para seu cliente. Seu caráter brincalhão nos encanta e em pouco tempo já faz parte de nosso grupo. Já o Cliff é muito mais reservado e, apesar de nos encontrarmos frequentemente durante toda a expedição, não chegamos a estabelecer um vínculo de proximidade. Meu projeto de entrevistá-lo para mostrar aos brasileiros que a vida pode continuar de forma vibrante e ativa após os 60 anos não vai para frente. Após eles voltarem ao seu acampamento, ficamos conversando sobre o valor de pessoas assim, que apesar de sua idade mantêm a chama dos sonhos acesa e levam adiante projetos como esse.

Já há dois dias que minhas noites tem sido ótimas, dormindo quase sem interrupção por mais de oito horas. Sinto que estou me aclimatando muito bem e que esta base será importantíssima mais acima.

Dia 9

Chove durante toda a noite. Quando acordamos, ainda está garoando e o céu está completamente encoberto. O tempo tem gradualmente piorado desde que deixamos Tingri, e lá foi a última vez que tivemos vistas das montanhas. Isso não chega a me preocupar, pois ainda levaremos alguns dias para que o clima possa começar a interferir.

Normalmente, sou bastante ansioso com projetos de longa duração. Tenho que usar força de vontade para não ficar pensando no que pode acontecer no futuro. E se o tempo continuar ruim? E se eu adoecer? Mas desta vez estou muito mais tranquilo e aceitando o que vier de maneira bastante positiva. Estou em uma expedição a uma montanha de mais de 8 mil metros e aparentemente isso basta. Talvez, finalmente o meu treinamento de viver no presente, conceito enfatizado no budismo, esteja dando frutos. Viver no presente traz imediatamente contentamento. Quando estamos realmente no presente, as preocupações com o futuro desaparecem e lembranças do que podíamos ter feito no passado passam a ser irrelevantes. Mas, estamos condicionados a viajar constantemente para o que virá ou para o que já passou e perdemos o que está acontecendo agora. Quantas vezes estamos dirigindo ou caminhando e percebemos que não temos ideia de como chegamos onde tínhamos que chegar? Na maioria das vezes, nossas preocupações com o futuro são fúteis, pois a vida raramente se apresenta conforme imaginamos. Como acontece com a maioria dos conceitos budistas, este também é facilmente entendível e lógico, mas introjetar o aprendizado é sempre a parte difícil. Oito meses atrás, passei um mês em um monastério no norte da Índia. Entre outras coisas, coloquei muita energia em tentar estar onde estava, a cada minuto, sem pensar muito no que viria depois, e, quem sabe, hoje esteja me sentindo assim, confortável em viver cada dia, cada experiência, por conta deste treino.

Com o agradável barulhinho da chuva no teto da barraca-refeitório, tomamos o café da manhã descontraidamente enquanto esperamos o tempo melhorar. São 10h e a chuva ainda continua a cair, e resolvemos sair mesmo assim. Seguimos a estrada rumo ao Cho Oyu, o caminho que faremos no dia seguinte, quando mudarmos de acampamento. Caminhamos por duas horas subindo muito pouco. Decidimos então, em vez de seguir a caminhada, fazer um pouco de escalada em *boulders*, grandes blocos de rocha, e mais uma vez foi tudo muito divertido. Encontrei algo agradável que ao mesmo tem-

po ajudará no treinamento e também nas minhas habilidades como montanhista. Apesar de ter muitos anos de alta montanha e de escalada em neve e gelo, nunca tive muita oportunidade de aprender escalada em rocha de maneira adequada, apesar de sentir que tenho facilidade para o esporte.

Como amanhã mudaremos de campo, tenho a tarde toda livre para arrumar o equipamento, tomar banho quente e escrever.

O primeiro ciclo

Dia 10

Hoje mudamos de acampamento e fomos para o campo intermediário 400 metros acima, a 5.300 metros, a mesma altitude do campo-base do Everest.

Existem duas maneiras clássicas de se escalar uma montanha como o Cho Oyu: o chamado estilo alpino e o cerco. Muitas das palavras usadas em alpinismo são, infelizmente, termos militares: cerco, ataque ao cume, conquistar a montanha. Tudo isso reflete uma mentalidade da qual eu discordo. Montanhas, nem que quiséssemos, são conquistadas. Pelo contrário, temos que pedir permissão para elas e são elas quem determinam se poderemos subir ou não. Ventos, tormentas e avalanches nos revelam toda a sua força — indicando se e quando podemos escalar. Analisando mais profundamente, vemos que em muitas culturas, entre as quais os tibetanos e os *sherpas*, mas também em muitas outras mundo afora, as montanhas são consideradas lugares sagrados e comumente associa-se a elas a morada dos deuses. Para os hindus e budistas, o Monte Kailash, no oeste do Tibete, não muito longe do Cho Oyu, é um dos lugares mais importantes de peregrinações no planeta, como o centro do universo para os budistas e a morada do grande deus Shiva para os hindus. O próprio Monte Everest, chamado Sagarmata entre os

sherpas e Chomolungma entre os tibetanos, é reverenciado como Deusa Mãe da Terra.

No estilo alpino os escaladores saem do campo-base com tudo o que precisarão para a escalada, preparados para uma escalada o mais curta possível. Os campos são geralmente usados por apenas uma noite, o oxigênio artificial não é usado e não são fixadas cordas. A escalada é completada em uma semana ou menos, e isso exige uma grande capacidade de aclimação, força física, técnica e determinação. Em caso de algo dar errado, não há *backup*, não há plano B. Por motivos óbvios, essa forma de escalada não é muito usada em montanhas extremamente altas, apesar de todas as 14 montanhas de mais de 8 mil metros já terem sido escaladas assim por superescaladores, como Messner — que normalmente a fazem sozinho e durante o inverno, em rotas virgens e difíceis. O estilo de cerco, de longe o mais comum e o que usaremos, consiste em construir campos cada vez mais altos, abastecer esses campos com todo o necessário e utilizar *sherpas*, carregadores de altitude, e cordas fixas nos setores mais difíceis da montanha. No Cho Oyu serão utilizados ao redor de 2.500 metros de cordas fixas cobrindo o *ice cliff* e a Yellow Band, os trechos mais verticais e as encostas mais inclinadas. Essas cordas fixas são mais finas e mais leves do que as tradicionais cordas de escalada. São fixadas através de estacas de alumínio enterradas profundamente na neve, ou através de *ice screws*, parafusos metálicos de cerca de 20cm que são atarracados no gelo. No estilo de cerco, normalmente os escaladores dormem em campos progressivamente mais altos para aclimatarem-se e descem em seguida para o campo-base para dois ou três dias para recuperação. Cada conjunto de subidas e descidas é chamado de um ciclo, e nosso plano para o Cho Oyu consiste em completar três ciclos. Hoje começamos o primeiro e com isso a escalada propriamente dita. Claro que isso, assim como tudo o mais na escalada, está sujeito aos caprichos do clima. O intervalo entre um ciclo e outro pode variar muito. No Mckinley fiquei por quase uma semana no campo 2 por causa de uma grande tormenta. Por dias fiquei preso

dentro de minha pequena barraca esperando que as condições melhorassem. Mesmo assim, pude me considerar com sorte, já que montanha acima, em condições muito piores do que a minha, dezenas de escaladores estavam presos nos campos altos, ficando sem viveres e sem poder nem subir nem descer. No fim tiveram de abortar a escalada sem ao menos terem tido a oportunidade de tentar o cume.

Desde o começo do dia, eu, a Andrea e o Marco decidimos usar a caminhada como treino e, ao invés das quatro horas usuais, percorremos o caminho entre o campo-base chinês e o campo intermediário em apenas duas horas e vinte minutos. Durante toda a caminhada uma linda montanha está na nossa frente. Como muitas vezes acontece nas minhas escaladas ou *trekkings*, essa montanha vira minha “musa” e me pego pensando em escalá-la após o Cho Oyu. A rota parece um pouco difícil, mas viável. Mas tem muita água para passar embaixo da ponte antes disso.

O restante do grupo chega após uma hora. Comemos um pouco, hidratamo-nos e saímos para mais uma caminhada de aclimatação. O que não sabíamos é que o Victor tinha planos ambiciosos para o dia — subimos até 6.024 metros, mais de 1.100 metros acima do campo chinês! Nos últimos 300 metros, quando passo a barreira dos 5.700 metros (a maior altitude até então), começo a ficar cada vez mais cansado e os últimos 100 metros são bastante sofridos. De repente, um lindo glaciar aparece metros acima — isso é o incentivo que eu precisava para chegar à mágica marca dos 6 mil metros. É incrível pensar que estamos fazendo aclimatação em altitudes que são quase as mesmas do topo de montanhas que escalei na América do Sul no ano passado. Aqui, ainda nem chegamos ao campo-base do Cho Oyu!

Volto ao campo muito cansado e, após algumas xícaras de chá, vou para a barraca e quase instantaneamente adormeço. Acordo para jantar sem fome alguma e ainda muito cansado, mas ao comer sinto minhas forças voltando e tenho uma noite de sono recuperador.

Dia 11

Acordamos cedo para um dos grandes dias da expedição, a ida para o nosso campo-base, nosso lar por um mês aproximadamente. Quanto tempo vamos ficar lá depende muito de quando será a janela de bom tempo, como andar nossa aclimatação e como se comportará a monção. São tantos os fatores que tento nem pensar e pratico a arte de estar no presente, o que não tem sido muito difícil, já que os dias têm sido tão divertidos e bonitos.

Ao abrir a barraca pela manhã, tenho um delicioso presente, o Cho Oyu de frente para nós, agora muito mais próximo. No campo, dezenas de *yaks* estão sendo carregados com nosso equipamento. Ficamos estudando a rota enquanto o Victor nos mostra onde são os campos 2 e 3. A magnitude de tudo nos faz ficar quietos enquanto estudamos os possíveis obstáculos. Mais do que a rota, a altitude e a distância que estamos do cume, penso em nossas verdadeiras possibilidades de chegar lá. Já estamos a 4.900 metros — e ainda mais de três quilômetros verticais nos separam de nosso objetivo. Por mais que me lembre da sábia frase que diz que a melhor maneira de cumprir um longo percurso é dando um passo de cada vez, não deixa de ser intimidante pensar em todo o trabalho que tenho pela frente.

A caminhada ao campo-base é muito semelhante à etapa final para chegar ao campo-base do Everest, trilha que fiz inúmeras vezes com meus grupos. O caminho segue entre morenas e glaciares subindo e descendo por uma trilha muito acidentada. A vida desaparece e só sobra pedra, gelo e neve — e com a piora do tempo tudo se torna monocromático. Assim serão os próximos muitos dias. Seguimos em grupos separados e muitas vezes tenho que parar para achar o próximo *cairn*, montes de pedras deixados por outros escaladores como marcas no caminho.

Caminho ouvindo música e, apesar de no início me sentir cansado, aos poucos vou entrando no ritmo e os metros desaparecem. Pela manhã, conversamos com um italiano que está tentando o Cho Oyu pela terceira vez, e ele nos disse que deveríamos conservar o máximo

possível de energia, pois daqui para frente o que se gasta é quase impossível de ser recuperado. Prefiro confiar na experiência do Victor e seguir fazendo as caminhadas de aclimatação, apesar do cansaço que sei que será cada vez mais intenso daqui para frente. Essa conversa também me faz pensar novamente que existe uma chance real de não conseguir chegar ao cume. São tantas as variáveis! Por dias sinto que vou chegar e a possibilidade de fracasso nem entra na minha mente, mas de repente penso que não é assim. Durante este ano de preparação, li várias estatísticas sobre o Cho Oyu e alguns números são frequentemente citados. A chance de sucesso é inferior a 50% e a taxa de mortalidade é de 2,4%. Este número na realidade não corresponde ao risco real, já que leva em conta o número de pessoas que chegam ao cume *versus* o número de fatalidades e não o número de escaladores que tentam a montanha *versus* fatalidades. De acordo com esse número, o Cho Oyu é a montanha com mais de 8 mil metros menos perigosa, e o Annapurna a com mais mortes, chegando a 24% de fatalidades! O Everest tem ao redor de 4,5%, apesar de que nos recentes anos, com mais e mais expedições comerciais, *sherpas*, oxigênio suplementar e cordas fixas, este número vem caindo. Mesmo assim, cada escalador que entra em uma dessas montanhas sabe que está expondo sua vida. Eu pensei muito sobre isso, mas em nenhum momento cheguei a pensar em desistir, apenas tomei algumas medidas realistas, como fazer meu testamento. O risco existe e não há como negá-lo.

Durante nossa caminhada do campo intermediário ao campo-base, uma vez mais, gradualmente o Felber vai ficando para trás, e eu e a Andrea resolvemos esperar por ele. Quando ele nos alcança, diz que está muito cansado, talvez o resultado de não ter chegado acima de 5.700 metros no dia anterior e com isso não estar aclimatado como nós. Estou muito preocupado com ele e sinto que, se continuar assim, sem ser capaz de fazer as caminhadas de aclimatação, suas chances de cume ficam cada vez mais remotas. Ele é, sem dúvida, o menos forte entre nós, mas compensa isso com bom humor e determinação, o que

às vezes é mais importante do que forma física. O Victor não fala muito sobre isso, mas sinto que ele também está preocupado. No dia de cume formaremos pares que serão selecionados de acordo com o rendimento de cada um. Cada par terá um *sherpa* acompanhando com cilindros de oxigênio reserva, e imagino que o fato do Felber ser o mais lento pode criar complicações na hora da formação das duplas. Mas, até lá, muita coisa pode acontecer. Na minha experiência de guia de *trekking*, muitas vezes vi pessoas que em baixas altitudes eram lentas, mas que tiveram uma aclimação ótima e no fim estavam à frente de outros mais bem preparados fisicamente.

Após quatro horas de caminhada dura, chegamos ao campo-base, mas o trabalho não acabou. Por alguma razão os *sherpas* com os *yaks* ficaram para trás e com eles nossas barracas. Só quando chegam é que podemos montar o acampamento. Eu e a Andrea escolhemos uma das plataformas que tinham ficado das expedições do ano anterior, mas ela não é grande o suficiente e por uma hora cavamos e tiramos pedras até ela ficar do tamanho que queremos. O trabalho vale a pena, pois vamos ficar aqui muito tempo e é importante ter uma “casa” confortável.

Um pouco mais tarde, vamos para a barraca-refeitório para nos hidratarmos e ficamos sabendo que além do cansaço do Felber temos mais um problema. O Lucas deslocou um disco no pescoço, problema comum para ele, mas que aqui pode ser muito grave, pode até comprometer sua escalada. Ele já tinha tido uma inflamação na garganta no começo da expedição, e mais isso agora. Ele mal consegue mover o pescoço e está sentindo bastante dor. O Greg tenta ajudar, mas Lucas diz que normalmente remédios tardam muito tempo para agir e o que funciona para ele é uma terapia com um quiropata, e não sabemos de nenhum por aqui. O Lucas é jovem, 28 anos, tem um físico excelente, é muito ativo, mas, de acordo com ele mesmo, tem uma saúde precária e frequentemente adoecer.

Uma vez que nossa barraca está montada, instalo pela primeira vez as placas solares e as conecto à bateria. Com satisfação vejo que

todo o equipamento está funcionando adequadamente. Já estou mandando boletins para o meu *site* e também para o Webventura e para o Alta Montanha, *sites* de aventura para os quais escrevo colunas. Infelizmente, a comunicação por satélite é extremamente cara, e cada vez que envio os boletins gasto ao redor de US\$ 20, o que restringe a quantidade de fotos que posso mandar. Fico olhando os malteses usarem os quinze minutos diários que têm de seu patrocinador, a própria Thuraya de Malta, que lhes deu US\$ 3.000 de verba de comunicações. Eu até tentei buscar patrocínio para esta escalada, mas, não estando no Brasil e não oferecendo nada de novo — quatro brasileiros já subiram esta montanha —, não acreditei muito nas minhas chances e acabei não conseguindo nenhuma ajuda. A Andrea tem muito mais chances na Guatemala. Será a primeira mulher centro-americana (talvez a primeira pessoa centro-americana, já que há controvérsias se um homem guatemalteco chegou ao cume do Cho Oyu ou não) a subir um 8 mil. Andrea já foi a primeira guatemalteca a subir o McKinley e, se conseguir os Sete Cumes, será a segunda latino-americana a conseguir este feito. Já está tendo uma grande atenção da mídia de seu país e tem chances verdadeiras de conseguir patrocínio. Cada vez que abrimos nosso e-mail, ficamos na expectativa de receber a notícia de que algum dos muitos candidatos a patrocinador finalmente se decidiu. Para a Andrea, conseguir um patrocinador é mais do que simplesmente conseguir o dinheiro para as escaladas. Desde o começo do nosso projeto de escalar o Everest decidimos que iríamos escalar, patrocinados ou nos autofinanciando com nossos grupos de *trekking* e escalada. Mas, para ela, conseguir um patrocínio significa o sucesso deste projeto, significa a validação de toda a energia que colocou nessas escaladas nos últimos 18 meses. A Andrea seguia uma carreira estável, porém aborrecida, de marketing na Itália. Ela fez faculdade lá e em seguida conseguiu um emprego em uma cadeia internacional de hotéis. Trabalhou por dois anos, mas desgostosa com o estilo de vida, resolveu passar seis meses na Índia viajando de mochila. Quando estava quase para voltar para a Itália,

nos conhecemos e sua vida e seus planos mudaram radicalmente. Acabou se apaixonando pelas montanhas e começou a trabalhar comigo como guia de *trekking*. Mas, não estava totalmente feliz em me seguir profissionalmente e paralelamente começou a desenhar roupas de seda que vendia para algumas poucas lojas no Brasil e na Guatemala. Podendo dedicar pouco tempo ao seu negócio por causa de nossas constantes viagens, o negócio acabou naufragando e ela ficou se sentindo mal por não levar um projeto de maneira bem-sucedida. As escaladas vieram a ocupar este espaço e agora a medida do sucesso para ela é não só chegar aos cumes, mas ser reconhecida na forma de patrocínios e isso está colocando uma pressão muito grande nela mesmo. Sei de experiências passadas o quanto a busca de patrocínio pode ser frustrante. Sinto que, ao contrário de mim, por conta disso, ela não consegue estar completamente presente na montanha. Uma parte dela está na Guatemala pensando se os resultados que ela quer virão ou não. Uma pena...

Com o trabalho do dia feito, tenho tempo e tranquilidade para observar nosso campo-base. Ao redor de 20 expedições já estão instaladas, e o colorido das barracas transformou este lugar que de outra forma seria árido e triste. O campo-base todo está instalado em uma morena lateral e o glaciário com gelo branco está a apenas cem metros. Ao sul, agora sim muito próximo, está o Cho Oyu — de onde estamos podemos ver, ou melhor, imaginar a localização dos campos, já que eles estão situados atrás de cristas nevadas e sua vista direta não é possível. Mas, podemos ver a encosta final que leva ao platô do cume. Tanto à direita como à esquerda do Cho Oyu estão uma série de montanhas menores, que se estivessem em qualquer outra cordilheira do mundo seriam famosas e concorridas. Aqui nem nome têm. Ao lado direito de nosso campo está o Nangpa La, o lindo passo que liga o Tibete ao Nepal. Atrás de nós, ao norte, a paisagem muda bruscamente. Já não há montanhas nevadas, apenas o desolado platô cinza de onde viemos.

À noite, após o jantar, me deparo com uma cena de rara beleza. A luz da lua ilumina de forma suave as encostas nevadas do Cho Oyu e

as barracas iluminadas são como pequenas ilhas flutuando na escuridão da noite.

Dia 12

Hoje saímos para uma caminhada de aclimação subindo o glaciar que leva ao campo 1. O caminho, extremamente bonito, segue por entre o glaciar, com subidas e descidas por entre rochas e pedregulhos soltos e trechos de gelo escorregadio, o que torna a caminhada muito cansativa. A cada meia hora, o Victor reúne todo o grupo e nos faz memorizar o caminho olhando para trás, de modo que possamos voltar sozinhos mesmo com tempo ruim e pouca visibilidade, tarefa nada fácil no meio de um deserto de rochas e colinas monocromáticas. A cada parada ele anota detalhes do caminho em seu inseparável caderninho e nomeia os lugares onde estamos, nomes como Curva do Vale Estreito, Subida dos Penitentes, Caminho entre os Dois Lagos. Após duas horas de caminhada, a trilha torna-se paralela a um mar de penitentes, formações de gelo branco imaculado que são causados pela ação dos ventos e pela exposição ao sol e devendo seu nome à dificuldade que apresentam ao escalador que tem a infelicidade de se deparar com eles. No Sajama, o vulcão que é o ponto mais alto da Bolívia, tive duas horas de subida e duas de descida por entre penitentes de 50 centímetros de altura, um ao lado do outro, e foi realmente uma tortura. Aqui, os penitentes são muito mais altos, a maioria com mais de três metros de altura, e o caminho passa ao lado e não por entre eles, como na Bolívia. Até onde nossa vista pode alcançar eles se projetam verticalmente do glaciar refletindo a luz do sol. Caminho por alguns minutos e paro para contemplar e fotografar essas formações maravilhosas. Também passo por vários lagos de degelo com suas águas turquesa com vários blocos de gelo flutuando como miniaturas de *icebergs*.

Sigo por quatro horas e chegamos à base da subida que leva diretamente ao campo 1. O Felber está muito cansado e a toda hora temos que parar para esperar por ele. Será uma repetição do que passamos no McKinley, quando um dos membros do grupo era bem mais lento

do que o restante e durante toda a expedição nos fez ir mais devagar? Aqui somos mais independentes do que no McKinley, já que a montanha tem muito menos *cravasses* (fendas no gelo) e não temos que andar encordados. Lá, por três semanas, estivemos presos uns aos outros, e o ritmo do mais lento era o ritmo do grupo. Desde o começo, sabíamos que o George, um canadense de 52 anos e pouco preparo físico, não iria chegar ao cume, como realmente não chegou, mas por toda a expedição o grupo todo teve que parar onde ele conseguia chegar. No caminho entre o campo 1 e o campo 2 estávamos sob uma tormenta incrível e a uma hora do lugar onde iríamos acampar, mas ele simplesmente não conseguia mais, nem se carregássemos sua mochila. Estava exausto! Não houve outra maneira senão parar, montar acampamento sob condições atrozes, para, no dia seguinte, seguir mais uma hora e novamente montar acampamento. E isso que no McKinley montar acampamento significa trabalhar por cinco horas cavando plataformas no gelo duro e cortar blocos de gelo com serrotes para montar muros de proteção contra os ventos fortíssimos que podem despedaçar as barracas em poucos instantes. Não, isso não pode acontecer novamente. Espero que não, tanto por nós quanto por ele. O Felber tem um astral super-bom e um ótimo coração, mas decididamente até agora ele é o com pior preparo e quem está sofrendo mais com as caminhadas, embora esteja se aclimatando bem.

Quando voltamos para o acampamento, Felber está exausto e vai diretamente para sua barraca descansar. Nós passamos o restante do dia da mesma forma: conversando, jogando cartas e nos hidratando.

Dia 13

Com o céu mais uma vez encoberto, saímos para a mais dura e mais alta caminhada até agora, a ida ao campo 1 a 6.400 metros. Eu e a Andrea estamos mais rápidos e logo nos distanciamos do grupo, que se divide em grupos menores de 2 ou 3. Chegamos ao ponto que havíamos chegado no dia anterior em duas horas, metade do tempo, e seguimos até a encosta que leva ao Lake Camp, um dos possíveis ob-

jetivos do dia, se o grupo estiver devagar. Passamos pelo Lake Camp e seguimos por uma trilha muito íngreme e escorregadia rumo ao campo 1. A vista é espetacular, o que compensa o cansaço, agora muito intenso. A cada passo que damos o glaciário que desce do lado oeste do Cho Oyu vai ficando mais majestoso e finalmente conseguimos ter uma vista mais geral de onde estamos. Mas, cada passo custa e tenho de diminuir o meu ritmo e usar o *rest pace*, um passo, uma respirada e mais um passo. Aos poucos vamos ganhando altitude e ao meio-dia e meia estamos vendo uma paisagem, para mim, de sonho. Quantas vezes vi fotos ou pôsteres de acampamentos de altitude em montanhas como o Cho Oyu. Abaixo da aresta onde chegamos estão quatro grupos de barracas cor de laranja no meio de uma encosta de neve profunda. Acima das barracas a encosta branca que leva ao campo 2. Quando chego, o sol ainda brilha palidamente, mas em pouco tempo tudo se encobre e uma nevasca começa a cair enquanto o céu assume a cor de chumbo. Em pouco tempo, com exceção das barracas coloridas, tudo é tingido de um cinza feio, com a nevasca agora mais intensa. O frio também se intensifica e meu plano de ficar algumas horas lá em cima me aclimatando tem de ser cancelado. Agasalho-me e rapidamente como meu parco almoço: uma fatia de queijo, uma de salame, um pacote de bolachas e um pequeno chocolate. Enquanto como, dois carregadores tibetanos chegam com cargas enormes. Alguns escaladores contratam esses carregadores para levar seus pertences pessoais. Normalmente, os *sherpas* levam as barracas, comida e equipamento coletivo de escalada, como as cordas fixas, e cada escalador é responsável por levar suas roupas e sacos de dormir. Mas, alguns preferem poupar-se e contratam então os carregadores. Eles chegam com sede e fome e me pedem um pouco de água. Acabo dando parte do meu lanche também. Ainda não sabia que os tibetanos, sempre que encontram escaladores, pedem coisas de presente, e a repetição disso dia após dia durante toda a expedição, nas trilhas, mas principalmente no acampamento, acabou fazendo com que todos nós nos sentíssemos profundamente incomodados com a sua presença,

mesmo sabendo das causas mais profundas deste tipo de comportamento por parte deles.

Com os primeiros sinais de uma forte dor de cabeça típica de altitude, desço rapidamente, encontrando o restante do grupo subindo vagarosamente rumo ao campo 1. Mais tarde, já no campo-base, soube que todos haviam logrado chegar lá e fiquei muito feliz, pois não acreditava que o Felber conseguisse.

Chego ao campo-base com a cabeça estourando e, após beber dois copos de chá, vou para a barraca e fico a tarde toda. Embalado ao som das músicas do meu iPod, durmo no delicioso calor da barraca aquecida pelo sol da tarde.

Dia 14

Com o grande esforço do dia anterior, decretamos dia livre, o primeiro de toda a expedição. Para comemorar, o sol vem nos brindar com um dia lindo, vistas incríveis das montanhas que até agora tinham se escondido e um delicioso calor de ficar com camiseta de manga curta. Aproveito o dia para tomar banho, lavar toda roupa que usei até agora e arrumar nossas coisas na barraca extra. No campo-base todos têm uma barraca para si e, como eu e a Andrea estamos na mesma barraca, temos o luxo de ter uma barraca só para nossas coisas, uma espécie de *closet* de montanha.

Abro todas nossas roupas de pena de ganso, *sleeping bags*, casacos, *down suits* para que as penas recobrem sua forma original. É incrível o prazer de sentir o sol na pele após tantos dias de nuvens, chuva e nevascas.

Há mais uma razão para este dia ser decretado feriado. De acordo com a tradição budista tibetana, antes de cada escalada é realizado um *puja*, uma cerimônia budista, de preferência conduzida por um *lama*, para propiciar os deuses e garantir sua proteção para esta arriscada empreitada. Os *sherpas* nunca dormem na montanha antes deste *puja* e nós estamos prontos para passar nossa primeira noite no campo 1. Só que este *puja* segue regras tradicionais. Uma delas é a cuidadosa

escolha sobre o dia em que será realizado. Como não temos um *lama* conosco, nosso auxiliar de cozinha, o rapaz tibetano, foi considerado o mais apto para realizar a cerimônia, já que teve algum treino religioso anos antes. E ele decretou que o dia mais auspicioso para o *puja* seria o dia seguinte. Daí o dia livre.

Victor aproveitou para se embrenhar nas políticas que sempre envolvem o relacionamento de todas as expedições, os vários grupos comerciais e as expedições independentes. O ponto de contenda sempre revolve ao redor de quem colocará as cordas fixas. No Everest, a coisa é um pouco mais fácil, pelo menos no que se refere à cascata de gelo. Tradicionalmente, um grupo de *sherpas* faz a via e dá a manutenção e cobra um valor de cada uma das expedições. No Cho Oyu este acordo não existe e a cada ano todos os líderes das maiores expedições se reúnem e decidem quem vai fazer o que e quem vai colaborar com quantos *sherpas* e metros de corda fixa. Tudo isso envolve muita discussão, muito trabalho e gasto com material. Até agora ninguém se mobilizou para fixar cordas na montanha, e alguns grupos que chegaram antes de nós estão prontos para começar a montar os campos mais altos. No final da tarde, Victor volta e nos diz que a situação está difícil, ninguém concorda com ninguém e uma solução ainda não foi alcançada. Se até irmos para o campo 2 as cordas não estiverem colocadas, ele nos diz que espera contar com nossa ajuda. Mais tarde, chamando-me para uma conversa privada, diz que como eu e a Andrea somos os mais fortes, quer saber se podemos ajudar. De minha parte, digo que sem dúvida gostaria de participar, até porque nunca fiz isso e é um conhecimento que quero adquirir e que poderá ser muito útil no futuro. Fico muito feliz com a confiança que o Victor está colocando em mim. Cada vez mais sinto que existe uma ligação muito forte entre nós e com muita frequência penso que gostaria de também fazer o Everest com ele. Meses atrás, perguntei para ele se estaria interessado em guiar-me no Everest e ele foi bastante evasivo, dizendo que podíamos ver primeiro como iria o Cho Oyu. Na época, não entendi os motivos, mas outro dia conversando

com os malteses, eles me disseram que já combinaram com o Victor dele ser o guia deles no próximo ano. Só então entendi que o Victor já estava comprometido com eles e a decisão de mais pessoas entrarem na expedição de Malta dependeria deles e não do Victor. Prometi-me não tocar mais no assunto até o final de nossa expedição ao Cho Oyu, embora, quanto mais o tempo passa e mais me sinto à vontade com o Victor, mais tenho vontade de conversar com ele sobre isso. Mas, tinha decidido esperar, e assim será.

Recebemos mais uma visita do Martin, que nos conta que em sua expedição também tudo corre bem, que o Cliff está bem e que no dia seguinte eles farão a primeira caminhada até a base do caminho ao campo 1. Eles estão alguns dias atrás em relação ao nosso cronograma, mas vêm se aclimatando bem: Martin está confiante de que, desta vez, seu cliente irá fazer o cume. Conversamos muito sobre a Nova Zelândia e as muitas opções de escaladas, tanto em rocha como em neve e gelo, que existem nas proximidades de Wanaka, pequena cidade à beira de um lindo lago onde pretendo passar os meses de verão no final do ano. Em 1990, saí da Austrália, onde estava vivendo, para uma longa viagem de bicicleta que me levou após 8.500 quilômetros e seis meses ao Brasil. O primeiro país que visitei foi exatamente a Nova Zelândia e mais especificamente a Ilha do Sul. Fiquei deslumbrado com a viagem e com o país e prometi voltar, mas até hoje isso não aconteceu. Além de pedalar por três meses pelas tranquilas estradas de montanha, fiz, também alguns *trekkings* e em um deles tive a oportunidade de acampar em um pequeno platô ao lado de uma pirâmide perfeita de gelo, o Mount Aspiring, uma das mais lindas montanhas do planeta, na minha opinião. Prometi voltar lá um dia para escalá-la. E o Aspiring está a poucos quilômetros de Wanaka. Martin é zen-budista e conversamos bastante sobre budismo e ele ficou muito entusiasmado quando soube que Sua Santidade o Dalai Lama vai fazer duas conferências em Auckland no começo de dezembro. Dias mais tarde, estávamos na trilha e voltamos a encontrar-nos e ele me disse, com sua exuberância habitual, que havia ligado para sua espo-

sa e ela tinha conseguido ingressos para ouvir Sua Santidade. Fiquei muito feliz por ele.

Hoje, dando uma pequena caminhada nas proximidades de nosso acampamento, percebo que muitas outras expedições chegaram. Isso ao mesmo tempo me surpreende e me desaponta. Desde as últimas olimpíadas, quando o Tibete ficou fechado para turistas e escaladores, que os grandes operadores de escaladas comerciais migraram para as montanhas nepalesas e, no caso do Everest, para o lado nepalês desta montanha. Empresas como a Mountain Madness e a Himax, do Russel Brice, este ano decidiram oferecer Manaslu em vez de Cho Oyu e escaladas pela face sul do Everest. Mesmo nossa expedição esteve balançando entre Manaslu e Cho Oyu por um longo tempo. Existiam mil boatos de que novamente este ano o Tibete seria fechado. Existia até uma data, 20 de setembro. Até pouco antes de sairmos de Katmandu ainda existia a possibilidade de migrarmos para o Manaslu, a oitava mais alta do planeta. Felizmente, isso acabou não acontecendo. Mas, com todo este problema, pensei que haveria muito poucas expedições na montanha. Isso teria duas consequências, uma boa e uma ruim. A boa seria que não teríamos problemas de congestionamento no dia de cume, mesmo que a janela de bom tempo fosse pequena. A ruim é que teríamos mais problemas para organizar as cordas fixas e que eventualmente teríamos que “abrir” a trilha para o cume, o que com neve fresca e profunda é uma das coisas mais cansativas em uma escalada. Mal sabia que isso estava longe de acontecer...

Dia 15

Hoje é o segundo dia mais importante da expedição. Claro que o dia de cume ocupa a mente e os sonhos de todos, mas para os *sherpas* não existe evento mais importante do que o de hoje, o dia do *puja*. Desde cedo eles estão fazendo os preparativos para a cerimônia, enfeitando o altar feito de pedras, organizando as bandeiras religiosas, fazendo as pequenas estátuas de *tsampa*, cevada moída e torrada, decoradas com manteiga. Estranhamente, as bebidas não são o que se esperaria

e bandejas de Coca-Cola e cerveja são levadas para o altar. O mestre de cerimônias é o nosso auxiliar de cozinha, que, sendo o único da equipe com treino de monge, conduz a recitação de *sutras* lendo de um surrado livro. De tempos em tempos, todos nós jogamos grãos de arroz em direção à Deusa Turquesa, solicitando sua proteção e favores para que tudo saia bem em nossa empreitada. Estamos indo onde não devemos, para a moradia dos deuses, e só com sua generosa permissão temos alguma chance de sair ilesos em nossa tolice de penetrar onde não pertencemos.

Enquanto ouço o suave som da reza, olho para o Cho Oyu erguendo-se 2.500 metros acima de mim, apesar de já estar a uma altitude tão elevada. Hipnotizado pela atmosfera espiritual, imagino como serei capaz de chegar ao topo, se aqui os pequenos esforços, ir da minha barraca até a barraca-refeitório, já me deixam ofegante. Olho a rota que, desde este ponto de vista, apresenta paredes de gelo impossivelmente verticais e longas colinas de neve profunda. Mais uma vez digo para mim mesmo que cada longa jornada tem de ser feita passo a passo e que é isso que temos feito até agora, ganhando cada metro, dia a dia.

Após meia hora de orações, o clima descontraí e jogamos punhados de *tsampa* que flutua no ar cobrindo todos de uma fina poeira. Aí, com a típica atitude de brincadeira em tudo o que fazem, os *sherpas* pintam o rosto de todos nós com *tsampa* e saímos como que preparados para a guerra. Mas por detrás da brincadeira existe um simbolismo muito bonito neste ato. Como a *tsampa* é um pó claro, ao colocar no rosto de nossos companheiros de escalada estamos desejando que vivam até que seus cabelos sejam da cor da *tsampa*. De tempo em tempo um dos enormes corvos que habitam o campo-base vem e pousa no altar, de onde os *sherpas* o enxotam prontamente. Posso perceber que eles veem estes animais com desconfiança e superstição, como que o fato de eles pousarem no altar fosse um mau *omen*. Os *sherpas* encaram escaladas de maneira muito diferente de nós. Para eles escalar, ou, mais propriamente, ajudar escaladores estrangeiros a chegarem ao cume das altas montanhas, é apenas uma profissão

e não um esporte ou mesmo um prazer. Se durante um *trekking* ganham ao redor de US\$ 12 por dia, em uma escalada ao Everest podem ganhar US\$ 5.000 por dois meses de trabalho, uma soma de dinheiro considerável em um país onde o salário médio é de US\$ 1 por dia! Sabem que arriscam suas vidas, mas a tentação é grande demais. Mais: é uma carreira de modo geral bastante breve. Após algumas expedições economizado algum dinheiro, normalmente suas famílias os fazem parar. O exemplo de nosso *sardar*, o chefe da equipe nepalesa, o Padawa, é bastante raro. Já escalou o Everest 12 vezes, o Cho Oyu cinco e também algumas outras montanhas de mais de 8 mil e ainda continua trabalhando. Quando pergunto se não há pressão familiar, ele dá um sorriso maroto e sacode os ombros como para dizer: “Sim, há pressão, mas não ligo”. Mesmo assim, não creio que escale por prazer apesar de sentir que gosta de seu trabalho.

No final do *puja*, um grupo de tibetanos aproxima-se timidamente e senta próximo a nós. São ao redor de dez e todos vestem trajes tradicionais misturados com peças de roupa de montanha recebidas de presente de escaladores. Têm os cabelos longos em uma trança que prendem no topo da cabeça. No final da trança está entrelaçada uma franja de material vermelho. Suas feições são duras e um pouco abrutalhadas e a pele mostra o dano causado por uma vida toda exposta ao frio e ao vento. Seus rostos refletem a dureza da paisagem do seu país. O Tibete, em grande parte, é um platô de grande altitude, e água é considerada um artigo de luxo. Diz-se que os tibetanos veem o povo da Mongólia, que tradicionalmente toma banho três vezes em suas vidas, quando nascem, quando casam e quando morrem, como excentricamente higiênicos. Ao contemplar esse grupo, me questiono como é que eles e os *sherpas* são o mesmo povo, com apenas 500 anos de separação. A palavra *sherpa* na língua local significa povo (*pa*) do leste (*sher*) mostrando que emigraram do leste do Tibete para as regiões mais férteis ao sul. Em tudo os *sherpas* são diferentes. Suas feições são mais suaves, seu comportamento muito mais amistoso e amigável. Em 20 anos de Nepal, nunca vi um *sherpa* mendigando, enquanto que para os tibetanos esta

é uma prática corrente. Não é à toa que as expedições trazem quase todo seu *staff* do Nepal, apesar de que aqui poderiam contratar gente de maneira muito mais barata.

Os tibetanos sabem que neste tipo de cerimônia todos são bem-vindos e em breve estão comendo bolachas, Pringles, pães locais e todas as demais oferendas, além de tomarem cerveja e Coca-Cola. Na Ásia existe uma atitude muito prática em relação às oferendas. Elas são colocadas nos altares, ficam lá um tempo e então são comidas pelas pessoas. Os deuses ficam com a essência e as pessoas com a matéria. Nada é desperdiçado. Desconfio que, nesses dias que antecedem a subida aos campos mais altos, os tibetanos fazem a ronda dos acampamentos, fartando-se de oferendas nos *pujas* das várias expedições.

No final do *puja* o Victor olha para as montanhas e comenta comigo: “Acho que os *sherpas* têm um sistema meteorológico mais avançado do que o nosso, pois em todas minhas expedições eles sempre escolheram dias de bom tempo para realizar o *puja*.”

E, realmente, o dia estava, pela primeira vez desde Tingri, completamente aberto. Hoje também é a primeira vez que recebemos a previsão meteorológica oficial: De acordo com ela teremos bom tempo até o dia 24 de setembro, ou seja, onze dias de bom tempo; depois mal tempo por outros dez dias pelo menos. Onze dias! Ainda não iniciamos nosso primeiro ciclo e só temos onze dias para chegar ao cume! Essa notícia, mais do que verdadeiramente preocupar, serve como tema de conversas já que sabidamente as previsões de tempo são muito imprecisas após cinco dias. Estranhamente, os *sherpas* também estão dizendo, por outras razões, que o tempo irá virar ao redor do dia 25. O dia 26 é considerado um dia pouco auspicioso e eles querem estar fora da montanha antes disso. De qualquer forma, estou feliz por estar subindo com bom tempo, mesmo que isso não dure muito. Nunca esperei escalar um 8 mil com bom tempo durante a expedição toda. Isso não seria realista.

Volto para o acampamento feliz com o que vivi nessas marcantes duas horas de espiritualidade e tradição. Durante o restante do dia

nos dedicamos a arrumar novamente nosso equipamento e separar o que ficará no campo-base e o que subirá para os campos de altitude. Resolvo levar uma mochila pesada com boa parte do que precisarei durante os próximos ciclos para que, mais tarde, quando for aos campos altos no ciclo do cume, possa subir mais leve. Já fui uma vez ao campo 1 e espero que desta vez, mais aclimatado, a subida seja mais fácil.

O restante do grupo contrata carregadores tibetanos para levar seu equipamento pessoal. Para mim é estranho caminhar sem minha mochila, sem minhas coisas. Mesmo nos *trekkings* que guio onde tenho carregadores para os clientes, eu mesmo carrego minhas coisas e comumente estou com uma mochila de 20 a 30 quilos. Sendo assim, não vejo porque mudar aqui no Cho Oyu. Outros do grupo, principalmente o Lui, têm outra filosofia. Preferem guardar forças para o que virá depois. Mesmo durante nossas brincadeiras de escalada em rocha, e ele é escalador de rocha, o Lui preferiu ficar no acampamento e guardar energias. Não concordo com esta estratégia. Acho que, se estivermos o tempo todo ativos, estaremos nos preparando melhor para a montanha. No McKinley carregávamos mochilas de 30 quilos, além de outros 20 quilos no trenó, e trabalhávamos quatro ou cinco horas para montar o acampamento, e a aclimação do grupo foi ótima: não tivemos ninguém com problemas de altitude. Acho que esta fórmula funciona melhor. Separo então minhas botas duplas, os *crampons*, o *ice axe*, cadeirinha, *jumar*, mosquetões, saco de dormir mais quente, além das roupas que irei usar lá em cima. Ao montar a mochila, vejo que estou com 20 quilos, bastante peso para esta altitude, mas nada que não esteja acostumado a carregar.

No final da tarde, o Victor vem com boas notícias: os líderes das maiores expedições tiveram uma nova reunião e concordaram com o sistema de divisão do trabalho e gastos com as cordas fixas. Aos nossos *sherpas* coube a missão de fixar as cordas entre os campos 1 e 2. No dia seguinte, partiriam muito cedo com o plano de subir ao campo 1, fixar as cordas e voltar para dormir no campo-base. Sua inesgotá-

vel energia não deixa de me assombrar. Em 1989, eu cometi a imprudência de me juntar a um grupo de 30 *sherpas* para fazer um curso de guia de montanha organizado pela Nepal Mountainring Association e pelo Clube Alpino da Iugoslávia. Eu tinha 33 anos, estava voltando de uma dura viagem de *mountain bike* pelos Himalaias Indianos com três meses de duração e estava me sentindo super-bem fisicamente. Não lembro de outros 40 dias tão duros em minha vida! Nosso campo-escola estava a 3.200 metros, nossos campos-base acima de 5 mil metros e subíamos carregados com mochilas pesadíssimas com equipamento velho, ultrapassado e pesado. Fazíamos o percurso em apenas um dia! Todos subiam quase correndo e sempre contando piadas, histórias e rindo e eu seguia atrás, ofegante e morrendo de dor de cabeça. Quando finalmente chegava ao acampamento, as barracas já estavam montadas, inclusive a minha, já que era considerado “café com leite”. Entrava em meu *sleeping bag* e dormia imediatamente, quando a minha cabeça deixava. No dia seguinte, escalávamos ainda mais alto e voltávamos ao campo-base. Era como li em um livro de escalada recentemente: “Nós não pertencemos ao Planeta *Sherpa*”.

Vou deitar cedo, mas uma dor nas costas me impede de dormir e resolvo tomar um anti-inflamatório, pois essa dor já vem me incomodando há alguns dias.

Dia 16

Já conhecendo o caminho até o campo 1, fomos liberados por Victor para subir no horário que quiséssemos, sempre em grupos de no mínimo duas pessoas. Neste terreno acidentado e isolado, uma simples torção de tornozelo pode tornar-se um problema sério caso você esteja sozinho. Saio com a Andrea após um descontraído café da manhã e fazemos a caminhada ao campo 1 em um pouco mais de três horas, apesar de nossas mochilas pesadas. O plano de aclimação está funcionando bem e a cada vez consigo fazer o mesmo trecho com mais rapidez e facilidade. O plano para este ciclo é dormir uma noite no campo 1, no dia seguinte chegar próximo ao campo 2 e daí voltar

ao campo-base para recuperação por duas noites antes de iniciar o segundo ciclo. Não existe habitação humana permanente acima de 5.100 metros e isso porque não ocorre aclimatação verdadeira acima desta altitude. O que acontece é certa adaptação, mas mesmo no final da expedição, após quase um mês em altitude, eu não conseguia andar mais do que poucos metros no campo-base sem ficar ofegante. Mas, mais do que isso, acima de 6 mil metros o corpo deixa de assimilar a alimentação e a perda muscular é acelerada. Com isso, é importantíssimo passar alguns dias no campo-base para recuperar-se dos dias acima dos 6 mil metros. Esta é a explicação dos ciclos de escalada. A cada subida temos que voltar ao campo-base para recuperar, embora o desgaste de energia para percorrer o longo caminho do campo 1 ao base seja considerável.

No segundo ciclo, após o descanso, subiremos ao campo 1 para dormir uma noite. Seguiremos então para o campo 2 (7.100 metros) para uma noite e novamente descenderemos para o base para três dias de descanso. Faremos então o terceiro ciclo com uma noite no campo 1, subida ao campo 2 para algumas horas de descanso e daí seguir para o cume ao redor da meia-noite desse dia. Isto é, para aqueles que forem tentar o cume com oxigênio. Para os que não, e isso a princípio me incluía, além da Andrea, do Lui e do Lucas, o terceiro ciclo iniciaria um dia antes. Passaríamos uma noite no campo 1, uma no campo 2 e daí seguiríamos para o campo 3 (7.500 metros) onde descansaríamos por algumas horas antes de partir para o cume. A ideia era que, no final, todo o grupo chegaria mais ou menos ao mesmo tempo no cume. Os que tentassem sem oxigênio partiriam de mais alto e seriam mais lentos, sendo alcançados pelo grupo que saiu de mais abaixo e mais cedo.

Nesses dias, o debate sobre com oxigênio *versus* sem oxigênio está cada vez mais acalorado. Os três malteses desde o início decidiram fazer com oxigênio artificial e defendem ferozmente esta ideia. Eles querem contar com todas as chances de chegar ao cume e acham tolice nós quereremos arriscar fazendo sem. Para cada um de nós quatro

que queremos fazer sem oxigênio as razões são diferentes. Para a Andreea (que nunca teve uma dor de cabeça por altitude em sua vida e que, de um modo geral, é muito forte na montanha apesar de seus 51 quilos e corpo delgado) é uma questão de achar que não é necessário. Para o Lucas e Lui porque eles acham que essa é a maneira correta de subir uma montanha. Para mim porque, como o Cho Oyu é 600 metros mais baixo do que o Everest e como pretendo escalar o Everest com oxigênio artificial, acho que as duas montanhas se equivaleriam se fizer uma com e a outra sem. Os 600 metros são compensados pelo não uso de oxigênio. O Felber desde o começo tinha decidido fazer com oxigênio, e seu pobre desempenho só atesta sua decisão. A minha também está baseada em uma conversa que tive com o Victor, mais de um ano atrás, quando nos encontramos em Lobuche, próximo ao campo-base do Everest. Naquela ocasião, ele me disse que para montanhas abaixo de 8.500 metros ele achava que o esforço carregando os cilindros de oxigênio, três quilos cada, não compensava o ganho que seu uso proporciona. Estranhamente, durante esta expedição, ele parece ter mudado de opinião e eu sinto que cada dia, mais e mais, ele coloca pressão para que o grupo todo faça usando oxigênio. A mudança de posição talvez esteja acontecendo porque, quando conversamos sobre isso em Lobuche, ele não era o meu guia e, portanto, não era responsável por mim. Agora, tem um grupo sob sua responsabilidade e com certeza sente-se muito mais seguro levando todos usando oxigênio. O uso suplementar de oxigênio não só dá mais forças como também faz com que os riscos de congelamentos de extremidades sejam muito mais raros. Em montanhas de elevação extrema, como o Cho Oyu, nosso corpo produz uma quantidade grande de glóbulos vermelhos para compensar o pouco oxigênio disponível. Com isso, o sangue aumenta muito sua viscosidade e tem dificuldade de chegar às extremidades. Com o frio, existe uma natural vasoconstrição que prejudica ainda mais a perfusão periférica que, associada ao aumento da viscosidade, acaba podendo provocar congelamento de extremidades (*frostbite*) com perdas de extremidades como dedos

das mãos, pés, nariz, orelhas etc. Tudo isso pode acontecer em montanhas mais baixas também, mas nas com mais de 8 mil metros existe mais este fator que ajuda aos demais na ocorrência frequente de congelamentos. Para qualquer reação de queima existe a necessidade de dois componentes, o combustível e o comburente. Sem oxigênio não há queima e nas células o açúcar do sangue não consegue ser transformado em energia e com isso não há produção de calor. Em muitos relatos de escaladores que estão sem oxigênio e se veem obrigados a usá-lo no meio da escalada, a primeira sensação que contam não é a volta das forças e sim de uma deliciosa onda de calor, resultado da produção de energia na presença de oxigênio.

Sejam quais forem as motivações do Victor, nunca chegamos a falar disso abertamente, sinto que cada vez mais ele coloca pressão para que mudemos nossa posição. Com muita frequência declara para todos: “Se vocês não escalam mais rápido do que eu, não podem pensar em escalar sem oxigênio. Sou velho e escalo devagar, portanto, se querem tentar sem oxigênio têm que ser mais rápidos do que eu.”

Apesar de ter 59 anos e um porte físico muito pequeno, Victor é um escalador profissional com muitos feitos em seu nome. Já escalou o Everest quatro vezes, o Cho Oyu três e fez inúmeras primeiras escaladas nos Himalaias. Para mim, seu argumento não é válido e me sinto incomodado com seu cada vez mais frequente desestímulo para que façamos nossa escalada da maneira como sonhamos.

Caminho bem até o começo da subida íngreme que leva do Lake Camp ao campo 1. A partir de então começo a ter uma leve dor de cabeça e enjoo. Chego ao campo 1 em um excelente tempo, mas me sentindo muito mal. Vou direto para a barraca que nossos *sherpas* já haviam montado dois dias atrás e lá fico ouvindo as vozes excitadas de todos os membros do grupo que vão chegando. A paisagem deve estar espetacular, mas não tenho disposição de sair da barraca para admirar. Tento comer e me hidratar, coisa que, com a altitude, vai tornando-se mais e mais um trabalho e menos um prazer. Mas, a náusea vai piorando, embora a saturação sanguínea (porcentagem de glóbu-

los vermelhos carregando oxigênio medido através de um oxímetro) esteja razoavelmente boa e a dor de cabeça melhorando. Passo toda a tarde deitado, dormitando, até que de repente levanto e tenho o tempo exato de abrir o zíper da barraca e vomitar uma quantidade imensa de líquidos e comida não digerida. Sei então que os planos de subir no dia seguinte para mim estão cancelados. Passo a noite sentindo-me mal física e psicologicamente. Novamente, como em tantas outras vezes na minha experiência de escalador, eu me deparo com uma condição de saúde que ameaça meus planos. Enquanto fico deitado na barraca, lembro de problemas semelhantes no Chimborazo e no Sajama no ano passado, quando também tive náusea e vômitos no dia de cume. Nessas ocasiões, apesar disso, ainda consegui chegar ao topo, mas agora é diferente. Estou frente a um desafio muito maior e meu processo de aclimação estará prejudicado se não conseguir subir amanhã. Adormeço com pensamentos sombrios e preocupado.

Dia 17

Acordo cedo e ligo o fogareiro para derreter neve para o café da manhã da Andrea e para a água do dia. Estou decidido a ficar na barraca aclimatando e talvez tentar subir no dia seguinte se um dos *sherpas* se dispuser a ficar no campo 1 mais uma noite. Enquanto a Andrea se prepara, o Victor vem até a barraca para ver como eu estou, e quando eu lhe digo que acho melhor não subir, pois estou sem nada no estômago há mais de 24 horas, ele me diz em sua maneira direta: “Já subi ao cume de várias montanhas sem ter comido nada há três dias, pois a comida havia acabado, e nem por isso morri.”

Ele está se referindo às suas escaladas em estilo alpino onde você sai para a montanha com a comida contada e, se algo inesperado acontece, a comida simplesmente acaba. Ele diz que isso não deveria me impedir de seguir meu programa de aclimação. Reflito e vejo que eu realmente tenho condições de pelo menos tentar, e o que está me segurando é mais o medo do que a falta de forças. O que pode acontecer? Na pior das hipóteses, me sentirei fraco e voltarei para a barraca. Resolvo tentar.

Saímos às 9h com um dia lindo e de cara subimos uma encosta de neve de inclinação de 40 graus facilitada pela presença de degraus cavados por outros escaladores que já haviam subido antes. Sigo bem devagar, tentando não ficar ofegante, mas a náusea continua forte e sinto mais uma vez minhas forças me abandonarem. Aos poucos vou sendo ultrapassado pelos outros companheiros, e após uma hora estou no fim da fila, situação um pouco nova, já que desde o início da expedição sempre sou um dos primeiros. Mais por teimosia do que por forças, prossigo subindo até que encontro o grupo todo parado na base do *ice cliff*, o maior obstáculo do trajeto entre o campo 1 e o 2, uma parede vertical de neve e gelo de 50 metros de altura. Na subida com cordas fixas está um grupo que por alguma razão não se mexe. Victor, que havia chegado lá há quase uma hora, nos diz que eles não haviam movido quase nada e ele está congelando com o intenso vento frio que começou a soprar desde às 10h30. Resolvemos abortar a subida ao campo 2 e voltar ao campo-base. Para mim foi um alívio, já que, se eles tivessem decidido prosseguir, eu teria feito o erro de tentar subir também, o que teria sido muito além de minhas forças naquele momento. Pior do que isso, a volta envolveria um rapel vertical na descida do *ice cliff*, o que nas minhas condições seria um tanto perigoso. Aliviado, volto rapidamente ao campo 1 e de lá, após comer, parto para o campo-base. Esperava melhorar com a rápida perda de altitude, mas isso não ocorre e a cada passo me sinto mais cansado. Após duas horas de caminhada, mal consigo colocar um passo em frente ao outro e a tentação de parar e ficar sentado é cada vez maior. A náusea piora com o esforço da caminhada pela morena com as intermináveis subidas e descidas e em um ponto me sento em uma rocha e em meio a dores horrorosas, vomito mais uma vez tudo o que havia comido e bebido neste dia.

Surpreendentemente, sinto-me muito melhor e consigo chegar ao campo-base sem maiores problemas.

Já senti Mal de Altitude vezes o suficiente para saber que desta vez algo está diferente. A náusea não está acompanhada da usual dor de

cabeça e também sinto uma queimação na boca do estômago. Lembro-me do que o Fernando Cruz, outro guia de montanha, me contou. Por muitos anos ele não conseguia chegar ao cume do Aconcágua por sentir náusea e que após tomar uma medicação para o estômago seus problemas terminaram. Converso com o Greg, o médico da expedição, e ele confirma que é comum ter refluxo gástrico ou aumento de sensibilidade a medicamentos em altitude. Um pouco aliviado, resolvo começar a tomar Imeprazol, um protetor gástrico, torcendo para que o que senti não seja Mal de Altitude e sim um efeito colateral de estar em altitude. Agarro-me a esta ideia como alguém se segura a uma boia em alto-mar. E se para mim fosse como para o Fernando, que com um simples medicamento faz os acessos de náusea em altitude desaparecessem como que por magia? Repasso todas as vezes que isso já aconteceu e vejo que quase sempre a história segue o mesmo padrão. Chego à altitude, tenho um pouco de dor de cabeça, tomo uma medicação analgésica e no dia seguinte, durante a escalada, tenho náuseas e vômitos. Mesmo desta vez tinha sido assim. Dois dias antes tinha tomado um anti-inflamatório para a dor nas costas. O problema é que, em condições normais, posso tomar qualquer medicamento que não tenho efeito colateral algum. Talvez por isso nunca tenha feito a associação. Mas, e se em altitude isso se revertesse e o fato de tomar qualquer remédio desenvolvesse em mim uma gastrite medicamentosa e refluxo? Só há uma maneira de saber: tratar e ver o que acontece.

O segundo ciclo

Dia 18

Hoje foi dia de descanso para nos prepararmos para o novo ciclo que nos levará ao campo 3 dormindo uma noite no campo 1 e outra no campo 2.

Como única atividade, separei a comida para este novo ciclo e, ao fazer isso, me lembro do dia de *briefing* do McKinley, onde escolhemos os *snacks* para toda a expedição. Desta vez, mais experiente, escolho vendo o valor calórico *versus* o peso. No dia anterior ao de voarmos para o McKinley, tivemos uma reunião com todos os membros da expedição e nos pediram para escolher os *snacks* que seriam nossos lanches. Talvez pela palavra *lunch* em inglês se parecer com nossa palavra lanche, escolhi meus *snacks* baseado naquilo que gostava e no que achava que iria “cair melhor” na altitude. Não levei em conta o valor calórico e acabei levando muitos *snacks* que tinham não mais do que 100 calorias. Dois dias depois, já na montanha e sem volta, percebi que esses seriam nossos almoços e por toda esta expedição fiquei faminto por conta de uma má decisão.

Hoje sabemos que dois amigos do Felber, o Marcelo e o Maduro, chegaram ao campo-base. Eles optaram, por questões filosóficas e financeiras, pela maneira mais econômica de escalar a montanha. Contrataram os serviços de uma empresa nepalesa para organizar suas

permissões de escalada. Seu transporte e o restante da montanha vão fazer independentemente. O problema é que eles têm pouca experiência em alta montanha, tendo escalado apenas algumas de 6 mil metros de altitude na América do Sul. Estamos preocupados por eles, pois vão dar um salto muito grande de objetivos em relação ao que já fizeram antes — vão tentar o Cho Oyu sem *sherpas* para ajudá-los a montar os acampamentos e também sem oxigênio suplementar. De qualquer forma, é bom saber que tantos brasileiros estão na montanha, seis no total, e se todos conseguirmos chegar ao cume mais do que dobraremos o número de brasileiros que chegaram lá. Para um país como o Brasil, que não tem montanhas altas e nem mesmo neve, já contamos com nove escaladores que chegaram ao topo de pelo menos um 8 mil. O Marcelo vem nos visitar e conta sobre seus planos. Já tinha montado barraca ao lado de nosso acampamento quando contamos para ele que, assim como nós havíamos feito dias antes quando ainda estávamos no campo-base chinês, a área que ele tinha escolhido já havia sido reservada por outra expedição. Ele não teve escolha senão mover seu acampamento para outra área. Este foi o primeiro dos muitos contratempos e erros que iriam enfrentar na montanha.

À tarde, Victor conta que conseguiu outro boletim meteorológico, desta vez norte-americano, e as informações são as mesmas. O tempo deverá ficar bom até o dia 24 e depois mudará. Hoje é dia 16, portanto temos nove dias para alcançar o cume. Fazemos nossos cálculos e vemos que não será possível seguir o cronograma pensado inicialmente. Teremos que economizar um dia em alguma parte do plano, que segue da seguinte forma: dia 17 começaremos o segundo ciclo e dormiremos no campo 1; dia 18 no campo 2; dia 19 subiremos ao campo 3 e voltaremos para dormir no campo 1; no dia seguinte de volta ao campo-base e descanso nos dias 21, 22 e 23.

Falta-nos um dia ou dois, dependendo se vamos fazer com ou sem oxigênio. Depois de muito conversar e argumentar, resolvemos seguir nossos planos originais e ver o que as próximas previsões meteorológicas dirão. Até um dia antes do cume poderemos mudar de tática.

Posso ver que dentro do grupo as opiniões variam. A Andrea e o Lucas preferem correr com o programa e tentar o cume antes da janela fechar. Eu normalmente teria tido a mesma opinião, mas por alguma razão estou tão tranquilo nesta expedição que não me importo se tiver de esperar por uma nova janela. Quero ter certeza de que estou perfeitamente aclimatado quando chegar o dia de tentar o cume. Sei que é quase impossível tentar o cume duas vezes em uma mesma expedição. Os dias em grande altitude acabam com as reservas e é necessário um período longo de descanso para uma nova tentativa bem-sucedida. Outra razão para minha calma é que estou tão feliz de estar aqui que não tenho pressa alguma para que esta experiência termine. Já o Lucas é mais incisivo em sua opinião: “Se tiver que ficar aqui dez dias de mau tempo esperando para ir ao cume, acabo me atirando em uma das *cravasses*.”

Mas para mim nem sempre foi assim e sinto que esta calma é muito bem-vinda. Apesar de minha enorme vontade de chegar ao cume desta montanha, não sinto os “sintomas” do que em inglês é muito apropriadamente chamado de *summit fever*, ou febre de cume. O desejo demasiadamente forte de atingir o objetivo pode cegar o escalador e ter consequências perigosas; às vezes até fatais. Experimentei algo semelhante anos atrás na Bolívia. Esta não é a primeira vez que penso seriamente em escalar o Cho Oyu e Everest. Em 1999, munido desta ambição, fui para a Bolívia com um amigo norte-americano e passamos todo o mês treinando na Cordillera Real. Não estávamos querendo fazer cumes, apenas melhorar nossa técnica. Escalávamos paredes semiverticais de gelo, encostas inclinadas de neve, fazíamos treinos de técnicas de resgate em *cravasses*, aperfeiçoávamos nossa técnica de colocar segurança — essa foi uma das experiências mais interessantes que tive em montanhas. Meu plano era no ano seguinte escalar o Ama Dablan, no Nepal, o McKinley, no Alaska, e em seguida partir para um 8 mil. Mas, antes disso, tinha me proposto um desafio final na Bolívia: escalar a parede oeste do Huayna Potosi, mil metros de gelo e neve verticais chegando ao seu cume a 6.100 metros. O Huayna é dos mais populares picos da

América do Sul, oferecendo a oportunidade para pessoas pouco experientes chegarem ao cume de uma montanha com mais de 6 mil metros sem grandes dificuldades por sua via normal. Já a Cara Oeste é uma das mais difíceis vias da Bolívia — um desafio cobiçado por vários guias de montanha bolivianos. Tinha decidido que se conseguisse fazer esta via estaria pronto para o Ama Dablan, o McKinley e os 8 mil. Meu amigo Glen teve de voltar e segui para o Huayna com Pablo, um guia boliviano que também não havia feito a via.

Uma das grandes vantagens de escalar na Bolívia é a facilidade de acesso a várias de suas montanhas com mais de 6 mil metros e o fato de La Paz ser tão alta. Dessa forma, é possível fazer a aclimação na cidade, e então pegar um carro e em não mais do que cinco horas estar em um dos campos-base. Partimos de La Paz no começo da tarde e em breve estávamos com nosso acampamento montado a cem metros da impressionante parede. Tínhamos levado um cozinheiro conosco, não tanto para não ter de cozinhar, mas para que, na manhã seguinte, quando partíssemos para a escalada, ele pudesse voltar com nossa barraca e com as coisas que não íamos precisar. Planejávamos descer pela via normal, muito mais fácil. Fizemos um jantar cedo, hidratamo-nos e fomos dormir com o sol se pondo e tingindo a face de tons de cor-de-rosa e laranja. Estava confiante, sentia-me forte, bem treinado e aclimatado. Normalmente, durante o inverno, a Bolívia tem um clima consistentemente bom. O período de chuvas e nevascas normalmente é o verão. Mas, neste ano, as montanhas apresentavam outro padrão: céu azul e sol nas manhãs e nevascas no final da tarde. Como normalmente escalamos à noite e estávamos de volta ao acampamento quando o mau tempo chegava, este padrão climático não chegava a atrapalhar. Tínhamos calculado que a parede nos tomaria ao redor de 12 horas de escalada por seu tamanho e complexidade técnica e planejamos sair às 3h para podermos estar no cume no meio da tarde e no campo-base do outro lado antes do pôr do sol. Não nos preocupávamos muito com a descida. O caminho era bem marcado pelos inúmeros grupos que sobem pela normal e não havia riscos de avalanche.

Às 2h da manhã acordamos e extremamente desapontados vimos que estávamos no meio de uma enorme nevasca. Não havia a menor possibilidade de tentar subir. Sem ter o que fazer, voltamos tristes a dormir. No dia seguinte, eu tinha voo para o Brasil e ele outros compromissos. Essa era nossa única chance. Mas, não havia o que fazer.

Acordamos às 7h com o sol iluminando nossa barraca. O lugar estava lindíssimo com a neve cobrindo tudo e a parede iluminada pela luz suave do começo da manhã. Nosso cozinheiro preparou nosso café da manhã enquanto desmontávamos o acampamento para voltar a La Paz. Enquanto trabalhávamos olhávamos para a parede a poucos metros de nós parecendo completamente segura, como que nos chamando. Olhávamos um para o outro, suspirávamos e seguíamos empacotando tudo. Em pouco tempo chegaria o Land Rover que nos levaria de volta. Quando acabamos, ficamos estudando a rota. Quem sabe no próximo ano... De repente, como se um estivesse lendo o pensamento do outro, propus que subíssemos. Ele concordou imediatamente.

“Mas é loucura”, eu disse. “Eu sei”, ele assentiu. “Mas, e a nevasca que sempre cai pela tarde?”, questionei. “Eu sei”, ele repetiu. “Não, é muito perigoso. A montanha está carregada de neve fresca e o risco de avalanche é enorme”, ponderei. “Se escalarmos rápido podemos chegar ao topo antes do mau tempo,” disse ele. E, em menos de meia hora, contra todo o bom senso, estávamos começando a escalada. Era a *summit fever* agindo. Chegamos ao cume às 21 horas após 12 horas de escalada tensa. Como previsto, às 15h recomeçou a nevar e as condições deterioraram rapidamente. Em certo momento, o risco de avalanche era tão grande que resolvemos entrar em uma *cravasse* e aguardar a melhora das condições. Hoje, passado todo o *stress*, fico feliz de haver subido, mas não creio que possa dizer que foi uma escalada prazerosa. O constante risco eminente de morte impediu que aproveitasse as lindas vistas do Lago Titicaca, as fantásticas formações de gelo azul e o desafio desta difícil via. Tivemos sorte de sair vivos, mas fomos irresponsáveis.

Desta vez, no Cho Oyu, não sinto que tenho que fazer de tudo para chegar ao cume. Aprendi a lição.

Dia 19

Resolvo ficar no conforto do campo-base até as 11 da manhã. Não há nada para fazer no campo 1 a não ser esperar o dia seguinte, comer e hidratar. O sol aquece a barraca deixando-a como um ninho e também tenho uma enorme preguiça de percorrer os mesmos caminhos do campo-base ao campo 1, trajeto que já fiz mais vezes do que desejaria.

Saio do campo-base com uma mochila de 16 quilos e um misto de otimismo e apreensão. Estou indo até 7.500 metros, de longe o mais alto ponto de minha vida, e para passar uma noite a 7.100 metros, algo que com meu histórico de aclimação vagarosa inspira bastante medo. Só quem já passou uma noite em claro com a cabeça explodindo com a dor latejante de um incipiente edema cerebral pode avaliar o quão vagarosamente os minutos e as horas podem demorar a passar até o amanhecer. Sem as noites, escalar montanhas para mim seria só prazer!

O dia está lindo, o quinto dia em seguida de céu azul e sem vento. Sei que essas janelas de bom tempo têm duração limitada e que, mais do que agora que ainda estamos em altitude razoavelmente moderada, esse bom tempo poderá nos fazer falta mais acima na montanha.

O trajeto até o campo 1, agora já bem conhecido, é tranquilo e tenho a tarde toda para descansar e me preparar para o segundo dia mais difícil da expedição, o do campo 1 ao campo 2. Com um desnível de 700 metros e rompendo a barreira dos 7 mil metros, esse dia só perde para o dia de cume em dificuldade.

De tempos em tempos, abro a porta de nossa barraca e olho para fora, para a maravilhosa vista que tenho do lugar onde estou acampado. Como aconteceu com frequência durante toda esta expedição, me pego quase me beliscando para ver se realmente estou lá, no campo 1 de uma grande montanha. Por tantas vezes me imaginei nesta situação — é quase difícil saber se desta vez é para valer.

Dia 20

Saio do campo 1 às 7h levando uma mochila pesada com *sleeping bag* de altitude, roupas de frio extremo, rádio e comida para uma ou duas

noites. Eu já fiz parte deste caminho no primeiro ciclo, até abaixo do *ice cliff* e desta vez é mais fácil com a aclimação adquirida. Vem então a parte mais técnica de toda a escalada, uma parede de 50 metros verticais de neve e gelo bem exposta. Se isso fosse ao nível do mar, não teria maiores problemas, mas qualquer trecho técnico a esta altitude fica extremamente complicado. Prendo meu *jumar*, o mosquetão de segurança e avanço confiante, afinal são apenas 50 metros. A primeira parte consiste em uma travessia inclinada da direita para a esquerda seguindo uma estreita plataforma de não mais do que 20 centímetros de neve compacta. Abaixo de mim, uma longa e inclinada encosta. Qualquer escorregão aqui resultaria em uma queda com maus resultados. Em seguida vem uma subida quase vertical em gelo duro, azul, o pedaço onde dias antes vimos o grupo parado. Agora posso compreender o que aconteceu. Para qualquer escalador um pouco menos experiente, este pedaço inclinado e muito exposto pode ser paralisante. Após apenas alguns passos, já estou ofegante ao extremo, e ganhar esses poucos metros me toma 35 minutos. Cheguei ao platô acima da encosta exausto e tenho que ficar outros 20 minutos sentado tentando recuperar as forças. Nesse meio tempo, chega o Marco em condições semelhantes às minhas e, após ele se recuperar, seguimos juntos. Mas o sofrimento não acabou. Na nossa frente temos uma encosta de 35 graus de 100 metros de altura que nos toma outra hora para escalar. Um passo, duas respirações, mais um passo. *Ice axe, jumar, ice axe*. Quando o terreno torna-se mais irregular, ou quando ao colocar o pé ele escorrega, novamente fico ofegante e tenho que respirar várias vezes antes de poder prosseguir. Ao final desta longa encosta seguem-se várias outras de inclinação mais moderada e aos poucos a marca mágica dos 7 mil metros vai chegando. Quando finalmente a atingimos, depois de seis horas de duríssima escalada, paramos para comemorar. É o meu ponto mais alto e o recorde de altitude de Malta. Marco, emocionado, pede para eu fotografá-lo com a bandeira de seu país e filmá-lo contando sua emoção.

Enquanto escalo, frequentemente olho ao meu redor e um grande sorriso se abre espontaneamente em meu rosto. Aquelas montanhas,

que por tantos dias estivemos olhando acima de nós, agora estão todas abaixo, e a vista que se descortina ao meu redor é deslumbrante. Picos e mais picos de rocha e gelo nascendo de majestosos glaciares cobrem toda a parte sul da paisagem. Ao norte, as colinas áridas do platô tibetano estendem-se até onde a vista alcança. Acima de mim, escondido pelos acidentes do relevo, está o meu tão almejado cume. A neve imaculada da montanha, ainda virgem de visitas humanas neste ano, reflete a luz do sol que banha tudo em uma suave tepidez que acaricia a pele.

Olho no meu altímetro que registra 7.050 metros. Como é possível? Estou mais alto do que o Aconcágua, minha maior altitude até então, e ainda não cheguei ao campo 2! E, no entanto, olhando para cima, o cume não parece estar longe, está ao meu alcance, viável. Mais um pouquinho e...

Sigo os últimos 130 metros até o acampamento sentindo-me extremamente cansado, mas a Andrea, que já havia chegado lá uma hora e meia antes, está me esperando com chá quente e bolachas com queijo.

Enquanto como e bebo penso nas minhas emoções conflitantes em relação ao fantástico desempenho da Andrea em altitude. Fico muito feliz por ela e até orgulhoso pela sua força e facilidade. Quando nos conhecemos, três anos e meio atrás, ela nunca tinha colocado os pés nas montanhas e seu conceito de felicidade era passar o dia na praia tomando sol e sentindo o sol em sua pele. No ano passado, após velejarmos pelo Caribe por três meses em nosso veleiro *Good Karma*, resolvemos que os planos de dar a volta ao mundo nele iam ser arquivados para uma etapa de nossa vida onde esse tipo de vida sedentária nos atraísse mais. Colocamos o veleiro à venda e voltamos para as montanhas com planos de escalar o Everest. A Andrea tinha uma experiência de escalada muito limitada, mas já havia escalado o Aconcágua e adorado a experiência de estar em uma longa expedição. Fomos para a Bolívia e ela fez um curso intensivo de escalada em neve e gelo, apenas ela e um instrutor boliviano. Aprendeu a cramponear, subir e descer encostas inclinadas com botas duplas

e *crampons*, resgate de *cravasse* e alguma coisa de escalada técnica em gelo. Depois disso, escalamos algumas montanhas na Cordillera Real, o Sajama, e o Cotopaxi e o Chimborazo no Equador. Seguimos então para o McKinley no Alasca, a montanha mais alta da América do Norte, depois para a Rússia para fazer o Elbrus, o ponto culminante da Europa, e o Kilimanjaro, na Tanzânia, a montanha mais alta da África. Além de um cansaço enorme por inúmeros longos voos, estes meses todos de escalada lhe deram confiança para tentar o Cho Oyu. Acompanhar este processo de crescimento da Andrea em suas habilidades na montanha foi muito gratificante, principalmente sabendo que eu tinha tido um papel importante no processo. Mas, por outro lado, fico triste em saber que, por ser hoje muito mais rápida do que eu, não teremos a chance de fazermos o cume do Cho Oyu juntos. Ela, por nenhum momento, se propõe a diminuir seu ritmo para que cheguemos juntos. Sua razão para isso é que, se escalar mais lentamente, terá frio, seu calcanhar de Aquiles nas montanhas. Costumamos brincar que, se tivéssemos um filho, com a mistura correta de genes, ele seria um novo Messner. Eu tenho a felicidade de não ter frio, minhas mãos se mantêm quentes mesmo nas situações de frio mais extremo, e a Andrea não tem problemas de aclimação. E se os genes dessem errados, ele seria provavelmente um surfista... De qualquer forma, desde que o sonho de escalar o Cho Oyu e o Everest nasceu, tenho na minha imaginação a cena de nós dois chegando juntos ao cume, de mãos dadas, e nos abraçando e beijando, dividindo este momento tão mágico e especial de nossas vidas. A cada dia que passa, vejo que isso é uma possibilidade rara e tento me acostumar com a ideia de que isso não irá acontecer. Mas, às vezes, me pego ressentindo o fato de que ela não está disposta a diminuir seu ritmo por mim.

No acampamento, a Andrea conta que na base do *ice cliff* encontrou um monte de roupas espalhadas pela neve. Foi ver o que era e se depaprou com uma bandeira escrita em português no meio de roupas rasgadas e restos de comida. Colocou o que pôde dentro do saco da barraca que encontrou por perto e seguiu seu caminho. Mais tarde soubemos

que Marcelo e Maduro, os dois brasileiros que estavam escalando independentemente, haviam tentado chegar ao campo 2, mas, estando muito pesados, resolveram parar abaixo do *ice cliff* e deixar seu equipamento e comida lá para voltarem no dia seguinte e completarem o transporte. Por inexperiência, deixaram junto com o equipamento sua comida, sem saber que os corvos destroem tudo o que encontram em busca de alimento. Com isso, seus *down suits* foram danificados e perderam luvas grossas e algumas meias. No dia seguinte, chegaram ao campo 2, mas ao começar a montar sua barraca perceberam que tinham esquecido as estacas de fixação e acabaram voltando ao campo base sem ter sequer conseguido dormir no campo 2. Tinham chegado tarde à montanha, dias depois de nós, e ainda não tinham conseguido avançar muito. Um deles, o Maduro, resolveu abortar a escalada e voltar para casa. Mais tarde, disse-me que, apesar dos erros básicos que haviam cometido, ainda assim estava feliz de ter tido a oportunidade de colocar os pés no Cho Oyu, antigo sonho seu. Apesar de ter mais experiência que eles em escaladas em neve e gelo, resolvi contratar um guia para fazer meu primeiro 8 mil e não me arrependo da minha decisão. Comparando com a experiência deles, vejo o quanto a minha decisão foi acertada.

Para minha surpresa, passo o restante do dia sem dor de cabeça e sentindo-me razoavelmente bem. Durante a tarde e o começo da noite, dedicamo-nos à atividade predominante de uma expedição: derreter neve e reidratar. Não consigo comer quase nada, o que é normal nesta altitude. Uma grande lassidão toma conta de mim e qualquer movimento necessita de um grande planejamento. Penso que preciso colocar mais um casaco, mas entre perceber que preciso e conseguir energia para fazê-lo um grande tempo se passa.

Dia 21

Acordamos às 5h30 para preparar-nos para a caminhada do dia: chegar ao campo 3 a 7.500 metros. Toca o despertador, abro os olhos e torno a fechá-los. Aconchego-me no fundo do *sleeping bag*. A noite não

foi boa, tive dor de cabeça novamente e tive de tomar um analgésico. Qualquer movimento desencadeia uma chuva gelada de pequenos flocos de neve sobre tudo, causada pela condensação de nossa respiração no teto gelado da barraca. Passam os minutos e eu digo a mim mesmo e à Andrea que precisamos começar a preparar-nos, derreter neve, beber, tentar comer. Após 20 minutos, finalmente tenho energia para me levantar e agasalhar. Fora do conforto do saco de dormir está mais do que gelado. Abro o zíper da barraca e mais uma chuva de neve cai, molhando tudo. No dia anterior, tinha guardado a neve que havia coletado de um lugar afastado do acampamento dentro do saco da barraca. Hoje, ao tentar tirar um pouco para derreter, vejo que ela se transformou em gelo. Com socos doloridos consigo quebrar alguns blocos para colocar na panela. Após manusear o gelo, meus dedos ficam como blocos de pedra e, quando começam a ter sensibilidade novamente, vem uma dor insuportável. Coloco as mãos nas axilas para aquecê-las mais rapidamente e meu corpo todo se esfria. O fogareiro produz um calor fraco que tarda vários minutos para derreter alguns poucos blocos de gelo. Os minutos desaparecem e, quando olho no relógio, já são 6h30. Uma hora se foi sem que eu percebesse. Consigo tomar um litro de chá fraco e dois pacotinhos de sopa instantânea com não mais do que 150 calorias cada. Tento comer mais, mas não desce. Esse será o meu combustível para a subida. Tudo dá um trabalho imenso e ao terminar de comer e de hidratar-me tenho vontade de voltar ao meu *sleeping bag* e dormir por mais muitas horas. Mas não posso e não quero.

Às 7h30 finalmente estou pronto depois de colocar a cadeirinha, as botas duplas congeladas (apesar de terem dormido dentro da barraca), os *crampons* e camadas e camadas de roupas. Caminho lentamente, tentando não ficar ofegante. Tenho apenas 40 ou 45% do oxigênio do nível do mar. Em poucos metros as horas de descanso desaparecem e novamente estou exausto. Sinto no meu corpo aquilo que tantas vezes li. Acima de 6 mil metros não existe descanso, não existe recuperação, apenas desgaste. O esforço do dia anterior volta. Subo 150 metros e vejo que não tenho mais forças para prosseguir. Novamente tenho náuseas.

Não acredito que tenha sido tão estúpido. Tomei um analgésico à noite e não tomei o Omeprasol pela manhã. Quase vomitando, viro e desço para minha barraca sentindo o gosto amargo de bile e da derrota. A opção da subida sem oxigênio está descartada. Esta era a prova. Se hoje eu fosse bem até o campo 3, tentaria o cume sem oxigênio. Com esforço, tiro os *crampons* e me largo na barraca que aos poucos vai se aquecendo ao sol da manhã. Durmo pesadamente sem sonhos e acordo com a voz do Lui me perguntando se estava bem. Ele tinha desistido da subida também. Um pouco mais tarde chegam o Felber e depois o Lucas, que tinha semicongelado seus pés. Ele é o único entre nós que não tem botas duplas adequadas para 8 mil metros, mais quentes do que as normais. Durmo novamente. Acordo com a Andrea chegando ao campo. Ela foi a única que chegou ao objetivo do dia, 7.500 metros, novo recorde para a Guatemala. Mas está exausta também. Enquanto a Andrea descansa, arrumo nossas coisas, derreto mais gelo e ao meio-dia e meia estamos a caminho do campo-base, 1.400 metros abaixo e um longo caminho para minhas pernas cansadas. Desço meio em transe, ainda abatido psicologicamente com o desempenho do dia. Minha força de vontade faz com que as pernas se movam, mas o corpo todo pede que eu pare e fique onde estou. Passamos pelo campo 1, deixamos algumas coisas, pegamos outras e seguimos. Às 17h30 chego ao campo base já mais recuperado pela maior concentração de oxigênio. Que felicidade! Dois dias para descansar antes de subir novamente. Fico na barraca deitado sem dormir, mas também sem forças para fazer qualquer coisa.

Dia 22

Acordo às 8h depois de um sono de um século e fico na barraca ouvindo música. Ouço o chamado para o café da manhã, mas viro para o outro lado e meio durmo meio presto atenção nas letras das músicas que passam uma após outra sem que eu me dê conta muito bem do que estou ouvindo. O iPod está em *shuffle*. Horas mais tarde, ouço chamarem para o almoço. Acho um chocolate na barraca e decido

ficar ali dentro. A temperatura está perfeita. Pela porta aberta entra uma brisa fria contrapondo o calor do sol. Pela fresta da barraca vejo o Cho Oyu dois quilômetros e meio acima de mim e penso que, em mais dois dias, estarei subindo rumo ao seu cume. Fecho os olhos e durmo um pouco mais.

Às 15h temos o treinamento para o uso do equipamento de oxigênio. Todos, com exceção do Lucas e da Andrea, decidiram ir com oxigênio. Percebemos que sem ele não teríamos chance. Mas nas montanhas não é só sua vontade que conta. A previsão do tempo nos conta que temos apenas mais quatro dias de tempo bom antes que ventos fortíssimos se abatam sobre nossa Deusa Turquesa, roubando qualquer possibilidade de cume por pelo menos uma semana. Fazemos nossas contas e vemos que, se queremos ter os dois dias de descanso de que precisamos, o mínimo para que possamos subir novamente, temos que partir para o cume a partir do campo 2, 1.100 metros abaixo do cume. Não temos tempo para subir ao campo 3. Sair do campo 2 sem oxigênio é loucura, e a Andrea e o Lucas, com dor no coração, têm que desistir de seus planos. Vamos todos com oxigênio suplementar. Victor está feliz. Para ele é muito mais seguro que todos os seus clientes façam desta forma — a logística da escalada fica muito mais simples. Provamos as máscaras, testamos o regulador, colocamos e tiramos o regulador dos cilindros. Repetimos os movimentos até que eles se tornem automáticos, pois lá em cima, à noite, com 20 ou 30 graus negativos, com as mãos adormecidas pelo frio e o cérebro embotado pela falta de oxigênio, podemos facilmente aumentar o fluxo de oxigênio quando pensamos que estamos diminuindo, erro que já custou muitas vidas. Temos dois cilindros de oxigênio cada um, o que dá 16 horas de uso a um fluxo de dois litros por minuto. Isso deverá ser administrado por nós. Quando fizermos um trecho mais duro como a Yellow Band, aumentaremos para três ou quatro litros por minuto. Se ficarmos parados em alguma fila nas cordas fixas, que é o grande medo sempre nessas montanhas, diminuiremos para um litro por minuto. Mas aí estão as chances de erro. Então voltamos a praticar.

É estranho respirar pela máscara. A cada respiração ouço os pequenos barulhos das válvulas abrindo-se e fechando-se. O fluxo não vem facilmente. Sinto-me como se estivesse com uma máscara de mergulho e instintivamente respiro mais devagar, como faço embaixo d'água para poupar o ar. Mas aqui é diferente. Independentemente da velocidade com que respiro, o regulador está despejando os dois litros por minuto que estarei usando. Respirando rápida ou lentamente o cilindro durará oito horas, então o melhor é respirar o quanto possa e aproveitar o precioso gás. Todos colocamos as máscaras e quase já não consigo reconhecer ninguém. À noite, todos com os *down suits*, os macacões integrais de pena de ganso, normalmente de cor vermelha, seremos apenas grandes vultos uns iguais aos outros. Lembro que tinha planejado comprar o pisca-pisca que os ciclistas usam à noite, mas esqueci. Queria que eu e a Andrea pudéssemos nos achar na escuridão.

Durante o resto da tarde perguntamos as mil dúvidas que nos vêm à mente. O que pode dar errado? Como é o terreno acima do que já conhecemos? Como é a Yellow Band? Quantas horas até cada parte? O que acontece se o oxigênio acabar? A partir de que parte na descida podemos descer sem oxigênio e sobreviver? Qual é o horário em que devemos desistir, não importa onde estejamos? De repente todos têm perguntas urgentes, como se durante todos esses dias não tivéssemos falado mil vezes sobre tudo isso. É como se agora, de repente, a escalada tivesse adquirido realidade. Agora não são mais suposições. Os medos aparecem à superfície e sinto em todos certo desconforto misturado à excitação do treinamento.

Apesar de ter planejado subir sem oxigênio, a mudança de planos não me incomoda. Usar ou não usar o oxigênio nunca foi uma coisa filosófica para mim, apenas achava que subir sem me daria uma ideia melhor do quão difícil será o Everest. Apenas isso. Respeito a posição dos puristas que acham que montanhas têm que ser subidas sem oxigênio artificial e sem a ajuda de *sherpas*, mas se você pensar com mais profundidade sobre isso vai começar a questionar onde reside a linha que separa o que é ser purista. Uma das principais

ajudas que os *sherpas* dão nas montanhas é colocar as cordas fixas nos trechos mais difíceis. Todos que se dizem puristas estão usando as cordas fixas e, portanto, usando os serviços dos *sherpas* de outras expedições, só que sem pagá-los. E quanto ao equipamento? Se usar oxigênio é trapacear, o que dizer de *crampons*? Pode parecer “forçar a barra”, mas quando os *crampons* foram introduzidos no começo do século passado, foram considerados antiesportivos. Na época, o normal era cavar degraus nas encostas mais inclinadas com os *piolets*. Outro exemplo são as sapatilhas de escalada em rocha. Depois de sua introdução usando materiais superaderentes, o que era uma escalada difícil deixou de ser e os graus com que se classificam as rotas tiveram que ser revistos. Para mim o que importa é a experiência de estar nas montanhas e desfrutar tudo o que elas possam me oferecer. Com ou sem oxigênio.

Depois do que se passou na minha última subida, decido tomar o protetor gástrico duas vezes ao dia independentemente de ter tomado algum remédio que possa causar as terríveis náuseas. Não quero arriscar. Agora é a reta final e quero dar-me todas as chances que puder.

Vou para a barraca e tenho uma longa conversa com a Andrea sobre sua decisão de subir com oxigênio. Ela está nervosa e frustrada e se sente pressionada pelo Victor a fazer algo que não quer. Argumento com ela que a decisão é dela e não do Victor. Ele está fazendo pressão, mas também deixou bem claro que, se ela quiser partir no dia seguinte ou arriscar esperar mais, ele coloca um *sherpa* para acompanhá-la. Ela diz que sair no dia seguinte não é uma opção, precisa descansar pelo menos mais um dia. Concordo, mas ainda assim a decisão é dela. Quanto a arriscar, ela me diz que não se propõe a ficar sozinha esperando por mais uma janela de bom tempo. Novamente a decisão e a responsabilidade desta decisão é dela.

Dia 23

Hoje é dia de trabalho. Arrumar as mochilas, separar a comida para os campos altos, recarregar as baterias dos eletrônicos. Confiro cada peça

de roupa, cada item e penso se realmente vou precisar dele lá em cima. Cada quilo conta e só quero levar o indispensável. Por outro lado, vejo e revejo o que guardei na mochila. Não posso esquecer nada.

Hoje também é dia de comer e hidratar. Tenho que fazer reservas para o imenso gasto que terei nos próximos dias. No campo 2, pela experiência anterior, não conseguirei comer quase nada. Todas as atividades são feitas em um clima tenso. Vou de barraca em barraca tomando depoimentos de cada um para o DVD que estou fazendo e sinto o mesmo clima de apreensão. O estado de ânimo relaxado dos últimos dias desapareceu. Todos estão mais sérios e concentrados. Mesmo Victor, sempre tão brincalhão, está mais sisudo. Só os *sherpas* continuam descontraídos. Para eles isso tudo é rotina.

No café da manhã fazemos a revisão do estado de saúde de todos. Eu e o Felber tivemos diarreia ontem. O Greg, um homem de 100 quilos e físico perfeito, está abatido por vômitos que teve durante toda a noite. O Lucas está muito preocupado tentando combater o segundo episódio de laringite. O Lui torceu o pé caminhando de volta à barraca ontem à noite. Fora isso, todos prontos para subir.

Agora é meio-dia e dentro de três dias, dentro de exatamente 72 horas, sonho estar no cume da sexta mais alta montanha da Terra. Não sei se vou conseguir, nenhum de nós sabe. Estamos nesta expedição há 23 dias e amei cada segundo dela. O cume será um prêmio. Sinto assim agora, mas sei que se não chegar será muito difícil continuar pensando desta forma — ficarei frustrado. Coloquei muita energia nisso tudo. Muitos sonhos, muito dinheiro, muito tempo. Quero o cume. Mas, tenho que aceitar o que vier.

Há pouco, soubemos que quatro espanhóis, dois homens e duas mulheres que conhecemos em nossas subidas e descidas dos campos, conseguiram chegar ao cume sem oxigênio partindo do campo 2! Fico feliz por eles. Não contaram com a ajuda de *sherpas*, montaram os campos sozinhos e carregaram tudo. Para eles, a missão está cumprida, podem voltar para casa felizes com sua conquista. Que inveja! Para mim a parte mais dura do trabalho ainda está pela frente...

Desde o dia anterior que um novo assunto está sendo debatido calorosamente. Para todos, a expedição acabaria após a primeira semana de outubro. No entanto, estamos no final de setembro e a expedição está com os dias contados. Se tudo correr como planejamos, em poucos dias estamos de volta a Katmandu. Então cada um começa a fazer planos para o que fazer nesses dias. O único que tem que voltar em seguida para casa é o Marco por causa de seu prêmio. O Greg e o Robert estão pensando em escalar o Ama Dablan, uma lindíssima montanha na região do Everest. Aclimatados, podem fazer a montanha em pouco mais de uma semana. O Lui, o Felber e o Lucas sonham com as praias e as escaladas em rocha da Tailândia. O Victor não se posiciona e eu e a Andrea consideramos a possibilidade de escalar o Shishapagma, também no Tibete, que com 8.040 metros é a décima quarta mais alta montanha da Terra. Seu campo-base não é longe de onde estamos, apenas um dia de carro, e podemos subi-lo em estilo alpino, sem oxigênio. Descansar alguns dias no campo-base e daí campo 1, campo 2, campo 3 e cume. Já estaríamos aclimatados e tudo seria mais rápido e simples. Temos um amigo australiano que tentará o cume em poucos dias. Podemos usar seu campo-base e a comida que sobrou da nossa expedição. Andrew Lock já escalou 13 das 14 montanhas com mais de 8 mil, sempre sem oxigênio. Seria maravilhoso estar lá com ele comemorando a sua fantástica vitória... e a nossa, claro. Mas, ainda temos o Cho Oyu para escalar. Fazer planos no conforto do campo-base é muito fácil. Primeiro temos que ver se conseguimos esta, para daí poder pensar com realidade na próxima. Além disso, tem o fator financeiro a considerar. Escalar montanhas de 8 mil metros não é um esporte barato...

O terceiro ciclo

Dia 24

Como a caminhada ao campo 1, agora já aclimatados e leves, demoraria apenas três ou quatro horas, cada um de nós sai em horários diferentes. Eu e a Andrea somos os últimos a sair e caminhamos vagorosamente, poupando nossas energias. Chegamos ao campo 1 às 15h prontos para descansar, mas um trabalho duro nos espera. Nesses dias em que nossa barraca ficou ao sol, o gelo embaixo do piso derreteu e o terreno ficou tão irregular que não é possível dormir. Tiramos a barraca do lugar, cavamos o gelo e preenchemos os buracos com neve até que a plataforma fique novamente habitável. O trabalho duro me deixa ofegante.

O tempo continua lindo com céu azul e sem vento. Precisamos de apenas mais dois dias de tempo bom! Por ora a previsão meteorológica está funcionando, mas nas montanhas é normal existirem microclimas que não obedecem aos padrões mais gerais medidos pelas análises meteorológicas. Com isso as decisões ficam muito difíceis de serem tomadas. Em 2003, eu estava acabando um longo projeto esportivo pessoal chamado “Primeira Travessia Fleury Atlântico ao Pacífico”. Tinham sido sete meses de treinos diários duríssimos e já tinha feito 90% do que havia me proposto a fazer. Tinha pedalado 1.300 quilômetros de São Paulo a Porto Alegre, tinha remado 400

quilômetros em um caiaque oceânico atravessando a Lagoa dos Patos pela difícil costa leste, tinha corrido de Rio Grande a Montevideu (Uruguai), uma maratona diária em seis dias consecutivos, e mais outras quatro meia maratonas antes que tivesse uma fratura de *stress* na tíbia e fosse obrigado a abandonar os planos de fazer 20 maratonas completas consecutivas. Tinha pedalado então de Montevideu a Viña Del Mar no Chile, completando o trajeto que dava o nome ao projeto. Agora só faltava escalar o Aconcágua, que, com quase 7 mil metros, é o ponto mais alto das Américas — aliás, o ponto mais alto do planeta fora da Ásia. Estava guiando três clientes brasileiros nesta escalada e tínhamos chegado ao campo 2 com o tempo ótimo. O plano original era dormir duas noites no campo 2 e daí subir para mais uma noite no campo 3; e de lá partir para o cume. Mas algo me dizia que essa janela de bom tempo não iria durar. Já estávamos no terceiro dia de céus azuis e pouco vento e sabia que as janelas no Aconcágua são tradicionalmente muito curtas. É uma das montanhas onde o mau tempo mais frustra as chegadas ao cume. O dilema era enorme. Se fôssemos ao cume partindo do campo 2, teríamos 1.500 metros verticais de escalada a uma grande altitude. Não sabia se os meus clientes aguentariam isso. Se fôssemos dormir no campo 3, arriscávamos perder a janela e o cume. Nesta noite, depois de muito pensar, avisei meus clientes que, se de madrugada o tempo continuasse bom, sairíamos de lá mesmo para o cume. Coloquei o despertador para as 2h30 e tentei dormir, mas as dúvidas me roubaram o sono. Quando o despertador tocou, fiquei quieto prestando atenção para ouvir se havia vento. Nada, a noite estava absolutamente tranquila. Saí da barraca e o céu estava repleto de estrelas. Chamei todos e às 4h da madrugada estávamos a caminho. Após dez horas de escalada chegamos à canaleta, o último obstáculo antes do cume. Dois de meus clientes disseram que não conseguiriam mais prosseguir e que iriam voltar. Desolado, continuei com o único que ainda estava forte, pensando se tinha tomado a decisão errada. O céu ainda estava claro, embora tivesse começado a ventar forte. Chegamos ao cume às

quatro da tarde após 12 horas de escalada, e em menos de dez minutos o tempo fechou completamente e começou uma enorme tormenta com os temidos “Vientos Blancos”, que deixaram nossa visibilidade muito reduzida. Chegamos de volta ao campo 2 às 20 horas exaustos após termos feito neste dia 1.500 metros de subida e outros 1.500 de descida. Estávamos completamente cobertos de neve e com nossas barbas completamente congeladas. Tinha tomado a decisão certa. Se tivéssemos esperado e ido ao campo 3, nenhum de nós teria sequer tido a chance de tentar o cume. Ninguém mais conseguiu fazer cume nos próximos muitos dias. A mudança tinha sido muito brusca, mas não inesperada quando se trata de montanhas. E agora, como seria? Olho para o céu em busca de sinais, mas tudo o que vejo é o tempo mais benevolente que já vi em uma montanha. Céu azul, zero de vento e visibilidade perfeita. Por mais quanto tempo?

Dedicamo-nos então à hidratação e a comer o que conseguimos — amanhã já estaremos acima de 7 mil metros e o apetite desaparecerá.

Dia 25

Apesar de eu achar que já tinha levado quase tudo o que precisava para o campo 2, fico surpreso com o peso da mochila. Fora o que levo nas costas, tem também o peso que está no corpo: as botas duplas com três quilos, a cadeirinha com mosquetões, os *crampons* e as roupas de altitude. Não foi isso que planejei, queria subir ao campo 2 leve para chegar pouco cansado, afinal, ainda hoje sairei para o cume! Após as duas horas tradicionais para ficar pronto, saio às 7h30 com bastante frio, apesar do céu azul, com planos de chegar ao campo 2 no máximo às 13h. Com isso terei ao redor de oito horas de descanso antes de sair para o cume. Após meia hora de escalada, encontro o Lui parado queixando-se de muita dor nas mãos por causa do frio. Ele saiu com luvas finas e a manhã está realmente gelada. Tiro suas luvas e coloco suas mãos nas minhas axilas enquanto abro um pacote de *hand warmers* (pequenos envelopes de substância química que ao reagirem com o ar produzem calor) e pego minhas luvas mais grossas. Após 20 minutos

de muita dor, suas mãos esquentam e prosseguimos. Enquanto esquentava suas mãos, ele me diz que não adianta, que vai voltar e desistir, pois sempre tem problemas de frio com suas mãos. Diz desesperado: “Se hoje estou assim, como é que vou conseguir esta noite com muito mais frio? Vou voltar, não adianta prosseguir.”

Tento levantar seu ânimo dizendo que foi apenas um erro. Saiu da barraca com luvas finas neste frio. Da próxima vez tem que colocar os *hand warmers* meia hora antes de sair da barraca e também seus *mittens* (luvas mais quentes onde os dedos ficam juntos). Com isso não deixaria suas mãos esfriarem como agora. Aliviado, vê meus esforços funcionarem e decide seguir. Isso mostra o grau de *stress* com as incertezas do que virá. Continuo minha escalada sentindo-me bem e forte. Subo os obstáculos entre o campo 1 e 2, o *ice cliff*, sem maiores problemas, e isso me dá uma onda de otimismo. Da última vez tinha sido difícilimo e me deixado ofegante por minutos. Desta vez, bem mais aclimatado, consigo manter um ritmo, mesmo na parte mais inclinada. Sigo pelas outras encostas com calma, respirando muito. Estou sozinho. Com o tempo que gastei ajudando o Lui, a Andrea disparou na frente. Chego ao campo 2 às 14h e vou imediatamente para a barraca para hidratar-me e descansar. Por duas horas eu e a Andrea derretemos litros de neve e comemos pouco, o máximo que nossos estômagos aceitam a esta altitude extrema. O plano é sair à meia-noite de modo que eu tenho oito horas para descansar antes do grande dia. Quando já estou pronto para dormir, às 16h, o Marco vem de barraca em barraca avisar que o Victor decidiu antecipar a saída para às 22h30. Já há vários dias que todas as expedições sabem que o dia 24 é o que a previsão meteorológica havia colocado como o melhor dia de cume e todos acertaram seus planos para subir nesta mesma noite. Com isso, o Victor acha melhor sairmos mais cedo para tentar evitar as filas nas cordas fixas da Yellow Band, uma área de rochas um pouco acima do campo 3. Desde a tragédia de 1996, quando dez escaladores morreram no Everest em parte por causa dos congestionamentos nas cordas fixas próximas do cume, que este tipo de situação é temida e, se possível, evitada.

Com este novo horário de partida, tenho apenas quatro horas para dormir, pois o processo de preparação para sair em alta montanha raramente tarda menos do que duas horas entre derreter neve, tentar comer algo, vestir-se e equipar-se. Apesar da ansiedade crescente, consigo dormir superficialmente por algumas horas, apesar de ter de pedir duas vezes enfaticamente ao Lucas e ao Felber que conversassem mais baixo em sua barraca que está colada à minha. Digo-lhes: “Amigos, este é um dos dias mais importantes de minha vida e não quero que nada que esteja sob meu controle possa interferir com as minhas chances de sucesso.”

Eles entendem e passam a falar sussurrando. Pelo jeito decidiram que não vale a pena tentar dormir. Às 20h30 desperto um pouco mais descansado e começo a me preparar.

O cume

Dia 25 (continuação)

As próximas duas horas passam muito rápido, mais do que eu posso recordar. Às 22h30 metade do grupo já está do lado de fora das barracas colocando os *crampons*. Pela primeira vez na expedição visto meu *down suit*, o traje integral de pena de ganso, sobre duas camadas de roupas térmicas. Coloco a máscara de oxigênio com fluxo de dois litros e saio do conforto da barraca para enfrentar o ar gelado de 7.100 metros. A noite está estrelada e sem absolutamente nada de vento, mas mesmo assim fria. Tenho vontade de urinar, mas só de pensar no trabalho com o *down suit* e a cadeirinha acabo desistindo. Na confusão da escuridão cortada pelo facho das lanternas de cabeça vejo que o Victor já está saindo acompanhado de dois ou três outros que não consigo identificar. Acabo de me arrumar, me despeço da Andrea desejando-lhe boa sorte e começo a caminhar. Não acredito que vou voltar a vê-la antes do cume. É tanta minha crença nisso que ela leva a filmadora e a máquina fotográfica. Quando nos encontrarmos novamente, eu subindo e ela descendo, ela entregará as duas para mim.

Tudo ocorre tão rápido que me sinto muito confuso. Outros grupos também estão começando a caminhar e já não sei quem é do nosso grupo. Quero desesperadamente estar com alguém, não quero ficar sozinho. Não sei por que me sinto assim. Planejei tanto este momento e

achei que, de alguma forma, tudo aconteceria de maneira organizada. Após 50 metros caminhando no plano, inicio a subida que me levará 400 metros mais acima ao campo 3. Surpreendo-me com a facilidade com que ganho os metros verticais. Deve ser o oxigênio. Isso me devolve um pouco da tranquilidade. Acima de mim, posso ver uma longa fila de luzes que seguem montanha acima até se confundirem com as estrelas. Mais expedições tiveram a mesma ideia de sair cedo. Não reconheço ninguém e não sei quem é de nosso grupo e quem não é. Tudo se resume à escuridão com vultos, todos vestidos da mesma maneira, *down suits* vermelhos cobrindo todo o corpo e o rosto encoberto pelas máscaras de oxigênio. Sigo caminhando e começo a sentir um desconforto cada vez maior por causa do calor. O que mais temia está acontecendo. Vesti-me com demasiadas camadas e como ainda é razoavelmente cedo, antes da meia-noite, não está frio o suficiente para todas as roupas que estou usando. A sensação de calor está minando minhas energias e minha velocidade está caindo assustadoramente. Tirar alguma camada é impensável. Teria de parar, tirar os *crampons*, as botas, o *down suit* e isso, além do extremo gasto de energia, me exporia ao frio da noite a quase 7.500 metros. Que ironia! Não fazer o cume por causa de calor em uma montanha de 8.200 metros! Para piorar a situação, minha lanterna está quase apagada e não consigo colocar os pés de maneira eficiente nas pegadas deixadas pelos que tinham ido à minha frente e escorrego com frequência. Cada vez que isso acontece, fico ofegante por vários segundos. Mas como isso aconteceu? Eu coloquei pilhas novas! Será que com o frio de todas essas noites na expedição elas ficaram fracas apesar de serem novas? Porque não tomei mais cuidado com isso? Porque não as guardei dentro do *sleeping bag*? Que imbecil que sou! Tenho uma lanterna sobressalente, mas para pegá-la teria de parar, buscar o pequeno objeto entre tudo o mais que tenho no fundo da mochila. Nesta altitude, onde cada pequeno movimento significa ficar ofegante por alguns minutos, o simples fato de pegar uma lanterna é algo que está além do que eu possa pensar. Mas, além do cansaço, nesta altitude sinto uma espécie de preguiça mental. Só de

pensar em parar e fazer algo já me dá um desânimo extremo, então continuo mesmo sem enxergar muito. Mas, com tudo isso meu equilíbrio, minha harmonia e minha felicidade de estar ali desaparecem.

Pensando que vou encontrar com Victor e o resto do grupo no campo 3, concentro todas minhas energias em ganhar esses 400 metros para daí poder parar. Fico amargamente desapontado ao chegar ao campo 3 e ver que o grupo não está mais lá. Não sei se pararam e já partiram ou se nem pararam. Sento na neve e fico pensando em porque estou lá. Não estou escalando, estou simplesmente caminhando em uma interminável encosta. Não estou me divertindo, apenas sofrendo com o calor, com a falta de oxigênio, no escuro, sozinho. Vem uma enorme pena de mim mesmo e uma grande vontade de descer. Escalar em gelo e neve é outra coisa. Quando estou em uma parede de gelo tenho que usar minhas habilidades de escalador, colocar os *ice axes* de maneira correta, cravar as pontas dos *crampons* solidamente. Aqui não, estou apenas caminhando e sofrendo. Para piorar, o Padawa chega até onde eu estou para ver o que está acontecendo e lhe pergunto quem está atrás de mim e ele me diz que sou o último. Isso acaba de me liquidar psicologicamente. Eu sou o último? Como? Eu que sempre sou tão forte? Ainda muito dividido entre continuar e voltar, levanto e recomeço a subir. Dentro de minha cabeça dois eus se debatem, um querendo desistir de tudo e outro querendo continuar. E os sonhos de cume? E tudo que já investi nesta escalada? Mas, por outro lado, para que continuar se não estou feliz? Para quê? Por quê?

Então, quase como por milagre, começo a sentir-me mais forte e o calor que até agora tinha minado minhas forças melhora e começo a sentir meu ritmo aumentar e em pouco tempo estou atrás do Lui. O simples fato de ter a companhia dele me faz sentir que tudo está correto. Com o novo ritmo começo novamente a sentir prazer em estar lá. Olho para o altímetro e vejo que já estou a 7.600 metros e penso no que isso significa. Estou quase na mesma altitude do Nuptse, um dos gigantes do Himalaia que vejo cada vez que guio grupos ao campo-base do Everest. Realmente estou lá, tão alto?

Na minha frente, por outro lado, o Lui começa a diminuir seu passo e com isso faz paradas cada vez mais longas para recuperar o fôlego. Pergunto se está bem e ele garante que sim, que está apenas cansado. “Quero parar, comer e beber.”

Reclama que o Victor não havia feito nenhuma parada de descanso. Em sua voz cansada posso ler o mesmo que havia se passado comigo. Sinto que ele está desanimando, perdendo a motivação, mas não encontro dentro de mim forças para parar e tentar convencê-lo de que tudo está bem. Mal tenho motivação suficiente para mim. Como poderia dar algo para ele? Sentindo-me egoísta, peço para ultrapassá-lo e sigo adiante sem olhar para trás. Ele está acompanhado por um *sherpa* e, portanto, seguro.

Após mais meia hora, para minha grande surpresa, encontro o restante do grupo. A Andrea está à minha frente e isso me deixa extremamente feliz. Desde que saí da barraca que tinha certeza de que não iria vê-la até o final da escalada. Havíamos chegado à temida Yellow Band, o trecho de escalada mista, gelo e rocha, que a esta altitude, 7.800 metros, é um desafio considerável. Uma grande fila formou-se atrás de um grupo de alemães que tenta chegar ao cume sem oxigênio, mas eles estão demorando uma eternidade para cruzar este obstáculo. Caminho alguns passos e tenho que parar. A fila se arrasta em direção à Yellow Band, mas os minutos passam e não avanço quase nada. Apesar de a Andrea estar junto a mim, não conversamos. Qualquer comunicação é quase impossível por causa das máscaras. Quando finalmente chega minha vez de cruzar os dois trechos de rocha, deparo-me com uma parede de rocha brotando do gelo que cobre tudo ao redor. Apesar da altitude extrema e da grande inclinação, vou subindo sem maiores problemas usando as pontas dos *crampons* contra as paredes de rocha e usando a corda fixa como apoio. Além da corda fixa nova, colocada este ano, há uma infinidade de outras de expedições anteriores. Em alguns pontos me seguro com a outra mão em algumas dessas outras cordas, mas sempre com muito cuidado. Li vários relatos de escaladores que no Everest mergulharam para

as suas mortes ao se apoiar em cordas antigas que se romperam sob seus pesos. Um pouco mais tarde, bastante ofegante, estou acima da Yellow Band e com a longa encosta de neve que leva ao platô do cume à minha frente. É estranho estar por tantas horas escalando sem saber exatamente onde estou. A escuridão é completa, não há lua e só posso saber que estou subindo, mas não sei onde.

As primeiras luzes do alvorecer pela primeira vez me permitem ter uma ideia de onde estou. Atinjo os 8 mil metros. Não posso acreditar! Estou a 8 mil metros! Acima de mim apenas 14 montanhas no planeta. Com a voz abafada pela máscara dou os parabéns à Andrea por ter chegado a 8 mil metros e lhe pergunto se achava que o que estamos vendo já é o platô do cume. Ela me responde com um balançar de ombros. Cada um de nós está em seu mundo.

Neste momento, sei que vou chegar ao topo do Cho Oyu, que vou realizar meu sonho, que cumprirei meu objetivo. Nada mais pode me deter. Ao contrário do que o Victor havia falado, que ao atingir a marca dos 8 mil metros íamos estar tão cansados que andaríamos muito lentamente, sinto uma onda de energia como se alguém houvesse aberto meu fluxo de oxigênio para o máximo. Em vez de estar mais cansado, sinto-me cada vez mais leve, apesar de já estar escalando há mais de sete horas sem beber uma gota de água ou comer algo. Acho que o sonho me empurra para cima.

Passo por mais uma pequena seção rochosa e o ângulo da encosta se suaviza. Cheguei ao platô do cume que sei que é muito grande. De onde estou, tenho mais de meia hora até o cume verdadeiro. Sei que só terei chegado lá quando avistar o Monte Everest, quando enxergar o lado nepalês. Até agora escalei pelo lado tibetano e a paisagem que vejo quando olho para trás é de montanhas nevadas brotando do cinza imenso do platô tibetano. Como anseio ver o Nepal... Quero ver o Everest, Lhotse e Nupse, além de dezenas de outras montanhas que conheço tão bem dos meus 20 anos de *trekkings* no Khumbu.

Parte do grupo faz uma parada para trocar os cilindros de oxigênio que estão acabando por outro cheio. Checo o meu e vejo que ainda

tenho metade sobrando, o suficiente para chegar de volta ao campo 2. Surpreendo-me, pois achei que estava gastando o normal, mas em algum ponto diminuí ou um dos *sherpas* diminuiu para 1 litro por minuto sem que eu percebesse. Só pode ser esta a explicação.

A Andrea segue em frente e eu em seguida. O restante do grupo fica para trás e agora, já com o sol brilhando no horizonte, posso ver a linda paisagem de sonho onde me encontro. De repente, a Andrea aumenta seu passo e segue adiante. Porque não vem comigo? Logo agora que estamos inesperadamente juntos? Não quero correr, quero aproveitar cada segundo desse momento mágico. Caminho e olho para dentro de mim. Quero registrar cada emoção.

E então, de repente, estou lá, de frente para o Everest, no cume da sexta mais alta montanha do planeta! O frio de menos 30 graus se compõe com o vento que varre o platô, causando uma sensação térmica de pelo menos 40 graus negativos. Apesar disso, não tenho frio. Estou com apenas minhas luvas finas e não coloquei o capuz do *down suit* nenhuma vez durante a escalada. Encontro a Andrea e quase mecanicamente tiro as fotos de cume, a filmo com a sua bandeira. Neste momento, ela se torna a primeira mulher centro-americana a escalar um 8 mil metros!

Quando acabo com meus “deveres”, olhamos um para o outro, nos abraçamos e choramos. Nestes segundos libero toda a emoção que está no meu coração, todo o cansaço desse mês de esforços, privações, dores e alegrias. Após 20 anos de sonhos, estou onde tantas, tantas vezes, tinha imaginado estar. Tento compor a imagem que tinha das pessoas que haviam escalado um 8 mil, meus heróis, com estar ali, no cume do Cho Oyu. Será possível que eu agora também faça parte desse clube tão seletivo? O Everest está a poucos quilômetros de mim e a apenas poucas centenas de metros acima. Logo estarei a caminho do seu cume e agora, visto da perspectiva do Cho Oyu, ele já não é tão intimidante. Consegui chegar ao topo do Cho Oyu. Também chegarei ao do Everest. Por momentos sinto-me invencível. Então o Victor, que acaba de chegar, nos lembra que escalar uma montanha significa chegar ao seu topo e voltar à sua

base e que só fizemos metade do caminho. Aos poucos vai chegando o restante de nosso grupo, o Lucas, o Felber, o Greg, o Robert e o Marco. Fico muito feliz particularmente ao ver o Felber. Nunca tinha acreditado que ele conseguiria. Mas, lá está ele tirando fotos com a bandeira do Brasil no peito. Com muita tristeza fico sabendo que o Lui havia voltado 200 metros abaixo do cume por causa de problemas com sua visão. Não estamos todos os oito companheiros, faltou o Lui.

Quando me preparo para descer, tenho um acesso de tosse e por um minuto fico sem ar, sufocado e com uma terrível ânsia de vômito. O Dorje vem em minha direção e muito bravo diz para eu colocar a máscara. Em meio à tosse eu digo que não, que tenho medo de vomitar nela. Ele volta a insistir e finalmente coloco e como por encanto a tosse para. Fiquei no cume ao redor de 40 minutos sem oxigênio e os efeitos do ar extremamente rarefeito estão agindo.

Do caminho de volta ao campo 2, lembro muito pouco. Não é surpreendente, dado o estado de exaustão em que me encontro. Lembro da descida da Yellow Band rapelando com as pontas dos *crampons* raspando nas rochas e da longa descida do campo 3 vendo o campo 2 lá em baixo e enganadoramente perto. A noite é um tanto agitada, como sempre que se dorme muito cansado.

Dia 26

Acordar, guardar tudo, montar a mochila e partir. A noite de sono não ajudou muito. Ainda sinto-me exausto. Cada um sai separadamente e eu digo para a Andrea para andarmos juntos. Apesar de insistirmos com o Felber para ele ficar pronto na hora combinada e vir conosco, ele acaba ficando para trás. Mais uma vez me sinto um pouco culpado. Ele não deveria ficar sozinho. Mas quero ir para o campo-base. Ele me diz: “Hoje quero ir devagar, quero tirar fotos, quero recolher o lixo deixado pelos carregadores entre o campo 1 e o Lake Camp.” Está flutuando em sua felicidade, creio que nem ele acreditava que conseguiria.

Como tinha sido previsto pela previsão meteorológica, o dia amanhece com um céu cinza feio e o tempo piorando. Quando chegamos

ao campo 1, já está nevando. Debaixo da nevasca separamos o que queremos carregar e o que deixaremos para os carregadores tibetanos. Saio do campo 1 melancólico. A expedição acabou e irá deixar saudades. Claro, estou feliz, realizado, mas sinto certa sensação de anticlímax. Como sempre acontece, já estou esquecendo das dificuldades que enfrentei. Será que foi tão difícil assim? Defendemo-nos da dor esquecendo e por isso voltamos.

Pela última vez desço a íngreme encosta que liga o campo 1 ao Lake Camp. Depois de tantas pessoas terem subido e descido por ela, os degraus desapareceram e ela se tornou extremamente escorregadia. Dias antes, o Greg, que descia atrás da Andrea e de mim, deslocou uma enorme rocha que desceu diretamente em nossa direção. Quando gritou nos avisando, tivemos uma fração de segundo para decidir para que lado saltar. Ela passou a poucos centímetros de nós.

As pernas cansadas têm dificuldade em achar apoio entre a coleção de pedregulhos soltos que a trilha se tornou. Contando os passos chego à base da encosta. Mas ainda há o longo caminho de sobe e desce do glaciar. Coloco meu iPod em *shuffle* e recomeço a caminhar. Vou me despedindo de cada lago, cada riacho. O tempo está cada vez pior e a neve vai se acumulando em minha roupa. Os penitentes estão lindos flutuando na bruma que agora cobre tudo. O horizonte desaparece. Apesar de termos feito este caminho tantas vezes, por horas paramos para tentar adivinhar onde tinha ido parar a trilha. A neblina mudou tudo. Foi um longo dia. Chego à última descida. Sei que dali o campo não está a mais do que meia hora. Apoiado nos bastões de caminhada, galgo os últimos metros e avisto as barracas. Passando pelos acampamentos de outras expedições, sigo em direção ao nosso. Está tocando uma suave peça de Mozart. A dez metros de nossa barraca no iPod entra o som de uma salva de aplausos. Penso ser para mim. Daí a melodiosa voz de Ella Fitzgerald começa a cantar: “*Summertime and the living is easy...*”

A volta

Dia 26 (continuação)

Chego ao campo-base às 15h coberto de neve e sou recebido pelos carinhosos abraços de Pemba, nosso cozinheiro, e uma mesa cheia de petiscos. Sei que se for para a minha barraca não conseguirei mais sair de lá, de modo que fico na barraca-refeitório até a noite. Quando todo o grupo chega, o Victor abre uma caixa de cervejas e o Pemba uma de Coca-Cola e, esquecendo o cansaço, trocamos experiências até às 21h. O Lui nos conta que, conforme foi subindo, foi percebendo que seu olho esquerdo foi ficando estranho e que ao redor de 8 mil metros já não enxergava nada deste olho. Seu *sherpa* queria que ele seguisse até o cume que estava a não mais do que uma hora de escalada, mas ele decidiu sabiamente que era melhor voltar. Kaosan lhe sugeriu que abrisse o oxigênio ao máximo. Quem sabe fosse a anóxia afetando a visão? Kaosan também não havia feito o cume do Cho Oyu e para ele deve ter sido muito frustrante ter de abandonar a escalada tão próximo do cume por causa de um cliente. Para sua vida profissional era importante chegar lá. Mas o Lui já tinha tomado sua decisão. Ele também disse que estava com vontade de voltar a tentar o cume após alguns dias de descanso, mas, se ele estava tão cansado como eu, isso só poderia ser possível se parte deste descanso fosse em Tingri ou algum lugar bem mais baixo do que o campo-base. No Cho

Oyu o campo-base fica a 5.700 metros, 400 metros mais alto do que o do Everest, e nós já estamos no campo-base ou acima desta altitude há 20 dias e sinto que aqui não existe aclimatação verdadeira. Cada vez que vou da minha barraca para a barraca-refeitório, meros 15 metros, fico ofegante.

Estou felicíssimo de ter conseguido chegar ao cume do Cho Oyu, mas agora quero ir embora, quero descer para poder recuperar-me do cansaço acumulado deste mês. Aqui, isso não é possível.

Dia 27

Acordo e penso que não preciso fazer nada, a expedição acabou e agora tenho dois dias inteiros para relaxar antes de iniciar a viagem de volta. Fico na barraca ouvindo música. Do lado de fora tudo está coberto pela neve que ainda continua caindo. Não há porque sair.

No meio da manhã o Victor convoca uma reunião. Alguns planos mudaram e ele quer conversar. Vejo o Greg arrumando suas coisas e logo descubro o porquê. Uma escaladora da Adventure Consultants, empresa que acabou de chegar ao campo-base, está com um quadro gravíssimo de edema pulmonar de altitude e precisa ser carregada para baixo e o Greg se voluntaria a acompanhá-la. Na reunião, o Victor conta que o Greg deve seguir até Katmandu com a paciente e que ele vai aproveitar e descer ao campo-base chinês para ter certeza de que nossos *yaks* virão buscar nossos equipamentos.

Com a partida dos dois, o grupo fica menor e mais quieto. Os grandes planos feitos antes da subida ao cume desaparecem. Greg, Marco e Robert decidem voltar para casa. Eu e a Andrea também desistimos do Shishapagma. Não consigo encontrar dentro de mim energia para fazer tudo de novo. Não agora, pelo menos. Colocamos a culpa no alto preço de uma ida a outro 8 mil metros. Temos que guardar dinheiro para o Everest. Mas sei que não é isso. Estou cansado e sinto que não serão dois dias em Tingri que vão curar isso. Emagreci bastante, dei tudo de mim. Agora quero descansar. Subir novamente não seria divertido. Seria obrigação, e isso não é o que tem que ser.

À tarde, percebo que o Lui está acabrunhado. Ele, o Lucas e o Felber estão fazendo planos para a Tailândia, mas o Lui está dividido. Conversamos sobre isso e vejo que ele ainda está pensando na possível tentativa. Conta-me que conversou com o Victor, mas dentro da nossa expedição não há espaço para isso. O Victor já se foi, os *sherpas* não querem voltar, mesmo com um generoso pagamento extra. O Marcelo ainda está na montanha e está buscando um *sherpa* para montar seu acampamento 2, mas o Lui não quer se juntar a ele. O Lui tenta falar da Tailândia com entusiasmo, mas não consegue. Tenho uma longa conversa com ele e conto de minhas experiências com desistir de projetos e depois me arrepender. Recomendo-lhe: “Se você desistir de uma nova tentativa, tenha certeza de que está em paz com isso, pois se não você irá carregar isso para o resto de sua vida. Explore todas as possibilidades e, se realmente não houver maneira, pelo menos você tem a certeza de que tentou de tudo e então conseguirá ir para casa tranquilo”.

Resolvemos ir até o acampamento da Alpine Ascents. Conhecemos o guia desta expedição de encontros no Khumbu e ficamos sabendo que eles estão se preparando para subir ao cume. Quando chegamos lá, o Michel nos diz que a sua empresa é categórica em sua política de não aceitar escaladores de outras expedições. Sinto que o Lui fica aliviado com a recusa. Talvez por ser sua experiência, talvez para deixar o Lui mais tranquilo, Michel acrescenta: “As chances de se conseguir fazer uma segunda tentativa ao cume de um 8 mil após haver chegado tão alto quanto você chegou são muito pequenas. O seu corpo usou tudo o que tinha e agora levará um tempo grande para recuperar-se.”

Penso na minha ideia de tentar o Shishapagma e fico feliz. Volto para a barraca-refeitório e encontro o Robert, que está sozinho escrevendo seu diário. Pergunto sobre o Everest deles, o assunto que por tantos dias fiquei me segurando para não abordar. “Quem está na expedição de vocês?”, pergunto. “Por ora, somos apenas nós três”, ele diz. “Vocês querem desta forma ou estariam felizes em ter mais gente?”, questiono. “Manoel, eu teria o maior prazer em ter você e a Andrea em nossa expedição.” Ele me diz isso olhando bem dentro de meus olhos e vejo sinceridade na

sua oferta. “E eu adoraria dividir mais uma expedição com você três,” finalizo. “Temos que conversar com o Victor e ver se ele continua interessado. Ele vai completar 60 anos em poucos meses e não tenho certeza se quer se envolver em mais uma expedição ao Everest”.

Volto para a barraca feliz. O Victor é um excelente guia, sua organização foi muito boa e sua estratégia para a montanha funcionou perfeitamente. O Greg, o Marco e o Robert foram companheiros divertidos, fortes e com quem tenho certeza de poder contar em qualquer situação. E, como bônus, é sempre ótimo ter um médico competente e experiente como o Greg em uma expedição ao Everest.

Conto tudo isso para a Andrea, mas ela não fica tão entusiasmada quanto eu. Ainda está amargurada por não ter subido sem oxigênio e culpa o Victor. Tento argumentar que a decisão final foi dela. “Ele não me deixou opção! Disse-me que se quisesse subir sem oxigênio teria de sair no dia seguinte e eu tinha que descansar se quisesse ter alguma chance”, ela argumenta.

“Ele disse isso baseado na previsão meteorológica que tínhamos. Você poderia ter esperado pela próxima janela”, digo. “No Everest quero poder tomar minhas próprias decisões. Quero ir independentemente”, disse ela. “E eu adoraria ir com o Victor e com os malteses”, indico. “Então talvez fosse melhor irmos em expedições separadas”, Andrea rebate. “Fantástico, nós dois escalando o Everest cada um em um campo-base diferente...”

E assim seguimos discutindo em círculos e não chegamos a lugar algum. Volto para a minha música sentindo-me deprimido. Porque será que não conseguimos estar felizes, plenamente felizes, agora, apenas um dia após termos conseguido nosso grande sonho? Esse é o problema com sonhos, eles nunca conseguem nos dar tudo aquilo que imaginávamos. Na vida real tudo é mais complicado.

Dia 28

O dia transcorre preguiçosamente, com cada um arrumando suas coisas e ficando dentro de suas barracas. O sol voltou a brilhar, con-

trariando as previsões. O tempo ruim durou apenas um dia. Olhando para a montanha, vejo, na encosta final, uma fila de escaladores indo para o cume. Também entre o campo 1 e 2 há bastante atividade. Fico sabendo que no dia anterior ninguém conseguiu chegar ao topo.

Ao meu redor o campo-base vai desaparecendo. Várias expedições estão partindo e o movimento de tibetanos e *yaks* é grande. As plataformas vazias dão um aspecto desolado ao lugar. Tudo volta a ser pedra e gelo. As barracas coloridas davam vida.

Passo boa parte do dia escrevendo e comendo. Depois dos dois dias de jejum forçado, o apetite volta com sentimento de vingança. Todos comentam o quanto emagreceram na escalada. O Pemba se esforça para deixar-nos felizes. Serve pipoca, atum, bolos e litros e litros de água quente. Organizamos o dinheiro das gorjetas e à noite entregamos a parte do Tashi. No dia seguinte nos despediremos dele, já que ele decidiu ficar no campo-base trabalhando como carregador.

No final da tarde vemos com alívio nossos *yaks* chegarem. Todos querem ir embora, descer. O assunto mais conversado é o que vamos comer quando chegarmos a Katmandu.

Dia 29

Às 7h da manhã deixamos os *yaks* sendo carregados e iniciamos a caminhada rumo ao campo intermediário. Começo a caminhar pelo glaciar e assustado me dou conta que não lembro absolutamente nada. É como se não o tivesse vivido. Sinto como se o dia tivesse sido apagado de minha memória. Sigo caminhando e buscando qualquer referência. Passo por pequenos lagos, grandes subidas, mas não tenho registro. Será que a falta de oxigênio afetou minha memória? Existem muitas brincadeiras entre os escaladores de alta montanha sobre a perda de neurônios causada pela hipóxia. A cada escalada ficamos mais burros, assim diz o folclore dos montanhistas. De acordo com o Victor, isso não chega a afetar muito, já que mesmo sem escalar temos um QI muito baixo, caso contrário, porque seríamos escaladores?

“Durante o mês de escalada só temos sofrimento. No dia de cume estamos o tempo inteiro cansados, sem ar e com frio. Daí sai o sol e por cinco minutos temos um pequeno prazer. Em seguida fica quente demais e mais uma vez sofremos. Com tantos esportes agradáveis para escolher, optamos voluntariamente por sofrer. Ou é QI baixo ou puro masoquismo”, diz ele.

Em quatro horas chego ao campo intermediário. No caminho vejo algo que não havia reparado na subida. No teto do posto militar chinês, dois enormes binóculos apontam para o Nangpa La, o passo em frente ao campo-base que liga o Nepal ao Tibete e que, por séculos, vem sendo usado por caravanas de nômades em suas trocas de sal por grãos. Milhões de anos atrás, o platô tibetano era um mar interno que secou com a subida dos Himalaias causada pelo choque de duas placas tectônicas. Com isso, formaram-se vários salares. Como o Tibete é muito árido e o Nepal não tem mar, estabeleceu-se um tradicional comércio entre os dois países. Hoje em dia, este passo ainda é usado por tibetanos para chegar a Namche Bazaar, onde aos sábados há um mercado, já não de trocas de sal por grãos, mas, ironicamente, de venda de artigos baratos industrializados chineses. Estes comerciantes podem cruzar o Nangpa La, mas não monges ou monjas — recentemente um grupo foi assassinado por guardas chineses enquanto tentava fugir do Tibete.

Deixo minha mochila na porta e entro em uma das barracas-restaurantes tibetanas e lá fico esperando por nossa equipe com os *yaks*. Finalmente, duas horas depois, ouço os alegres sinos desses simpáticos animais com caras enormes e olhos tristes. Estava torcendo para que chegassem rápido. Não quero passar outra noite em Nyalam. Só de lembrar do cheiro do hotel tenho náuseas.

Seguimos na caçamba do caminhão que leva todo nosso equipamento. Entre a densa poeira da estrada, pela abertura de trás, vejo o Cho Oyu ficar cada vez mais distante.

No acampamento-base chinês reencontramos Victor e tomamos nossos confortáveis Land Rovers rumo à fronteira. No nosso carro

estamos eu, a Andrea, o Marco e o Robert. Não conversamos muito, cada um pensando nos dias que se passaram e nos que virão. O plano é chegar hoje ainda a Zangmu, dormir lá e no dia seguinte cruzar a fronteira e chegar a Katmandu.

Quando chegamos a Nyalam os *jeeps* param, os motoristas se juntam para conversar e pressinto más notícias. Às vezes não adianta lutar contra o destino. Tinha havido um grande deslizamento de terra e a estrada estava bloqueada uma hora antes de Zangmu. Desolados, vamos para nosso conhecido hotel.

Dia 30

A manhã transcorre lentamente na espera de notícias. Todos que estavam na cidade já saíram em direção à fronteira, mas Victor nos diz que estão parados na estrada bloqueada. A polícia não deixa ninguém cruzar o desabamento. Dizem que é muito perigoso. Passo o dia entre a internet e os restaurantes. Tudo para evitar ir para o mal cheiroso quarto. Aproveitamos também para fazer uma reunião para conversar sobre a expedição ao Everest. Estamos eu, o Victor, a Andrea, o Marco e o Robert. Victor diz que tem bastante interesse, mas precisa conversar com a sua namorada antes. Discutimos os detalhes, a forma como o Victor trabalha, o número de sherpas, desta vez um para um, a data de chegada no campo base e a possibilidade de escalar o Lobuche East, uma bonita montanha com 6.100 metros, dentro de nosso programa de aclimatação. Concordamos com tudo, como imaginei que aconteceria. Só falta saber dos custos. Uma expedição ao Everest pode custar até US\$ 70.000 por pessoa, dependendo da empresa e dos serviços oferecidos. O Victor não sabe nos dar uma estimativa e fica de escrever dizendo o quanto cobraria. Para mim, isso decidirá se poderei escalar mais uma vez com ele. Torço imensamente para que seu preço esteja dentro de meu orçamento.

Finalmente, às 15 horas vem a ordem de seguir. Viajamos pela bonita estrada perdendo cada vez mais altitude. Quando paramos no posto de controle logo antes do desabamento, o Felber não consegue

achar seu passaporte. O Victor fica possesso e vejo por seus olhos que quer matá-lo. Meu lado de guia aflora e assumo a situação. Quantas vezes já passei por isso... Ajudo Felber a procurar de maneira mais metódica, mas realmente não está lá. Voluntario-me a voltar a Nyalam com ele. O Felber fala muito pouco inglês e tem pouca experiência em viagens. Encontramos o passaporte em sua bagagem que estava no caminhão junto com todo o equipamento. Quando voltamos e reencontrar o grupo, eles estão voltando do desabamento. A estrada continua interrompida e todos estão em um profundo mau humor. Minutos mais tarde vem a notícia: estão deixando passar caminhando e mais uma vez vamos até o desabamento, mas desta vez cruzamos. Uma hora mais tarde estamos comemorando em um restaurante de Zangmu.

Dia 31

Com a abertura da estrada, após mais de um dia de bloqueio, há uma grande fila para atravessar a fronteira. Resolvemos esperar. Mais uma vez escondo meu telefone por satélite e os rádios. Na saída não costumam criar problemas com isso, mas não quero arriscar. Desta vez todo o processo é bem rápido e em poucos minutos estamos do lado de fora. Mas quase temos problemas sérios. Na saída, o Victor em voz alta reclama dos chineses:

“Estes *fucking chinese* gastaram uma página inteira de meu passaporte. Por que não colocam o carimbo em um canto em vez de colocar bem no meio?”

Ele, assim como eu, economiza as páginas do passaporte, pois viaja bastante. O problema é que um oficial chinês que fala inglês ouviu e quase o leva preso.

Passado o *stress* , seguimos viagem e, após exatamente um mês que havíamos saído de Katmandu, estamos de volta.

De volta a Katmandu

Da minha varanda vejo o bonito e tranquilo lago Fewa. De onde estou, no lado sul do lago e um pouco acima na colina, não se pode ver nem ouvir o lado turístico de Pokara. Vou pouco lá, checo internet às vezes, mas a maior parte do tempo fico aqui mesmo. Minha rotina nesses dias é muito simples. Acordo na hora que acaba o sono, normalmente às sete, tomo um banho gelado, tudo é muito simples aqui, vou para a *gompa* (sala de cerimônias em um monastério budista) para meditar por uma hora e tomo café da manhã. O cardápio não é variado, então normalmente como uma panqueca de banana e tomo um prato de iogurte. Vou para o meu pequeno e simples quarto e escrevo até o horário do almoço, que invariavelmente consiste de arroz, lentilhas e alguns legumes. Sento na varanda e leio por algum tempo.

Foi bom ter vindo para cá. Estar em um monastério me faz bem e aos poucos vejo meus níveis de energia aumentarem. Em poucos dias já estarei pronto para voltar a Katmandu e guiar mais dois grupos ao campo-base do Everest. Vai ser bom estar novamente nas montanhas.

Em outro dia o Nima, um nepalês que é o diretor do monastério, me perguntou: “Manoel, quando eu estava na escola, tive que escrever uma redação sobre o porquê dos escaladores subirem montanhas. Quem sabe você, que acabou uma importante escalada, pode me responder...”

Senti-me extremamente desconfortável por não conseguir responder adequadamente. Falei de coisas como beleza, paz e da satisfação de cumprir um desafio. Mas nenhuma dessas razões me soava como o centro da questão. Sim, as montanhas são bonitas e claro que sempre me sinto em paz quando estou lá. Mas tem que ter algo mais do que isso. Coincidentemente uma amiga me escreve e comenta sobre os questionamentos que escrevi no meu *blog* sobre essas razões tão elusivas. Ela me sugere que talvez a razão seja paixão.

“Paixão se vive, não se explica”, escreve ela.

Talvez ela esteja correta. Podemos falar horas das qualidades da mulher amada, mas não é por isso que nos apaixonamos. Fazemos isso porque algo em nós ressonou com a energia da outra pessoa. Talvez com escalada seja o mesmo. Só sei dizer que no fundo do meu coração está a resposta, e ele me diz para seguir escalando e chegando ao topo das montanhas, e estou acostumado a seguir o que ele me diz.

Pokara, Nepal, outubro de 2009.

Chomolungma, a Deusa Mãe da Terra

Relato da escalada do **Everest** (8.848 metros),
a montanha mais alta da Terra

O preparo

Em março de 2006, estava andando pelas apinhadas ruas de Délhi e resolvi fazer uma chamada telefônica em um dos pequenos negócios que oferecem esse serviço. Quando terminei de fazer a ligação, me deparei com um lindo rosto pelo qual me senti imediatamente atraído. Eram grandes olhos verdes em um rosto de feições latinas. Em um impulso, pois normalmente sou tímido, abri a porta do lugar e comecei a conversar com ela. Isso eram 21h e finalmente nos separamos às 6h da manhã, depois de passarmos a noite toda conversando. Apesar de ter o dobro da idade dela, senti uma grande afinidade, e a conversa fluiu de maneira tranquila, quase sem nos darmos conta das horas que passavam rapidamente.

Durante um mês, nos escrevemos, e em abril ela aceitou meu convite de fazer um *trek* ao campo-base do Everest. Desde então, nunca mais nos separamos. Este encontro mudou nossas vidas. Por quatro anos rodamos o mundo e o nosso relacionamento foi se aprofundando cada vez mais. Mas ela levava dentro de si uma inquietação: tinha vindo para minha vida e deixado seus planos de lado e, embora amasse nosso estilo de vida, sentia dentro de si cada vez mais forte o desejo de construir algo seu no campo profissional. Essa inquietude vinha à tona de tempos em tempos na forma de uma grande frustração. Conversávamos, buscávamos soluções, mas sempre chegávamos

ao mesmo ponto. Sem que ficasse de maneira mais fixa em algum lugar, ela não conseguiria criar algo. E eu não estava preparado para me fixar. Já tinha tentado anos antes e sabia que isso inevitavelmente me levaria à frustração. Depois de mais de 20 anos sem moradia fixa, não conseguia mais me adaptar a uma vida sedentária.

Durante a escalada do Cho Oyu, comecei a perceber uma insatisfação maior da parte dela em relação a nós. Estávamos realizando nosso maior sonho — e mesmo assim não a sentia feliz. Tinha grandes períodos de irritação, estava menos carinhosa e eu sentia que, se precisasse de ajuda na montanha, teria com mais facilidade dos outros companheiros do que dela. O fato de não ter me esperado para chegar ao cume foi um sintoma da distância que existia entre nós. No caminho de volta a Katmandu, dias que deveriam ser de extrema felicidade, conversamos bastante e ouvi dela que realmente tinha chegado a hora de seguir seu caminho. Deveríamos nos separar... No fundo do meu coração eu sabia há tempos que este momento chegaria, eu sabia perfeitamente bem como ela se sentia e que era apenas uma questão de tempo. Mesmo assim, uma terrível tristeza se apoderou de mim. Em Katmandu me fechei no hotel e mal consegui despedir-me de meus companheiros e da equipe. Ela foi para a Tailândia para dez dias de praia e festas; eu fui para um monastério budista para tentar me encontrar. Até na maneira de lidar com a dor, pois sabia que ela também estava sofrendo, lidamos de formas opostas.

Passadas duas semanas, fui novamente para as montanhas. Desta vez para guiar dois grupos de *trekking* ao campo-base do Everest, e a montanha parcialmente me devolveu a serenidade. Sentia que não estava feliz, mas ao menos não estava vivendo a montanha-russa emocional que sempre caracterizou meu relacionamento com ela. Acomodava meus clientes no alojamento, via que todos estavam bem e saía para grandes caminhadas montanha acima com meu iPod. Nesses momentos me sentia quase feliz. Experimentava sentimentos contraditórios: ao mesmo tempo que me sentia profundamente só, só encontrava paz na solidão. Após um longo dia de caminhada com o grupo, subia nos

lugares mais inacessíveis buscando encontrar a outra parte de mim. Cada música que ouvia parecia me contar uma mensagem. Como no mágico ano de 1989, quando por quase dois anos viajei pela Ásia sozinho, também agora sentia minhas emoções à flor da pele. Cada flor me emocionava, cada pôr do sol me tocava profundamente. Como diz Zélia Duncan em sua canção *O Lado Bom (da Solidão)* — “sem ninguém por perto meus olhos ficam mais abertos...”

Descia exausto, mas na hora de dormir a barraca de repente se tornava enorme, grande demais só para mim, e dormia triste.

Dois meses depois, quando já me acostumava com a ideia de estar só e já tinha conquistado um pouco mais de paz de espírito, ela me escreve dizendo que tinha repensado e percebia que o que realmente queria era estar comigo e ter de volta nossa vida. Via que sua ambição de ter algo só dela podia ser substituída por participar mais ativamente do planejamento das viagens e mais atuação com os grupos. Queria estar comigo. Radiante de felicidade, convidei-a para juntar-se a mim no Havaí, onde iria passar 20 dias visitando um grande amigo. O reencontro foi emocionante, retomamos nossa vida onde a tínhamos deixado, mas com muito mais tranquilidade e otimismo.

Ao sairmos do Havaí rumo à Nova Zelândia faltavam menos de 90 dias para o início de nossa expedição ao Everest — e essa seria a fase crucial para o treino final. Dessa forma, dedicamos boa parte do tempo em que ficamos neste formidável país fazendo *trekkings* com mochilas muito pesadas, fórmula que tinha funcionado de maneira exemplar para o Cho Oyu. Antes, porém, tínhamos algo ainda mais importante do que o treino. Tenzin Chogyi, a mestra budista com a qual eu tinha feito um retiro de um mês na Índia no ano anterior, estava dando cursos em um centro budista na Coromandel Península na Ilha do Norte. Por uma semana ficamos meditando, recebendo ensinamentos e nos deliciando com a atmosfera de paz e harmonia que esses centros sempre apresentam. Poucas vezes me senti tão tranquilo, feliz e confiante no futuro. Estava de volta com a Andrea, sentindo que estávamos ainda mais em sintonia. Estava prestes a realizar a

última etapa de meu grande sonho e fazia uma das coisas que mais amo, caminhar por entre uma natureza lindíssima quase sem ninguém. As semanas passaram cheias de felicidade e trabalho duro, até que nos deparamos com uma situação terrivelmente difícil, que teria consequências muito sérias em nossas vidas.

Em dezembro, quando estava na Guatemala, a Andrea encontrou um guia argentino, que tem uma empresa junto com seu irmão gêmeo, que lhe propôs um preço muito bom para que escalasse o Everest com ele. Estava interessado no marketing que ela lhe traria sendo a primeira mulher centro americana a fazer o Everest. Como nessa época ainda não tinha conseguido patrocínio, a Andrea ficou muito tentada em aceitar a oferta. Ao contrário de mim, sua experiência com o Victor não tinha sido muito boa e este novo guia era extremamente experiente, tendo já subido o Everest nove vezes. O guia avisou que já estava com todas suas despesas pagas (iria guiar um argentino rico que estava pagando U\$ 150.000 por uma expedição particular). A Andrea pagaria uma fração disso e contaria com toda a estrutura de uma expedição muito bem montada (e até luxuosa), embora não fosse guiada acima do campo-base. Teria apoio logístico, mas estaria sozinha com seu *sherpa* montanha acima — justamente o que ela queria. Quando voltamos a ficar juntos, decidi conversar com este guia para saber se a oferta poderia ser estendida a mim. Ele me deu um preço ligeiramente superior, mas ainda assim tentador. Por dias me debati em aceitar ou não, já que minha experiência com Victor e os malteses tinha sido tão boa. Mas a diferença de preço entre fazermos com o argentino ou com o Victor era tão significativa que, afinal, com muita dor no coração, decidi aceitar. Escrevi para o Victor e meus amigos malteses e lhes comuniquei minha decisão. Como esperado, receberam a notícia com tristeza, porém com compreensão, embora minha decisão provocasse dificuldades, já que com dois a menos a própria expedição deles ficaria bem mais cara.

Passado um mês, recebemos um e-mail do Damian, um dos irmãos, comunicando que o preço tinha aumentado. Como a razão

dada não tinha sentido para mim, argumentei que não achava justo, já que já tínhamos combinado um preço. A este e-mail seguiram-se outros tantos, e mesmo com minha oferta de chegarmos a um meio-termo não houve acordo. Questionei sua ética em proceder desta forma e no e-mail seguinte ele propôs me devolver o dinheiro que já tinha pago. Mesmo agora, meses depois, ainda lembro perfeitamente a cena que se seguiu. Saímos do cybercafé, entramos no carro que tínhamos alugado e ficamos em silêncio, tentando decidir o que fazer. A Andrea estava com seu patrocínio completo para o Everest praticamente garantido, mas o patrocinador era amigo dos argentinos e sentíamos que colocávamos tudo em risco se ela também saísse da expedição. Por outro lado, eu não me via participando de uma expedição organizada por pessoas das quais questionava a ética. Tinha certeza de que não funcionaria. Os minutos se passavam e nenhum de nós dizia nada. Eu olhava fixamente os pingos da chuva que caíam no para-brisa. O cinza do dia refletia o que se passava em minha alma. As duas alternativas eram igualmente ruins: ou me violentava e aceitava continuar nesta expedição com resultados possivelmente funestos ou a Andrea teria que abrir mão do patrocínio pelo qual tinha lutado tanto. Por mais de uma hora ficamos em silêncio, pesando o que fazer. Finalmente, propus a única alternativa para este dilema: que fizéssemos a escalada do Everest, nosso sonho comum e pelo qual havíamos sonhado, planejado e treinado tanto, em expedições separadas. Eu mesmo não acreditava que tivesse proposto isso. Era impensável e, no entanto, não havia outra solução possível. Creio que ela também sentia da mesma maneira, mas não tinha tido coragem de propor. Saímos sem direção, eu mal atinando para onde dirigia, e terminamos a noite em silêncio, tentando entender a abrangência de nossa decisão. No dia seguinte, escrevi ao Damian aceitando receber o dinheiro pago de volta — e a Andrea confirmou que continuaria com eles. Aos poucos, nesse e nos próximos dias, fomos descobrindo as consequências práticas de nossa decisão. E agora quem filmaria a Andrea, como eu vinha fazendo desde o início do projeto? Quem

forneceria as imagens para os oito minutos semanais que tinha na televisão guatemalteca? Com quem ficaria a máquina fotográfica e a filmadora? O purificador de água? Detalhes insignificantes, mas que mostrava de maneira concreta o que tínhamos feito. A grande pergunta era muito mais profunda: como poderemos escalar o Everest sem estarmos juntos dividindo cada minuto, cada emoção, cada conquista, cada medo, cada felicidade? E se fôssemos para o cume em dias diferentes? A cada minuto surgiam novas angústias. O restante de nossa estadia na Nova Zelândia foi manchada por nossa decisão, e, por mais que voltássemos a ela e tentássemos descobrir se foi acertada, chegávamos ao mesmo beco sem saída e à conclusão de que não tínhamos outra opção. Ficou um terrível gosto amargo e uma sensação de medo indefinido, como se fosse uma premonição de que por causa disso coisas ruins iriam acontecer e seríamos culpados e punidos por isso.

O trek

Dia 1 ao dia 13

Chego a Katmandu no início de março e, depois de alguns dias preparando o equipamento de escalada, decido colocar energia em uma ideia que venho cultivando há muito tempo: organizar um projeto de ajuda comunitária no Nepal. Creio que ler *Three Cups of Tea*, do Greg Mortenson, atiçou mais minha vontade de devolver, ainda que de maneira modesta, o tanto que este país me deu no decorrer destes muitos anos. Junto a isso tenho um grande desejo de trabalhar com adolescentes. Decido visitar o vilarejo onde moram alguns dos *sherpas* que trabalham comigo e ver como posso ajudá-los. Tomo um avião para a pista de pouso de Pha Phlu e, após um dia e meio de caminhada, chego a Taping, um pequeno vilarejo de 200 pessoas bastante pobre que já não faz parte de nenhuma rota de *trekking* e com isso não se beneficia da mais importante fonte de renda do país. Por três dias caminho pelo vilarejo acompanhado de seus líderes, tentando entender quais são suas necessidades. Ao sairmos de lá tenho um lindo plano elaborado: procurarei sensibilizar uma escola no Brasil que abrace o projeto de enviar um grupo de alunos para financiar e ajudar a realizar a instalação de um sistema de captação de água potável para o vilarejo. Depois de dez dias, estou de volta a Katmandu com mais um lindo plano para trabalhar após o Everest.

No dia 23 de março encontramos com as 24 pessoas que vamos guiar ao campo-base em nossa caminhada rumo à escalada. Apesar de o grupo ser razoavelmente grande, maior do que o que costumamos guiar, logo nos primeiros dias percebo que seria um grupo harmônico e bem-humorado.

No dia 26 de março, vamos para Lukla, ponto de início de nosso *trekking* rumo ao campo-base. Desde o primeiro dia percebo que, apesar de caminhar por uma trilha muito familiar (esta é a quadragésima quarta vez que percorro o caminho ao campo-base do Everest), o que sinto é completamente diferente. Não estou mais simplesmente guiando um grupo, estou também me aproximando a cada passo em direção ao cume do Everest. Cada metro ganho na trilha é um metro a mais rumo aos impossíveis 8.850 metros. Além disso, a cada parada sou abençoado com *katas* (lenços cerimoniais) por meus amigos dos *lodges*. A cada despedida antes do dia de iniciar eles me chamam a um canto e com emoção me colocam o *kata* no pescoço e me dão boa sorte e pedem para eu ser cuidadoso. Todos já perderam um parente ou amigo nas encostas do Everest e sabem de seus perigos.

Logo que chegamos a Lukla, Dawa, o dono do *lodge* que frequentamos há muitos anos, nos chama em seu escritório e nos oferece um cordão abençoado por um importante *lama* para que nossa escalada seja bem-sucedida e que possamos voltar sãos e salvos. Também nos dá um pequeno pacote com grãos de medicina tibetana preparados também por um *lama*, para usarmos caso fiquemos doentes na montanha. E como carinho final nos oferece um copo de vinho australiano branco para brindar o nosso sucesso, apesar de ser 9h da manhã. Início o *trekking* com lágrimas nos olhos.

Dias depois, visitamos o pequeno monastério de Laudo onde moram nossos amigos Ani e Lama, os dois monges que há 20 anos são os únicos moradores deste lugar abençoado. Como sempre, nos recebem com muito carinho, muita comida e deliciosos sorrisos. Como sempre faço com os grupos, aproveito as horas que passamos lá para conversar um pouco mais sobre budismo, depois os levo para a sala de ceri-

mônias e conduzo uma pequena meditação para que tenham a experiência de uma prática budista tibetana. Claro que não sou qualificado para isso, mas creio que esta experiência pode plantar uma pequena semente que mais tarde pode levar nossos clientes a buscarem contato com esta maravilhosa filosofia e, então sim, aprender com um mestre. Na saída, mais lágrimas. Peço a Ani que pense em nós enquanto estivermos escalando e ela diz que irá rezar muito por nós, mas que isso é só o que ela poderá fazer, temos que nos ajudar tomando muito cuidado. Ani nos presenteia então com um *kata* enquanto sussurra “*long life, long life*” (longa vida). Como tem acontecido nos últimos dias, logo após cruzar o portão do monastério rumo ao vilarejo onde iremos dormir, olho para trás e vejo meus dois amigos dando tchau e penso se esta não será a última vez que os estarei vendo. Mais e mais o perigo que estarei enfrentando muito em breve começa a tornar-se mais palpável. Durante o *trekking* algumas vezes tenho esse mesmo pensamento como que de despedida de algumas coisas que acho particularmente tocantes. Não são *omens* ruins, não são pensamentos premonitórios e eles não me abalam muito. Sinto que é simplesmente a constatação, a realização de que existe um risco real em escalar uma montanha como o Everest. O que sinto não é propriamente medo, mas certa nostalgia por querer estar no cume do mundo — e ter de trocar isso pelas pessoas de que gosto e lugares que amo.

A caminho encontro com um neozelandês de quem já tinha ouvido falar muito. Anos atrás, escalando o Monte Cook na Nova Zelândia, ele foi pego por uma tempestade e acabou ficando onze dias preso em uma pequena caverna na neve que ele construiu para se abrigar até que finalmente o tempo melhorou e ele foi resgatado. Saiu com vida, mas sem as duas pernas. Anos depois, já com duas próteses, ele voltou a escalar o Monte Cook e, em 2006, o Everest. Conversamos sobre o Cho Oyu e o Everest e ele diz que os 650 metros que separam essas duas montanhas em termos de altitude fazem uma diferença extraordinária. De acordo com ele, que escalou ambas, o Everest é dez vezes mais difícil do que o Cho Oyu. Também esta conversa me abala um pouco.

Apesar disso tudo, sinto que o sentimento predominante não é medo ou receio e sim felicidade por estar embarcando em uma experiência tão esperada e, tenho certeza, tão intensa. Não há maneira de sair de uma escalada dessas sem que isso de alguma forma me transforme. Por tudo o que o Everest significa, pela duração de minha preparação, pela duração da escalada, pelos riscos envolvidos, pela dificuldade, sofrimento, alegrias, mais e mais sinto que chamar tudo isso de uma aventura, de uma escalada apenas, é reduzir essa experiência em algo muito menor do que é na realidade. Aproxima-se muito mais de uma peregrinação em busca de autoconhecimento, de buscar estar em um lugar que desperta em mim o melhor que sou.

Outro lado muito gostoso desses dias tem sido acompanhar o descobrimento desta região, da sua cultura, de sua beleza através dos olhos do meu grupo. A cada dia sinto as pessoas mais relaxadas, mais contentes, mais se vendo como parte de um grupo que está dividindo uma experiência extraordinária. Já não são as mesmas pessoas que chegaram a Katmandu. Já ouvi de dois que esta viagem está sendo a melhor de suas vidas, e isso que estamos apenas no quarto dia de *trekking*. Temos mais onze dias de caminhada pela frente. A cada dia chegamos cansados ao nosso *lodge*, mas tudo que vejo e sinto ao meu redor é a alegria de todos, as risadas, as histórias, os sentimentos de cada descoberta. Para muitos, a maioria, este é o primeiro *trekking* de mais de dois dias. A mais nova tem quinze anos, o mais velho tem 63. São cariocas, paulistas, brasilienses, gaúchos, mineiros e guatemaltecos. Juntos nos deslumbramos com a paisagem, contamos nossas vidas, dançamos nas duas festas que já surgiram espontaneamente. Já não somos um grupo de pessoas desconhecidas, mas amigos de longa data. Mal começamos esta caminhada e já se fala em fazer uma outra no próximo ano. Como é o Kilimanjaro? Será que o Elbrus é muito difícil? Gostaria de ir ao Aconcágua. Alguns adoeceram com diarreia e as últimas duas noites passei em claro tratando dos doentes. Sinto-me cansado fisicamente, mas tudo isso não tem importância frente ao que recebo deles. A troca de energia é fantástica. Não creio que

pudesse ter escolhido uma forma melhor de chegar frente a frente ao Chomolungma. Sinto que nunca estarei sozinho escalando. Uma imensidão de amigos feitos nesses 20 anos de profissão como guia estarão me acompanhando, me empurrando, me apoiando. Não posso pedir mais...

Dedico tudo o que estou sentindo a todas as pessoas que sonham em fazer algo extraordinário. Que eles, assim como eu, possam ter oportunidade de realizá-lo.

Poucas vezes em minha vida fiquei tão emocionado quanto hoje. Poucas vezes chorei tanto e ao mesmo tempo fiquei tão feliz. Ontem, ao chegarmos a Deboche, começou a nevar para grande felicidade de todo o grupo. Apesar de podermos ver a linda vista que se descortina da janela de nossos quartos, a paisagem pintada de branco compensou de sobra. Hoje, porém, logo ao acordarmos temos a maravilhosa vista do Everest, Lhotse, Nuptse, Ama Dablan, Kantega e Tramserku. Começamos a caminhar com um maravilhoso céu azul e com a temperatura perfeita. Após uma hora e meia, chegamos ao povoado de Pamboche, onde paramos para uma visita muito especial. Como fazemos com todos os grupos fomos à casa do *lama* Geshe Rimpoche, o mais respeitado *lama* do Khumbu. Ele nos recebe com seu grande sorriso e o carinho habitual. Mas hoje é um dia especial por mais de uma razão. Um de nossos clientes decide fazer uma surpresa para sua namorada. Sem que ela soubesse, tinha comprado os anéis de noivado, e me pede que organize uma cerimônia com o *lama*. Primeiro todos nós somos abençoados e em seguida peço aos dois que se sentem à frente do *lama*. Só quando ele começa a entoar mantras e jogar punhados de arroz que ela desconfia o que está acontecendo. Quando ele mostra os anéis, todos caímos no choro. É uma cerimônia lindíssima e parte da minha emoção foi lembrar que de forma muito parecida me casei com a Andrea há três anos com este mesmo *lama*.

Vem então a hora de eu e Andrea recebermos as bênçãos para nossa escalada ao Everest. Assim que me sento em frente ao *lama* começo a chorar e não paro pela duração da cerimônia, quase uma

hora. Após a cerimônia ele nos fala em tibetano traduzido por Nima, nosso *sardar*, seus conselhos para que tudo corra bem na expedição. Disse para mantermos o coração puro, ter apenas pensamentos bons e generosos e, sempre que possível, ajudar os outros. Se nos encontramos em uma situação onde realmente não seja possível ajudar fisicamente, que pelo menos em nossos corações pensássemos em ajudar. Enquanto ouvia, pensava uma vez mais que queria dedicar toda esta experiência a todos que sonham com algo grande, algo significativo, algo importante. Que eles também, assim como eu, possam concretizar este sonho. Reinício a caminhada um pouco à frente do grupo, meditando no que havia vivenciado e nas sábias palavras que ouvi.

Após 15 dias de *trekking* guiando um grupo de 24 pessoas, uma experiência deliciosa, porém muito cansativa, finalmente estou a caminho do Everest. Há quatro dias estive no campo-base pela quadragésima quarta vez, mostrando minha “casa” pelos próximos dois meses para meu grupo, e não pude deixar de pensar em quão austero este campo-base é. Os escaladores ainda não chegaram, mas os *sherpas* já estavam ocupadíssimos transformando uma superfície irregular de rochas e gelo em algo aceitável para montar as barracas, as cozinhas e as salas-refeitório. Vendo neste estágio de construção é difícil imaginar que este trecho de 500 metros abrigará em poucos dias ao redor de 300 escaladores mais *sherpas* de apoio, cozinheiros e auxiliares de cozinha, uma pequena cidade montada no gelo.

Hoje é minha última noite com o grupo em Monjo, um pequeno vilarejo a 2.800 metros de altitude. Tenho certeza de que será uma despedida com muita emoção, já que estes dias nos uniram de uma forma muito especial. Sendo um grupo tão grande, achei que isso fosse não acontecer, mas se tivesse que resumir o que passou nesses dias em uma palavra, esta palavra seria harmonia.

Amanhã pela manhã, recomeço minha subida em direção ao campo-base do Everest, mas antes de iniciar o Everest farei a escalada do Island Peak, uma montanha a 20 quilômetros ao sul com quase 6.200 metros. Já escalei esta montanha várias vezes sempre guiando meus

clientes, mas desta vez a razão é outra, me aclimatar para o Everest e com isso evitar pelo menos uma viagem pela temida cascata de gelo do Everest (Khumbu Ice Fall). Vou escalar o Island Peak junto com meus três companheiros do Cho Oyu, Greg, Marco e Rob além de nosso guia Victor Saunders. Estou muito feliz de reencontrá-los e dividir mais esta experiência. A previsão é fazer o cume no dia 10 de abril, em seguida seguir para o campo-base do Everest e, ao redor do dia 14 de abril, realmente iniciar a escalada do Everest. Há muito contava o tempo que me separava da grande escalada em anos ou meses. Agora são dias, poucos dias...

Island Peak

Dia 14

A despedida do grupo é muito emocionante. De todos recebo palavras carinhosas — e sei que tornarei a ver muitos deles. Eles começam sua caminhada rumo a Lukla, de onde voarão para Katmandu, e eu entro no *lodge* para arrumar minhas coisas. Quando volto a sair, eles não estão mais lá, e sinto um pouco de solidão ao iniciar a minha volta ao campo-base. Depois de 20 dias rodeado de gente pedindo minha atenção, de repente estou só. Enquanto caminho, penso que preciso voltar o foco para dentro de mim, preciso prestar atenção à minha saúde, preciso descansar e se possível ganhar um pouco de peso. A escalada do Everest começa dentro de menos de cinco dias e nesses últimos dias não tive um segundo para mim. Agora tenho dois dias calmos para caminhar até Chokhung. Lá encontrarei a Andrea, o Guto e a Manuela, que foram escalar o Island Peak. Um dia depois o grupo que irá escalar o Everest comigo — o Victor, o Greg, o Marco e o Rob. Às 11h, porém, os meus planos mudam completamente. Recebo uma ligação do Sunir, meu operador, no meu celular dizendo que o Guto e a Manuela haviam chegado ao cume, mas que a Andrea tinha ficado no campo alto, pois tinha adoecido. O Sunir não sabe me dizer se é grave ou o que exatamente ela tem. Decido no ato ir até Chokhung neste mesmo dia, embora isso signifique uma caminhada de mais de 30 quilômetros e um ganho de altitude de

mais de 2 mil metros. Chego a Chokhung já de noite e encontro os três comemorando o cume. A Andrea tinha tido febre durante a noite e sua tosse, que já vinha há alguns dias, tinha piorado e ela sensatamente tinha desistido da escalada. Mas, agora, já mais abaixo e com 24 horas de antibiótico a Andrea está bem melhor, para meu grande alívio.

Dia 15

Como lado bom de minha maratona, além da minha paz de espírito em saber que a Andrea está melhor, tenho o dia seguinte livre e aproveito para dormir muito. Acho que só então percebo o quanto de energia tinha colocado neste grupo e quão desesperadamente precisava descansar antes de iniciar o Everest. Hoje também reencontro com meu grupo de escalada do Everest, só que, além dos quatro, eles estão levando outros nove *trekkers* de Malta, que nos acompanharão até o campo-base e escalarão conosco o Island Peak. O que eu não sabia é que acabaria sendo coguia deles na escalada.

Dia 16

De manhã cedo, me despeço mais uma vez da Andrea, que irá reencontrar seu grupo de escalada no campo-base do Everest. Mais uma vez ficamos tristes com a série de ocorrências que culminou em escalarmos o Everest em expedições diferentes. A separação, que no final será de apenas três dias, tem um sabor amargo. Daqui para frente e pelos próximos 50 dias estaremos na mesma montanha, mas nos vendo ocasionalmente, sem poder dividir todos aqueles momentos que nos últimos dois anos sonhamos. A primeira travessia em uma das escadas de alumínio sobre as gigantescas *cravasses*, a chegada ao campo 1 com a vista do campo do silêncio, a noite do cume... Agora essas experiências não mais serão divididas e sim contadas quando tivéssemos a chance.

Vou com o meu novo grupo ajudar a montar um sistema de cordas para que treinem subir com *jumar* e descer com rapel. O dia está ventoso e uma grande melancolia me invade. Após o almoço parto para o campo-base a 5.100 metros no pé do Island Peak. Jantamos cedo e às

18h já estamos nos *sleeping bags* tentando descansar para o longo dia que teremos à frente.

Dia 17

Como sempre, antes de uma escalada, não consigo dormir muito. À meia-noite e meia começo a preparar meu equipamento, e à 1h da manhã já estou na barraca-refeitório tentando comer algo, pois sei que o dia será terrivelmente longo. Estamos em um grupo de 14 pessoas, sendo que nove completamente inexperientes. Este fato em si não é problema, já que costumo levar principiantes para esta montanha. Mas neste ano as condições estão diferentes. Com um inverno muito seco, em vez de a parede ser uma encosta de neve com degraus bem marcados, teremos uma parede de gelo puro de 50 graus de inclinação. Como conheço bem a montanha, Victor me pede para liderar a escalada, e sem saber, ao poucos, vou mais uma vez assumindo meu papel de guia. Saímos às 2h da madrugada com uma noite estrelada e sem vento. Inicio a longa subida de 600 metros até o gelo por entre grandes blocos de rocha. Subo mantendo um ritmo confortável para o grupo, ganhando ao redor de quatro metros por minuto, monitorados pelo meu altímetro. Como réplica perfeita da minha última escalada no Island Peak, às 4h da manhã uma linda lua quarto crescente surge sobre a crista das montanhas a leste em direção ao Makalu, e um pouco mais tarde vou conseguindo perceber na penumbra o magnífico lugar por onde caminhamos. Acima, nos rodeando, as cristas de inúmeras montanhas nevadas com seus glaciares despencando em uma massa irregular de assustadores blocos de gelo. Abaixo, o vale de onde tínhamos saído com a presença enorme de um lago congelado. Como planejado, às 6h, com o nascer do sol, chegamos ao gelo e nos parametamos com botas duplas, polainas, *crampons*, cadeirinhas e nos encordamos. Por duas horas escalamos entre lindíssimas formações de gelo azul, paredes com formas bizarras e grandes *cravasses*. Chegamos então ao grande desafio da escalada: a parede de 150 metros que leva a uma crista afilada de 50 metros e de lá a subida final ao cume. Nossos *sherpas* já tinham ido à frente e fixado

as cordas que dariam segurança, possibilitando que novatos como este grupo pudessem escalar a montanha com confiança. De cara pude ver que esta não era a mesma montanha que tinha escalado nas outras vezes. Em vez dos suaves degraus deixados por outros escaladores, temos paredes de gelo vertical de até um metro e meio de altura que exigem técnicas de escalada de *front pointing*, onde se usam os dois dentes da frente dos *crampons* para cravar na parede e, com o auxílio do *jumar* (ascensor), ganhar preciosos centímetros. Logo percebo que os *trekkers* necessitam de muita ajuda caso queiramos que cheguem ao cume. Dividimos o grupo entre eu, o Victor e meus companheiros de Cho Oyu e aos poucos, com muito incentivo e instrução, vamos conseguindo que um a um cheguem à crista e de lá ao cume. Talvez por que desta vez o Island Peak não seja um objetivo em si e sim apenas uma etapa de aclimação para o Everest, não me sinto particularmente exultante com o cume. Estou feliz, afinal esta pequena montanha está localizada em um lugar espetacular e a vista de seu cume é deslumbrante. Mas o desafio foi muito mais levar essas nove pessoas que recém havia conhecido do que para mim mesmo. Em nenhum momento senti alguma chance de que eu não conseguisse chegar lá em cima.

Mas chegar ao cume era, como sempre, apenas metade do trabalho e com um grupo grande assim e a montanha do jeito como está, sei que descer todos com segurança é uma tarefa árdua. Finalmente, às 15 horas, após 13 horas de escalada, estão todos felizes sãos e salvos de volta ao final do gelo e prontos para descer rumo ao campo-base onde passarão a noite. Eu, porém, tenho outros planos. O Victor já não precisa de minha ajuda e decido ir para o campo-base do Everest o mais rapidamente possível. Quero reencontrar a Andrea e ter dois dias de descanso completo antes de enfrentar a temível cascata de gelo. Desço para o campo-base voando e sigo montanha abaixo para Chokhung e, após um copo de chá, ainda mais para baixo para o vilarejo de Dimboche. Chego com os últimos raios de sol exausto, mas feliz de estar em um bom *lodge*, poder tomar um merecido banho quente e jantar uma gostosa sopa e um prato de macarrão.

A aclimação

Dia 18

Após o café da manhã reforçado, pego as coisas que tinha deixado na subida e mais uma vez minha mochila volta ao seu peso habitual, 30 quilos. Tenho pela frente ao redor de duras oito horas de caminhada com um ganho de mais de 1.000 metros. Vou estar de volta ao mundo acima de 5 mil metros, que será minha casa pelos próximos 40 a 50 dias. No caminho vou reencontrando algumas pessoas que tinha conhecido na subida, e todos me desejam feliz escalada. Mesmo alguns *sherpas*, vendo o tamanho de minha mochila, perguntam se eu vou escalar o Everest, e ao responder que sim posso ver em seus rostos admiração e respeito. Sei que minha motivação para subir o Everest não é massagear meu ego, mas seria mentira dizer que o ego não fica mexido neste processo. Pessoas querendo tirar fotos comigo, e-mails elogiando minha determinação, o olhar de admiração no rosto de todos, alguns dizendo que sou um herói. Tudo isso, querendo ou não, acaba brincando com minha vaidade. E, acredito, isso acontece com muitos escaladores. Lembro de como olhava para aqueles que me contavam que haviam escalado uma montanha de 8 mil metros. Creio que o importante é o que fazer com esses sentimentos. Se isso for a motivação principal da escalada, inevitavelmente vai levar a sofrimento, pois o ego é insaciável. Ele sempre quer mais. E então vem a frustração.

Como antídoto uso uma tática simples: é só olhar para os *sherpas* e ver o que eles fazem. Padawa, o *sherpa* principal de minha expedição, já esteve no cume do Everest 12 vezes e sempre ajudando a escaladores estrangeiros. E ele é um entre os muitos desta região. Uma família com seis irmãos tem entre eles 40 cumes! Então, como posso me sentir vaidoso frente a pessoas como eles? Mas, de qualquer forma, é preciso ficar de guarda, pois o ego é extremamente ardiloso.

Enquanto me aproximo do campo-base, já vendo a multidão de barracas multicoloridas se espalhando por uma grande área de rochas e gelo, olho para a magnífica e assustadora cascata de gelo, um rio de 600 metros de altura formado por uma confusão de enormes blocos de gelo completamente instáveis pedindo para desabar. Se não soubesse que essa era a rota que percorrerei muitas vezes nas próximas semanas juraria que passar por este formidável obstáculo seria completamente impossível.

Vou diretamente ao acampamento da Andrea, que fica 20 minutos adiante do meu, muito mais próximo da cascata. Ao abraçá-la, sinto que está um pouco triste. Ela conta que não se sentiu muito à vontade com seus companheiros de escalada. Em seu acampamento estão três grupos diferentes, uma expedição de cinco guias de montanha argentinos, Willie Benegas, um conhecido guia argentino com nove cumes de Everest, guiando o presidente da ESPN da América Latina, e o grupo dela com um canadense super-rico e o guia Damian Benegas. Mais uma vez, como tenho certeza que ocorrerá tantas vezes nestes próximos dois meses, nos arreponderemos da decisão de estar em expedições diferentes. Mas quando tomamos esta decisão não tínhamos muita escolha. Para ela ter o patrocínio era muito importante, e estar em uma expedição liderada por pessoas que não respeitava estava fora de questão para mim.

Entro na barraca-refeitório super-organizada e conheço os argentinos. Um deles me conta que tinha acabado de ir urinar atrás de uma rocha não muito distante de seu campo e que lá entre as pedras encontrou uma mão mumificada sem as pontas dos dedos e com par-

tes de osso aparecendo... Bem-vindo ao Everest! Nesta montanha já morreram 215 pessoas e muitos dos corpos ainda estão na montanha. Com o passar dos anos, os corpos congelados podem quebrar e, com o inexorável movimento do gelo encosta abaixo, partes podem ressurgir na superfície. Atualmente, a taxa de mortalidade medida, dividindo-se os que chegaram ao cume *versus* os que morreram, é de 4,5%, ou seja, para cada 20 que chegam ao cume uma pessoa morrerá escalando. Penso nas pessoas que conheço aqui na montanha e fico horrorizado com essa estatística. Já chegaram ao cume ao redor de 4500 pessoas e 215 morreram! Os *sherpas*, devido à natureza de seu trabalho, subindo e descendo a montanha muito mais vezes que os escaladores estrangeiros, detêm uma porcentagem desproporcionalmente alta de mortes. Dos 215 mortos, 30% são *sherpas*!

Apesar de se sentir um pouco deslocada entre seus companheiros de escalada, a Andrea não pode deixar de ver o lado positivo de estar em uma expedição *VIP*, bem diferente do que tivemos no Cho Oyu e também do que eu terei na minha. Os irmãos argentinos trouxeram 200 quilos de comidinhas, vinhos e iguarias da Argentina e dos Estados Unidos e a comida é excelente. Tem um enorme aquecedor na barraca-refeitório, um centro de informações meteorológicas, uma barraca redonda de teto escurecido para as *siestas*, afinal, são argentinos... Como os irmãos são atletas North Face, têm barracas novíssimas, seus *sherpas* estão equipados com roupas North Face de última geração e o acampamento é impecável, desde a barraca-cozinha até a barraca-banheiro. Para contrabalançar, na minha expedição tenho um guia que nos anos 80 estava entre os cinco melhores do mundo e quatro amigos com os quais sei que posso contar em qualquer situação. Em uma montanha como essa, sei que minha sobrevivência pode estar nas mãos de meus companheiros. Não tenho dúvidas sobre minhas prioridades aqui no Everest. Barracas mais velhas, comida mais aborrecida, banheiro incômodo, sem problemas... Mas, eu gostaria que a Andrea estivesse comigo.

É difícil descrever o que é um acampamento-base de uma montanha como o Everest. Para que minha barraca possa estar onde está,

em uma plataforma razoavelmente plana, que exista um banheiro que nada mais é do que uma pequena barraca retangular sobre duas rochas com um buraco no meio, que duas grandes barracas abriguem a cozinha e o refeitório, foram necessárias semanas de trabalho de nossa dedicada equipe de *sherpas*. De um ano para o outro todo este trabalho é destruído pelo constante movimento do gelo que está sob nossos pés e ao redor de nós. Para ir do meu acampamento ao da Andrea sou obrigado a subir em rochas escorregadias cobertas de neve, atravessar um pequeno riacho de gelo derretido e subir e descer colinas de gelo.

Antes de entrar na minha barraca, olho ao redor e vejo um mar de barracas iluminadas, tendo ao fundo a linha nevada de montanhas que separam o Nepal do Tibet. Na escuridão da noite, a cascata de gelo deixa de ser amedrontadora e se torna uma inocente colina branca. Instalo-me dentro de meu *sleeping bag* para menos 28 graus e adormeço ao som das constantes avalanches que descem das paredes do Khumbutse. Estou onde por anos sonhei em estar.

Dia 19

Que delícia depois de tantos dias sem parar, sem ter espaço mental para descansar, ter dois dias de ócio completo! Acordo na hora que acabou o sono e só saio para tomar café da manhã após o sol ter aquecido confortavelmente a barraca. Durante a noite, nevou ao redor de cinco centímetros, e pela manhã o céu está completamente azul, com esta tonalidade de azul escuro que só existe acima dos 5 mil metros. Todo o chão está coberto por uma grossa camada de neve, as montanhas estão imaculadas e o mundo parece ter sido criado naquele momento.

Como única tarefa do dia, com muita calma, organizo a barraca e os barris que tinham vindo de Katmandu nas costas dos gentis *yaks*, com meu equipamento de escalada. De resto passo a tarde lendo, dormitando e conversando com o grupo de escaladores que divide a mesma área que nós.

Na hora do jantar, o tempo fecha bruscamente e raios começam a cortar o céu com trovões assustadores. Pouquíssimas vezes assisti a uma tempestade elétrica tão intensa aqui no Khumbu. Logo depois, começa a nevar pesadamente e corro para o conforto de minha barraca. Tento ler um pouco, mas o cansaço das últimas semanas é mais forte e adormeço. Tínhamos combinado de a Andrea vir dormir comigo, mas com esta mudança de tempo achei que ela tinha mudado de ideia. Ela ainda está com uma tosse bem feia e achei que tinha decidido ficar no seu acampamento. Mas, às 21h, ouço sua voz me chamando, e quando abro a porta da barraca a encontro toda coberta de neve. Desta vez foi ela que se aventurou para me encontrar. Ficamos dentro de nossos quentinhos *sleeping bags* contando um para o outro de nossos dias. Imagino que casais normais são assim, no final do dia se encontram e contam um para o outro o que aconteceu. Para nós, que passamos os dias juntos, sempre, isso é um pouco de novidade e até tem o seu encanto. Ela fez seu treino de atravessar e subir escadas da cascata e se saiu super-bem, mas está um pouco preocupada com seu companheiro de escalada, o canadense, que aparentemente é bem inexperiente. Com a multiplicação de expedições comerciais, cada vez mais o Everest atrai pessoas que não estão habilitadas para enfrentar um 8 mil. Se tudo vai bem, qualquer pessoa com ótima forma física tem boas chances, mas se as coisas dão erradas, como com muita frequência dão, aí tudo pode se complicar. Nem todos fazem um treinamento progressivo como nós fizemos ou têm os anos de experiência que temos nas montanhas, conhecendo nossos corpos e como eles reagem à altitude.

Adormecemos com o agradável ruído da neve cobrindo gradualmente nossa barraca.

Dia 20

Colocamos o despertador para às 3h da manhã — para a Andrea se comunicar com o time dela e ver se iriam fazer a primeira viagem até o campo 1, a 6 mil metros. Mas como venta bastante e tendo caído

uma grande quantidade de neve, a saída é abortada. Voltamos a dormir e só acordamos às 8h da manhã, já com o sol aquecendo a barraca. A Andrea decide voltar para o campo dela e eu vou tomar um preguiçoso café da manhã que quase se une com o almoço. Aproveito o calor da manhã para tomar um banho e escrever.

Às 13 horas, o grupo dos malteses chega com cara de muito cansaço. Tinham saído de Lobuche de madrugada para ver o nascer do sol no Kala Patar, um lindo espetáculo. Mas o cansaço dos dias anteriores, da escalada ao Island Peak, fez com que muitos desistissem antes do cume. Fico muito feliz ao revê-los, mas sinto que só realmente nos tornaremos o time que tínhamos no Cho Oyu quando os *trekkers* de seu grupo se forem, depois de amanhã. Victor, como sempre, está com uma grande disposição, mas noto que Greg, Marco e Rob estão bem cansados. Ainda não sei qual será a programação dos próximos dias, mas sinto que eles precisam de pelo menos um dia de repouso antes de podermos subir ao campo 1.

Não vejo a hora de realmente começar a escalada. Esses 21 dias desde que saí de Katmandu foram extremamente importantes para dar o último toque em minha forma física que está excelente e para ajudar na minha aclimação, mas sinto que quero finalmente colocar os pés na montanha e começar a subir.

Dia 21

Pela primeira vez desde que estou acima dos 5 mil metros durmo a noite inteira sem acordar, sinal que finalmente estou ficando aclimatado a esta altitude. Mesmo assim, para ir da minha barraca até a barraca-refeitório, meros dez metros, fico um pouco ofegante. Mas, pelo menos, a lassidão que sentia dois dias atrás desapareceu. De todos os sintomas de altitude este é o que mais me incomoda. É muito desagradável sentir uma profunda preguiça para fazer qualquer coisa. Penso em colocar um casaco, e entre sentir que preciso e tomar a decisão de buscar na bagunça da minha barraca vários minutos passam.

Assim que acordo, percebo que não nevou muito esta noite, ao contrário das últimas duas. E com isso sei que a Andrea deve ter saído às 3h da manhã para “tocar” o campo 1. Então, enquanto me espreguiço no conforto do meu *sleeping bag* sei que ela está a caminho do fim da cascata e sinto medo. Este trajeto é tão perigoso e ao mesmo tempo impossível de evitar os perigos, é uma espécie de roleta-russa. De todos os lados negativos de estarmos escalando separados, este é o pior. A cada dia estaremos fazendo coisas perigosas, um sem saber do outro até que o dia termine. Mentalmente, desejo a ela boa sorte, pois nesta parte da montanha, técnica, experiência e destreza pouco valem. É tudo uma questão de sorte...

Hoje é o grande dia, o dia em que realmente a expedição começa, o dia do *puja*, da cerimônia em que pedimos aos deuses que habitam o Chomolungma que nos deem passagem segura por sua casa. Para muitos que estão aqui esta cerimônia não passa de uma curiosidade para contar em casa na volta — para mim é muito mais do que isso. É o momento de me concentrar e realmente criar a energia positiva que me ajudará e a todos mais para que possamos superar os obstáculos que nos esperam com saúde, com segurança e com respeito. Enquanto o *lama* idoso que veio especialmente de Pamboche, dois dias de caminhada daqui, entoava os mantras, fecho os olhos e mentalmente desejo uma escalada segura e alegre a todos que conheço aqui na montanha. Penso primeiro nos que me são mais próximos — Andrea, Victor, Greg, Marco, Rob — e aos poucos vou incluindo mais e mais gente, sempre procurando ver os seus rostos enquanto lhes desejo o melhor nestes dias que virão. Todos nossos amigos *sherpas*, os outros escaladores que estão na nossa expedição, os outros de outras expedições e até os irmãos argentinos que tanta dor nos causaram.

A cerimônia termina com todos atirando aos céus grãos de arroz e depois *tsampa*, cevada torrada e moída, que é o alimento básico dos *sherpas*. Em seguida, com muita brincadeira, passamos *tsampa* nos rostos uns dos outros. Lembro-me cada instante da mesma cerimônia antes da escalada do Cho Oyu, apenas seis meses atrás. Enquanto pas-

so *tsampa* no rosto de meus amigos, desejo-lhes vida longa. Pintados como índios para guerra abrimos latas de cerveja San Miguel e brindamos a saúde de todos.

Ao voltar para a barraca, estudo a cascata de gelo com binóculos e vejo infinitamente pequenos pontos movendo-se entre blocos de gelo gigantescos. Neste ponto, grande parte das expedições já fizeram seus *pujas* e já se dirigem ao campo 1, ainda não para dormir lá, apenas para “tocar”, ou seja, chegar até ele e daí descer. Como fizemos o Island Peak, vamos saltar esta etapa e, se o tempo continuar bom, amanhã iremos até a metade da cascata e depois de amanhã dormiremos no campo 1.

Finalmente, a escalada está começando...

Dia 22

Como amanhã será um dia longo, resolvemos ter um dia bem leve. Com isso, em vez de fazer o treinamento de cruzar as escadas da cascata na própria cascata, o que significaria uma caminhada de pelo menos duas horas, vamos perto do acampamento e colocamos uma escada entre duas cristas de gelo e fixamos duas cordas simulando a situação real. O problema é que cruzar uma escada tendo abaixo um metro é muito diferente do que tendo 40 metros de vazio abaixo dos seus pés. Mesmo assim, fazemos várias travessias até nos sentirmos confortáveis com a técnica, que consiste em debruçar-se para frente apoiando-se nas cordas e colocar os *crampons* de modo que o degrau fique entre dois pares de dentes. Para aumentar um pouco a estabilidade, abrimos um pouco os braços e com isso posso sentir um pouco menos desconforto, mas mesmo assim não posso deixar de pensar mais uma vez que grande loucura tudo isso é.

O restante do dia passo na barraca-refeitório conversando e hidratando. Também estou tentando comer muito mais do que o meu organismo pede, pois sei que daqui para frente, nos campos de altitude, vou perder rapidamente peso e não tenho muita reserva. No final da tarde, Andrea vem me visitar e me conta de sua experiência cruzan-

do a cascata. Disse da beleza e dos perigos, das áreas mais instáveis e do enorme esforço que é chegar ao campo 1. Despedimo-nos com tristeza e vou para minha barraca solitária preparar o material para o dia seguinte. Na minha mochila tenho roupa extra, comida para um dia e meio e meu colchonete inflável. A ideia é ter pouco peso, pois como é nossa primeira subida na cascata queremos ter o menor esforço possível.

Dia 23

Acordo às 3h da manhã e tenho que buscar toda a força de vontade dentro de mim para começar a me preparar para o grande dia. Doze graus negativos fora da barraca e tenho apenas o rosto do lado de fora do meu *sleeping bag*. Chamo a todos, mas sinto que eles também se sentem da mesma forma que eu. Estranho, eu sempre pensei que nesta hora estaria morrendo de medo de enfrentar a cascata. Em muitos relatos que li, as noites antes de subir a cascata sempre inspiravam um grande receio. Meu amigo Carlos Escobar, que guiou no Everest quatro anos atrás, me contou que nem conseguia dormir a cada vez que tinha que cruzá-la. Do meu lado, só sinto preguiça de sair no frio. Levo uma hora para me vestir com quatro camadas no tronco, duas nas pernas e um gorro grosso. Tento comer bastante no café da manhã, mas só consigo comer duas torradas e um ovo frito, mas tomo um litro de suco quente.

Caminhando como um robô, com minhas desajeitadas botas duplas entre as pedras do acampamento, me deslumbro com a linda noite estrelada sem lua e sem vento. Antes de seguir rumo à cascata, paramos frente ao altar e acendemos junípero, e junto com o Padawa faço uma pequena prece para que Chomolungma nos receba. Atiramos grãos de arroz aos deuses e seguimos nosso caminho. Na direção da cascata vejo uma grande fila de pequenos pontos de luz subindo verticalmente rumo ao campo 1. Após meia hora de caminhada, chegamos ao início da subida e colocamos nossos *crampons*. O barulhinho do gelo quebrando sob meus pés sempre é delicioso e tento colocar

um ritmo constante para acalmar meu coração, que bate loucamente. Aos poucos vou me acalmando e em mais uma hora chegamos à primeira escada, que se apoia dos dois lados de uma enorme *cravasse* com pelo menos 30 metros de profundidade. Coloco-me na posição inclinado para frente apoiado nas duas cordas e isso faz com que eu olhe diretamente no enorme abismo de gelo azul por entre meus pés. Nesta altura o sol está quase nascendo e tenho luz suficiente para ver onde estou. O lugar é maravilhoso, o paraíso de um montanhista. Enormes torres de gelo de posições e formas variadas, gigantescas *cravasses* se abrindo para todos os lados, blocos de gelo caídos a esmo mostrando claramente o quanto esta encosta toda está em constante fluxo. Tento não pensar em como é absurdo estar me expondo desta maneira. Normalmente, eu não subiria em uma escada colocada tão precariamente nem para trocar uma lâmpada, e, no entanto, aqui estou eu cruzando uma fenda que não consigo e nem ousa ver onde acaba. Mas, mesmo assim, prossigo pelo louco labirinto de gelo subindo, descendo, cruzando mais *cravasses*, galgando os degraus em encostas que de outra maneira necessitariam de técnicas de escalada em gelo — o que nesta altitude seria muito cansativo e tardaria ainda mais, aumentando o perigo. A ideia é passar pela cascata da maneira mais segura, mas também mais rápida, diminuindo o risco de estar lá quando um desses blocos desabe. Às 9h da manhã estou a 5.500 metros de altitude e entro no que se chama de “área da pipoca”, a mais perigosa parte da escalada. Esses 200 metros verticais realmente dão medo, mas passamos por ela sem parar um segundo. O nome vem da enorme quantidade de blocos de gelo de aproximadamente um metro cúbico empilhados uns sobre os outros sem lógica ou razão. Um caos pronto para engolir você. Acima da Popcorn está o *football field*, o campo de futebol, um dia uma região plana, mas que hoje é uma enorme encosta também bastante irregular. Tenho fome e sede, mas parar aqui é loucura. Seguimos mais uma hora e finalmente chegamos a uma região segura para reunir o grupo e descansar um pouco. O perigo ficou para trás e posso relaxar um pouco. Acabo de cruzar

pela primeira vez a cascata de gelo do Khumbu! Enquanto comemos um pouco escutamos o enorme barulho de um bloco de gelo se quebrando, algo como um grande trovão. O Victor corre para a borda da cascata, mas não vê nada, e concluímos que nada de sério aconteceu. Tudo é tão fortuito...

Chegamos ao acampamento 1 após duras, duríssimas seis horas e meia de escalada, mas a visão das barracas é um pequeno conforto. O sol está escaldante e deixa o interior das barracas inabitável. Colocamos os colchonetes do lado de fora e fazemos um piquenique. Estou me sentindo superbem, e ao checar minha oximetria vejo que estou com 90% de saturação (resultado excelente) e 55 de frequência cardíaca. No entanto, conforme as horas passam, começo a sentir minha tão conhecida dor de cabeça pulsátil atrás do olho direito. Infelizmente, sei muito bem como será a sequência nas horas que se seguirão. A dor vai piorar, virá a náusea, vomitarei e terei uma noite infernal. Tal qual um bem conhecido *script*, vou seguindo os passos. Não consigo comer mais nada, e o que comi volta às 20h. Tomo analgésicos, mas de nada valem. Finalmente, às 2h da manhã consigo dormir, mas às 4h já estamos nos preparando para seguir para o campo 2, quatrocentos metros acima.

Dia 24

Por toda a noite me torturo com a possibilidade de não conseguir acompanhar o grupo ao campo 2. Sei muito bem o quanto essa subida ao campo 2 é importante e que, se não for hoje até lá, terei de alguma forma que compensar para estar nas mesmas condições do grupo. Mas, quando o despertador toca, vejo que a dor de cabeça passou e que apesar de não ter dormido quase nada e não ter jantado posso pelo menos tentar subir. Tomo apenas um copo de chá, nada mais desce, e começo a me preparar para sair. A temperatura está ao redor de 18 graus negativos e um vento sopra do Lhotse em nosso rosto. Estou no Vale do Silêncio e na minha frente está o meu objetivo. Enquanto caminho, vou estudando a rota que percorrerei nas próximas semanas. O Vale do Silêncio é uma

enorme bacia cercada de paredes de gelo altíssimas. Ao sul, a parede do Nuptse lindíssima toda de gelo vitrificado. À frente, a imponente e muito íngreme parede do Lhotse que liga o campo 2 ao campo 4 no South Col, ou Colo Sul. E ao norte, a parede do Everest é visível claramente. De onde estou também posso ver pela primeira vez a rota rumo ao cume. Estou todo coberto e mesmo assim minhas mãos e pés estão gelados. Penso em quanto a Andrea vai sofrer neste dia. O sol já iluminou todo o vale, mas seus raios ainda não chegaram até onde estou caminhando. Coloco o *buff* sobre o meu rosto, mas o ar que já é rarefeito fica ainda mais escasso e prefiro sofrer com o frio que com a falta de ar. A subida é longa, mas gradual e consigo manter um ritmo enquanto minha mente vagueia e analisa tudo o que vi e senti nas últimas 24 horas. Preparo-me para cruzar mais uma ponte, e, como já cruzei mais de 30 desde ontem, acho que esta será rotina, mas por alguma razão sinto que esta é diferente e tenho medo. Claro que isso faz com que comece a cruzá-la com insegurança e no meio dela me desequilibro e pela primeira vez acho que vou cair. Travo no meio e tento me acalmar, respiro fundo duas vezes e, passinho por passinho, vou chegando no outro lado. Aliviado, sigo em frente, já temendo ter de cruzá-la outra vez dentro de poucas horas, quando voltar ao campo 1. Dali para frente, não tem mais escadas, mas por outro lado tenho que saltar várias *cravasses* menores, e por serem menores não têm corda fixa para dar segurança. A cada uma que salto tenho uma breve visão de suas profundezas e sinto que, desde que começamos, ontem, por poucos momentos pude realmente relaxar.

Chegamos ao campo 2 após duas horas de escalada e estou exausto. A parte final já não é em gelo e sim em morena, uma coleção de rochas congeladas, que deixaram o terreno extremamente irregular, subindo e descendo. A cada cinco minutos sou obrigado a parar para recuperar meu fôlego. A falta de sono e principalmente de comida se faz sentir e fico muito feliz quando o Victor decide que já subimos o suficiente e é hora de descer. Se até agora o frio castigou muito, agora com os raios de sol chegando até onde estamos começamos a sofrer com o calor. O Vale do Silêncio é famoso por ter uma absurda

variação de temperatura. Antes de o sol nascer a temperatura pode ser de até 20 graus negativos, subindo rapidamente a 30 positivos em questão de minutos. Tiro minha sobre-calça, minhas três camadas da parte superior e fico só de camiseta e calça de *trekking*, mas mesmo assim sinto toda minha energia se esvaír. Estou descendo e parece que estou subindo. Às 10h da manhã, chegamos de volta ao campo 1, onde paramos por uma hora para reidratar e comer um pouco. Já me sinto melhor e consigo comer e com isso me sentir mais forte, mas tudo o que desejo é poder dormir por algumas horas. No entanto, este não é o plano, e às 11 da manhã iniciamos a longa descida cheia de subidas rumo ao campo-base. Mais tensão, mais de 30 escadas e finalmente às 15h estou chegando ao campo-base. Antes de ir para o meu acampamento, resolvo passar no da Andrea para avisá-la que já estou de volta. Ela diz que em breve vai me fazer uma visita e volto ao acampamento. Estou tão exausto que me perco no caminho e acabo demorando o dobro para chegar. Só quando estou sentado na barraca-refeitório tomando um copo de café com leite, já sem as horríveis botas duplas, é que sinto que posso relaxar. Em breve a Andrea chega e conto das minhas aventuras. Ela me conta que no dia seguinte subirá ao campo 1 e de lá ao 2 e só voltará a descer depois de quatro noites. Como nosso plano é descansar três dias e voltar a subir percebemos que vamos nos ver muito pouco nessas próximas duas semanas... Logo após o jantar vou para minha barraca e, exausto, adormeço.

Dia 25

Durmo por mais de 12 horas e acordo com um estrondo imenso e imediatamente meu coração dispara loucamente. Desorientado dentro da barraca, acho que a avalanche vem da cascata. Olho no relógio e calculo que a Andrea deve estar no meio da subida ao campo 1. Abro afobadamente o zíper da barraca e com imenso alívio vejo que a maior avalanche da minha vida está descendo a encosta oeste do Nuptse, próximo da cascata, mas fora da rota de escalada. Hipnotizado, vejo milhares de to-

neladas de gelo pulverizado descerem em direção ao campo-base. Com esforço decido fechar a barraca e poucos segundos depois uma fina nuvem de neve e uma brisa sacodem as paredes de minha barraca. Volto a deitar para me acalmar. Ah, como essa expedição será muito mais dura comigo e Andrea em lugares diferentes na montanha!

Após o café da manhã, iniciamos o que já sei muito bem do Cho Oyu, o conceito de *active rest*, ou seja, dias de recuperação no campo-base após termos subido aos campos de altitude, mas com atividade física para que fiquemos ainda mais fortes. Esse plano funcionou bem no Cho Oyu e vamos aplicá-lo aqui também. Embora tendo um pouco de inveja de outros times que têm dias de verdadeiro descanso, sei que esta forma é a melhor e que o esforço desses dias dará frutos mais adiante. Seguimos para o glaciar e buscamos uma parede de gelo quase vertical para treinar nossas habilidades em escalada em gelo. Colocamos os *crampons*, fixamos uma corda no topo de um penitente e subimos a encosta com o auxílio de dois *piolets* técnicos; depois descemos rapelando. Fazemos isso repetidamente até que nos damos por felizes e voltamos para o acampamento para um almoço tardio. Enquanto estou comendo, Kenton, o guia da expedição ao lado da nossa, vem trazer um cartão que o Jota, um dos donos do Venturas e Aventuras, uma das empresas que me representa no Brasil, tinha deixado com ele no dia anterior, quando eu estava montanha acima. Ele está guiando um grupo de clientes de sua agência e tinha ficado de me visitar. Infelizmente eu não estava então deixou um cartão com palavras tocantes e um amuleto para me dar sorte. Mais uma vez me sinto privilegiado em saber que estou longe de estar sozinho nesta empreitada, que muitos amigos estão acompanhando e me enviando bons fluidos onde quer que estejam.

No final da tarde, vou para o acampamento do Angelo, um português que tinha conhecido no Cho Oyu. Ele é piloto da TAP e frequentemente voa para o Brasil, onde tem muitos amigos. Quando cheguei lá, vi que ele também tinha convidado a Karina, uma médica brasileira especializada em *wilderness medicine* e também apresentadora

de um programa de televisão no Brasil. Como menu tivemos presunto espanhol, bacalhoadado, mexerica de sobremesa e, é claro, vinho do porto. Saí de lá com o coração e a barriga felizes.

Dia 26

O clima aqui no campo-base está extremamente estranho. O padrão é sempre o mesmo. Amanhece um dia esplêndido, sem uma nuvem e com o azul típico de grandes altitudes. Fica assim até ao redor de meio-dia quando começa a soprar um vento super-frio e ao redor da 13h começa a nevar, a temperatura despenca e o céu escurece. Normalmente, vou dormir com o suave barulhinho da neve no teto da barraca. Em função disso, tentamos fazer as atividades pela manhã. O plano de hoje é subir até o campo 1 do Pumori, uma linda pirâmide de 7.200 metros a oeste do Everest e não muito longe do nosso acampamento. Saímos às 9h da manhã e em breve estamos trilhando um pequeno caminho bem íngreme com vistas cada vez mais magníficas de toda a região, inclusive da parede tibetana do Everest, que eu ainda não tinha visto com tanta clareza. Pela primeira vez posso ver o colo norte a 7 mil metros, ponto crucial da escalada do Everest pelo lado norte. Muitas pessoas me perguntam qual é o lado mais seguro para escalar o Everest, e depois de conversar com muita gente sobre isso acho que posso dizer que cada lado apresenta suas facilidades e seus perigos. O grande problema do lado nepalês é a cascata de gelo onde você está exposto a perigos para os quais você não tem controle. O lado tibetano não apresenta este tipo de problema, mas por outro lado o dia de cume é uma longa rampa com inclinação lateral que sobe muito gradualmente em direção ao cume. Se você tem edema pulmonar ou cerebral, nesta parte da escalada, em caso de emergência, demora-se muito para perder altitude e isso pode ser fatal. Também a inclinação lateral torna qualquer tentativa de resgate quase impossível. Conclusão: cada lado tem seus perigos.

Após três horas de árdua subida, chegamos à crista onde fica o campo 1 do Pumori. Subimos 500 metros acima do campo-base e isso

com certeza irá nos ajudar em nossa aclimação. A vista é espetacular, embora as nuvens como sempre já estivessem cobrindo boa parte das montanhas. Voltamos rapidamente ao acampamento e passamos o restante da tarde na barraca-refeitório. Às 18h, meu contato por rádio com a Andrea não é bem-sucedido e fico sem notícias dela, mas como sei que o programa de hoje é ir do campo 1 ao campo 2 não estou preocupado. Não existem riscos neste trecho.

Dia 27

O dia hoje é dedicado à arrumação geral antes de subirmos novamente, desta vez ao campo 2 e de lá ao 3. Logo pela manhã resolvo lavar um pouco de roupas, e algo que parecia ser muito simples se mostra exatamente o contrário. Pego uma bacia de água quente na cozinha e lavo ao redor de oito peças de roupa. Para não gastar água com o enxágue, já que esta é carregada desde um lago próximo por um dos auxiliares de cozinha, resolvo ir até outro pequeno lago, quebrar um buraco de 40 centímetros de diâmetro no gelo e enxaguar as roupas lá. Em poucos minutos, percebo que a ideia não é muito inteligente. Hipóxia provavelmente... Após enxaguar três peças de roupa, já não sinto as pontas dos meus dedos. Ao final do processo e antes de poder pendurar a roupa, tenho de correr para a barraca-refeitório e segurar um copo de chá quente para descongelar os dedos. Bom treino para congelamento de extremidades... Meia hora depois, volto para pendurar as roupas e as encontro completamente congeladas como se fossem pedaços de papelão. Ah, as delícias de escalada de alta montanha!

Enquanto tomo o café da manhã, pelo segundo dia consecutivo, um helicóptero vem efetuar um resgate. Não sei do que se trata, mas as chances de ficar seriamente doente aqui são enormes. Todos, inclusive eu e a Andrea, estamos com o que se chama não muito carinhosamente de *Khumbu cough*, ou seja, a tosse do Khumbu. Por respirarmos um ar muito seco e frio, quase todos acabam desenvolvendo um tipo de tosse irritativa que muito frequentemente é tão intensa a

ponto de provocar fraturas de costelas. No meu caso no momento é apenas de intensidade leve e não incomoda muito, mas, com o nosso sistema imunológico completamente deprimido, as coisas podem mudar muito rapidamente.

Um pouco mais tarde, tomo um gostoso banho e, pela primeira vez desde que o grupo se foi, faço a barba, o que também é um processo um pouco complicado. O restante do dia descanso, escrevo, ouço música e leio.

Dia 28

Ao pisar na neve congelada do lado de fora da barraca às 4h da manhã o ar frio atinge meu rosto como um tapa. Esta sempre é a parte mais dura do dia, sair do conforto da barraca e dar os primeiros passos. O coração e os pulmões ainda não estão em coordenação com as necessidades de caminhar nesta altitude. O peso da mochila, quinze quilos, também se faz sentir. Normalmente carrego 30 quilos sem problemas, mas acima de 5 mil metros tudo muda. Caminho ofegante sob um céu lindíssimo salpicado de estrelas. Ao fundo a massa uniforme de blocos de gelo da cascata. Sigo em silêncio, pensando nos dias que tenho pela frente. Vamos ficar pelo menos quatro noites no campo 2 e se tudo der certo vamos pelo menos tocar o campo 3. Serão dias duros por causa da diferença de altitude e pelas condições da montanha. Este inverno foi um dos mais secos dos últimos anos, a montanha está com muito pouca neve e isso deixa tudo mais difícil.

Aos poucos vou ganhando altitude e superando os obstáculos da cascata. Desta vez já não ajudamos um ao outro a cruzar as escadas, isto dá mais segurança, mas ao mesmo tempo torna todo o processo mais demorado e com isso ficamos mais tempo expostos ao perigo potencial da cascata. Passamos pela cascata há poucos dias e, no entanto, a rota de escalada já não é a mesma. A enorme torre de gelo de várias toneladas desabou dois dias atrás, felizmente sem ferir ninguém, e agora esta parte me dá ainda mais medo, pois posso ver o resultado de um desabamento destes. Por todos os lados uma enor-

me confusão de blocos de gelo cobre o que dias atrás percorri. Uma nova rota foi desenhada por entre o caos e escalo por novos blocos de gelo. Paramos no campo 1 para reidratar e comer alguma coisa e após meia hora seguimos rumo ao campo 2. Chegamos ao campo 2 a 6.350 metros às 14h após um dia muito duro. Mas estou me sentindo feliz com o que atingi. Mais uma vez cruzei a cascata sem acidentes e, apesar de cansado, estou me sentindo bem após ter comido e tomado vários copos de café com leite. Minha saturação está 82 e a frequência cardíaca 60, o que para esta altitude são resultados excelentes!

Dia 29

Surpreendentemente, durmo superbem, sem dores de cabeça e sem despertar inúmeras vezes, que é o meu padrão sempre que durmo pela primeira vez em uma nova altitude. É tão pouco comum passar bem na primeira noite que uma onda de otimismo me invade. Esta montanha é tão mais difícil do que o Cho Oyu, ou qualquer coisa que eu já tenha feito, que sentir um pouco de otimismo é algo muito bem-vindo. A cada vez que olho o que tenho pela frente, a cada vez que admiro o tamanho da Lhotse Face, que tento ter uma ideia do que é estar a 8 mil metros no campo 4 e ainda ter pela frente 850 metros do dia de cume me encho de dúvidas sobre minha capacidade de conseguir estar lá em cima em um futuro não muito distante. A cada momento tenho que me dizer que pensar nisso agora é prejudicial. Tenho que me concentrar no trabalho de cada dia, de cada hora, de cada objetivo. Quando estiver no campo 4, partindo para o cume, daí então pensarei nisso. Mas isso é tão difícil... Estou caminhando e a cada momento é só levantar a cabeça e ver a imensa crista sudeste do Everest.

Tomamos o café da manhã junto com os outros nove escaladores do grupo do Henry Todd, com o qual estaremos dividindo o campo 2. Este campo também é chamado de ABC, ou *Advanced Base Camp* (Campo-Base Avançado), pois aqui temos uma barraca-cozinha, um cozinheiro e uma barraca-refeitório, ao contrário do campo 1 e dos campos 3 e 4, onde apenas teremos barracas duplas e cozinharemos

na própria barraca. Este campo funciona também como local de abastecimento para os campos superiores, por isso ao lado da barraca-refeitório estão empilhadas mais de 40 garrafas de oxigênio prontas para serem levadas aos campos 3 e 4. Eu preferiria muito mais ter um campo só nosso e não ter de dividir com outra expedição, mas este é um dos meios de não ter um preço proibitivo como nas expedições comerciais tradicionais, em que uma escalada ao Everest pode custar até US\$ 70.000.

Nosso plano inicial era ter hoje como dia de descanso, mas o Victor tem muita dificuldade em ter um dia inteiro sem fazer nada, então resolvemos inverter a ordem e seguir hoje até a parede do Lhotse e ter o descanso amanhã. Resolvemos sair do campo por uma rota diferente, e pouco tempo depois percebemos que, apesar de ser mais fácil caminhar diretamente do campo pelo glaciar, isso não é feito pelo perigo de *cravasses* cobertas por neve. A rota tradicional segue pelo acampamento 2, que é bastante extenso. Nesta parte do glaciar onde estamos não há cordas fixas e resolvemos que é mais seguro nos encordarmos. Uma queda em uma das inúmeras profundas *cravasses* sem a segurança de cordas fixas ou de estarmos encordados um ao outro seria seguramente fatal. A paisagem é lindíssima e, depois de tantos anos lendo sobre esta parte da escalada, finalmente estou vivendo o que apenas minha imaginação sonhava. Nomes como Yellow Band, Geneva Spur, Lhotse Face finalmente são realidade frente aos meus olhos. A poucas centenas de metros à minha frente vejo a rota tão desejada. Vejo o Western Cwn (Vale do Silêncio) terminando em um *cul de sac* com as paredes altíssimas do Lhotse, Nuptse e Everest fechando o vale. A parede do Lhotse é assustadora em sua inclinação. É quase impossível imaginar o campo 3 em algum lugar da parede com pequenas plataformas cavadas no gelo. Mais acima, meio vejo meio imagino a travessia da parte superior da Geneva Spur, um misto de gelo e rocha bastante perigoso. E ainda mais acima, mais de um quilômetro e meio de onde estou, o colo entre o Lhotse e o Everest, onde estará daqui a alguns dias montado o campo 4.

Após duas horas e meia de caminhada com um ganho de 500 metros, chegamos ao início da parede do Lhotse. O que vemos nos assusta e preocupa. A face é gelo puro, não há nada de neve. E neste gelo não vemos marcas da passagem dos *sherpas* que já escalaram a parede preparando o campo 3. O gelo é tão duro que mesmo a passagem de vários *crampons* não deixou marcas. As cordas fixas estão lá, mas o gelo está como que intocado. Preocupados, damos a volta e regressamos ao campo. O objetivo do dia era continuar nosso processo de aclimatação chegando quase a 7 mil metros e também fazer um reconhecimento da rota. Victor, que já esteve quatro vezes no cume do Everest, diz que nunca viu a face tão difícil.

Dia 30

Para descansar o máximo possível, tomo um benzodiazepínico novo que não deprime a respiração. Acordo após 12 horas de sono profundo, mas mesmo assim ao menor esforço fico ofegante. A esta altitude não existe propriamente aclimatação. Estar aqui ajuda a aclimatação à altitude, mas ao mesmo tempo cada hora acima do campo-base debilita. O segredo é saber o ponto em que o ganho em termos de aclimatação é maior que a perda que o organismo sofre. Para nosso grupo decidimos que quatro noites aqui em cima é o equilíbrio ideal, embora para cada um de nós isso possa ser diferente.

Passamos o dia discutindo a estratégia para os próximos dias. Victor acha que existe uma boa possibilidade de que as cordas estejam fixas até o cume muito mais cedo neste ano e que com isso possamos ter a chance de cume já na primeira semana de maio. Nos últimos anos, a janela de bom tempo tem sido nos últimos dez dias de maio, mas isso em parte pode ter ocorrido porque as cordas não estavam prontas mais cedo. Varia muito de ano para ano, mas podem existir mais de uma janela durante o mês de maio. Para que se tente o cume tem de haver três condições: as cordas têm que estar fixas até o cume, o tempo tem de estar bom e os escaladores têm de ter pelo menos tocado o campo 3. Existe um grande debate sobre a validade de dormir

no campo 3. Tradicionalmente esta era a tática usada sempre e só apenas depois de dormir a 7.200 metros se considerava que o escalador estava pronto para tentar o cume. Nos últimos anos, no entanto, mais e mais expedições têm apenas tocado o campo 3. A discussão é sempre a mesma. Será que o que se ganha em termos de aclimação compensa o enorme desgaste de passar uma noite a esta altitude? É muito difícil saber com exatidão a resposta desta questão — e no final, provavelmente, varia de pessoa a pessoa. Victor acha que tocar já é o suficiente e é isso que faremos.

Passamos a tarde jogando cartas, e logo após o jantar vou dormir. Quero estar bem descansado para o dia seguinte.

Dia 31

A ideia era sair às 6h da manhã, mas por uma razão ou outra nunca conseguimos ser pontuais. Eu detesto fazer as coisas com pressa de manhã, mas sou acordado às 5h da manhã, muito mais tarde do que o planejado. Temos o que é considerado o mais difícil dia da expedição pela frente e um início cedo seria prudente. A previsão do tempo dizia que este seria um bom dia com ventos suaves, mas já ao sair da barraca vejo que não será o caso. Está ventando bastante e muito frio. Como sempre, para mim, a parte mais difícil do dia é ir ao banheiro. No acampamento 2 o banheiro é um muro de pedras cobrindo a frente de uma *cravasse*. Nos poucos minutos que fico lá a temperatura do meu corpo desaba. Entro na barraca-refeitório tremendo de frio e apenas após dois copos de bebidas quentes me recupero um pouco. Equipamento com botas duplas de 8 mil, cadeirinha, mosquetões, *jumar* e toda a parafernália que pesa mais de cinco quilos. Na mochila levo um litro de água, um pouco de comida, filtro solar e labial e lanterna. Estou com duas camadas grossas de calças e com meu casaco de penas para menos 40 graus. Me locomovo com dificuldade pelo terreno acidentado que vai do campo ao glaciário. Em poucos minutos estou ofegante e tenho medo de não dar conta do trabalho que tenho pela frente. O Greg ficou para trás com diarreia. O Victor segue à frente

com o Rob e o Marco, que neste ano está muito forte. Eles começam a distanciar-se. Por mais que tente, não consigo aumentar meu ritmo. Após meia hora chegamos ao glaciar e paramos para colocar os *crampons* e juntar o grupo. A partir daí, caminhando sobre o gelo, consigo fazer um ritmo mais constante e coordenar minha respiração com minha passada. Um passo, uma respirada. Procuo não olhar para frente, para nosso destino. Minha velocidade é muito pequena e o objetivo muito distante. Paciência é talvez a maior virtude do montanhista. Fixar a atenção no presente, passo a passo. O frio está imenso e o vento fortíssimo. Após duas horas chego à parede do Lhotse, uma imensa rampa de 1.200 metros verticais de gelo azul duro como concreto. Já ganhei 500 metros verticais e tenho de escalar outros 600 para chegar ao campo 3. Cruzo uma imensa fenda usando uma escada de alumínio e inicio a escalada. Pelas próximas quatro horas repetirei o mesmo movimento, pé direito contra o gelo, avançar o *jumar*, pé esquerdo um pouco acima, avançar o *jumar* mais uns centímetros. A cada avanço de pé, três respirações. Pé, respira, respira, respira, *jumar*, pé, respira, respira, respira. A cada seis avanços de pés, uma parada de cinco ou seis respirações. A cada rampa vem outra rampa, interminavelmente. Após duas horas na parede, o grupo do Henry Todd desiste. O vento está muito cruel e eles não estão com roupas adequadas. Estamos apenas nós na parede além de alguns *sherpas*. Muito lentamente seguimos. O vento vem em rajadas de até 50 quilômetros por hora. As mais fortes chegam a nos desequilibrar. O centro do meu corpo está quente, mas as partes expostas, nariz, lábios e queixo, estão ficando amortecidos. Minhas mãos estão frias, mas prefiro seguir com luvas finas que me dão mais habilidade para lidar com o *jumar*. Para aquecê-las a cada minuto sacudo os braços e mexo os dedos dentro das luvas. Olho para o chão e vejo uma fina camada de neve passar rapidamente entre meus pés como se fosse areia em uma duna com vento. Seria lindo não fosse tão preocupante. Após mais uma parte inclinada vejo duas barracas amarelas no meio da imensidão branca. Campo 3! Estou escalando a não mais do

que 100 metros verticais por hora, e por mais que me esforce as barracas continuam distantes. O vento às vezes traz finas partículas de neve que de alguma forma encontram uma maneira de entrar em minha roupa. Quando o vento aumenta, a visibilidade cai para poucos metros, mas em poucos segundos o vento diminui e volto a ver as barracas. Ainda seguem longe. Agora já não é questão de aclimatar, esses poucos metros de ganho não farão diferença. Mas saímos para chegar ao campo 3 e queremos chegar lá. Após seis horas de escalada ininterrupta, chegamos ao campo e imediatamente iniciamos o regresso. O plano era parar, comer algo, tomar um pouco de água, se deleitar com a vista, mas o frio e o vento fazem com que fuçamos deste lugar o mais rápido possível.

Normalmente, fazemos as descidas segurando apenas as cordas fixas com as duas mãos. Com isso temos o atrito suficiente para descer com segurança, mas da forma como a parede está este ano esta técnica é muito arriscada. Temos que rapelar, o que significa que a cada lance de corda apenas um escalador por vez pode descer. Isso implica longas esperas com muito frio e com os tornozelos em posições extremamente desconfortáveis contra o gelo inclinado. E assim mais duas horas frias passam com rapel após rapel para chegar à base da parede. A partir daí, sei que a parte difícil foi feita, mais uma hora e estarei no acampamento 2. Enquanto caminho de volta, penso que estou pronto para a tentativa ao cume. A fase de aclimação está concluída. Não posso acreditar. E só isso? Foi duro, muito mais duro do que imaginava. Mas com dois ciclos estamos prontos. E o dia mais difícil da escalada ao Everest já foi feito. Na próxima vez que escalar esta parede já estarei mais aclimatado e só terei de subir para dormir lá e dormirei já com oxigênio, não muito, apenas talvez meio litro por minuto, mas mesmo assim será mais fácil.

Chego ao campo 2 desidratado, faminto e exausto. Durante todo o dia não paramos um segundo, a nevasca e o frio extremo não nos permitiram. Vou diretamente para a barraca-refeitório e lá fico consumindo copiosos copos de chá, café com leite e chocolate. Logo após

o jantar, finalmente consigo reunir forças para ir para a barraca, tirar as botas duplas, as meias encharcadas de suor (apesar do frio) e entrar dentro do meu *sleeping bag*.

Dia 32

Victor queria iniciar o dia às 6h da manhã para evitar o terrível calor na cascata, mas fazemos um motim e decidimos só sair das barracas após o sol tê-las aquecido. Com calma tomamos o café da manhã e às 10h finalmente estamos prontos para voltar ao relativo conforto do campo-base. Como sempre, a caminhada do campo 2 ao campo 1, um suave declive que nos toma apenas uma hora, é tranquila. Quando o calor iria começar a incomodar, o céu fica encoberto e as cores desaparecem. Entro na cascata sozinho, estou na frente de todos e, nesta hora, já próximo ao meio-dia, não há mais ninguém subindo ou descendo. De cima posso ver a paisagem apavorante deixada pelo colapso da torre dias antes e mais uma vez me questiono sobre a loucura que é subir e descer por entre essa roleta russa. Sinto-me particularmente exposto, talvez por estar sozinho, talvez pelo céu cinza deixando tudo ainda mais sombrio. Procuro escalar o mais rápido possível, mas o cansaço dos esforços do dia anterior me impedem de seguir na velocidade que quero. Ainda assim, agora com a prática da quarta passagem, cruzo as escadas com mais confiança e em quatro horas chego ao campo-base. Logo após, a Andrea chega ao nosso acampamento e passamos o restante do dia juntos. Finalmente, ainda que por apenas um dia, estamos no mesmo lugar ao mesmo tempo e podemos matar as saudades, contar um ao outro nossas experiências e passar a noite juntos.

Durante boa parte da tarde, nosso grupo debate o que fazer nos próximos dias. Ao contrário dos anos anteriores, nesta temporada existe a possibilidade de que as cordas fixas estejam instaladas até o cume nos primeiros dias de maio. Se o tempo colaborar, poderemos fazer nossa tentativa de cume nos próximos dias. Por outro lado, há vários anos se constatou que passar alguns dias em altitude mais

baixa é excelente para a recuperação antes de se tentar o cume. O escalador Anatoly Bukreev do Kazaquistão foi um dos primeiros a recomendar esta tática, que é utilizada quase universalmente hoje em dia. O nosso problema então é que, para descer até Pamboche a 3.900 metros, gastamos sete horas de descida e ao redor de dez de subida — e para valer a pena o esforço teremos de ficar três dias lá. Hoje é dia 26, amanhã necessitamos um dia aqui para descansar e preparar para a descida e também ver com as outras expedições o que eles têm de previsão de tempo. Com isso só desceríamos no dia 28 e estaríamos de volta no dia 2 de maio. Teríamos um dia de descanso no campo-base (dia 3), subiríamos no dia 4 ao campo 2, um dia de descanso lá, e no dia 6 subiríamos ao campo 3, no dia 7 ao campo 4 e no dia 8 seria nosso dia de cume. Mas, as previsões de tempo nos dão no máximo dez dias e mesmo assim só os primeiros cinco ou seis são confiáveis. Então o debate fica se vale a pena descer e recuperar-se e com isso eventualmente perder a chance de cume ou se seria melhor ficar no campo-base esperando. Neste ano as cordas ao cume serão fixadas pela expedição do neozelandês Russel Brice, o maior operador de expedições comerciais do Everest e o Victor recebeu a informação de que, se o tempo permitir, elas estarão prontas no dia 4 de maio. Ficar ou não ficar, “*this is the question*”... No final da tarde nos conectamos à internet e baixamos nossa previsão do tempo paga (US\$ 100 a previsão) e ela nos diz que do dia 29 ao dia 2 o tempo estará bastante mal com ventos fortes e nevascas. De posse desta informação decidimos que não haveria razão para esperar no campo-base. Amanhã desceremos para Pamboche com árvores, boa comida e muito oxigênio!

Dia 33

Decidimos ficar mais um dia no campo-base para o Victor fazer a ronda dos outros acampamentos e descobrir se há mais alguma informação sobre quando as cordas fixas serão colocadas até o cume e se há mais alguma previsão de tempo que confirme ou discorde da que

nós temos. Muita coisa está em jogo em nossa decisão em descer ou não para Pamboche e toda a precaução é bem-vinda. No ano passado, teve um dia de bom tempo no começo de maio, dia 5, e depois disso passaram-se 19 dias sem possibilidade de cume. Não queremos que isso aconteça conosco, que por causa da descida para recuperação percamos uma chance preciosa e tenhamos que esperar um longo tempo para uma nova chance.

O dia se passa sem grandes novidades e no final decidimos que vamos mesmo descer.

Dia 34

Planejamos sair às 8h da manhã, mas às 10h continuamos sentados na barraca-refeitório. O dia está lindo, o sol brilhando e nada de vento. Um tempo agradabilíssimo para sentar-se em alguma rocha, ler um livro e de vez em quando olhar a grande parede de gelo da cascata e dar graças a Deus por não estar lá. Finalmente, conseguimos reunir energia e começamos a descer. Uma vez que esse grande passo foi tomado, o desejo de chegar a Pamboche, 1.400 metros mais abaixo, nos domina e voamos montanha abaixo sentindo-nos cada vez mais fortes e descansados. Gorak Shep, Lobuche, Dugla, Periche e Samara passaram rapidamente por nós e sete horas depois estamos nos instalando no Sonam Lodge, um de meus favoritos da trilha toda. Arrumo meu pequeno quarto com carinho de quem vai ficar um longo tempo. Quatro noites pode parecer uma eternidade dependendo do que vem depois. Janto com apetite redobrado, tomo três copos de vinho tinto australiano e assistimos a um DVD. Às 21h vou deitar e a última coisa de que me lembro é de ter sentido o conforto de uma cama plana em vez das irregularidades das minhas várias barracas das últimas semanas.

Dia 35

Acordo 13 horas depois sem saber muito bem o que tinha acontecido. Com certeza, este foi o melhor sono em mais de um mês. Enquanto acordo penso que estava na montanha já há 36 dias e que tinha ficado

26 dias acima de 5 mil metros, ou seja, a uma altitude incompatível com vida permanente. Os efeitos se fazem sentir. Quando vou tomar banho noto que minhas pernas afinaram e que com certeza perdi peso.

Tomo café da manhã com calma e depois saímos para mais uma visita ao *lama* Geshe Rimpoche, para renovar suas bênçãos. Ele nos recebe com seu sorriso habitual, me faz algumas perguntas em seu nepalês quebrado (ele é tibetano e fala pouco nepalês) que tento responder em meu nepalês também quebrado. Ele então inicia suas preces e uma coisa estranha acontece. Fecho os olhos e me concentro no suave e monótono entoar dos mantras. Subitamente, visualizo várias figuras extremamente sinistras, horrorosas, irreais, aparecendo frente a mim e em seguida desaparecendo uma após a outra, e ao final desta sequência aparece Manjushiri, o *bhodisatwa* da sabedoria. O que me surpreende nisso tudo é o fato de que eu tenho uma dificuldade enorme em visualizar coisas, e desta vez as imagens são muito claras. Saio de lá pensativo, mas de certa maneira feliz com o que tinha acontecido. Interpreto como uma mensagem de meu inconsciente para que me dedicasse com mais energia em adquirir sabedoria para poder tomar decisões acertadas e que só assim meus fantasmas interiores desapareceriam.

O restante do dia foi gasto em agradáveis tarefas como lavar todas minhas roupas, arrumar meu sistema de comunicação via satélite, rever minha correspondência e simplesmente ficar na agradável sala de refeições do *lodge* conversando com meus amigos. Tudo o que faço tem uma qualidade diferente, mais relaxada, mais tranquila por causa do oxigênio. Quem nunca passou períodos prolongados privado deste elemento vital não sabe o quanto cada movimento sem ele custa. Já disseram que no Everest apenas viver custa e concordo completamente com isso. E isso fica ainda mais claro quando se baixa mil metros. De repente tudo funciona melhor. Temos mais apetite, dormimos melhor, aquela coriza persistente e aquela tosse irritativa da noite para o dia desaparecem sem até que se perceba. Quando notamos, elas já não estão. Pura mágica!

À noite, porém, recebemos uma comunicação pelo satélite dizendo que as últimas previsões de tempo indicam que o dia 6 de maio será de pouco vento e com grande possibilidade de cume. Fazemos nova reunião, recontamos os dias e decidimos abreviar nossa estadia em Pamboche. No dia primeiro de maio estaremos de volta ao campo-base para descansar um dia e no dia 3 iniciamos o que esperamos ser nossa escalada final rumo ao topo do mundo. Sentimentos extremamente contraditórios se debateram dentro de mim ao ouvir as notícias. Por um lado me ressinto de ter de cortar este descanso que tanto está me fazendo bem. Contava com quatro noites aqui e sinto uma pena enorme de não poder tê-las. Por outro lado, como não ficar feliz? Nunca pensei que pudéssemos ter uma chance de cume antes da segunda quinzena de maio, provavelmente no final do mês, e agora estamos contemplando subir na primeira semana! E mais ainda, se por alguma razão não conseguir o cume no dia seis ainda posso confortavelmente ter a chance de uma segunda tentativa após um bom período de descanso. O grupo fica assistindo a mais um DVD, mas eu prefiro ir dormir muito cedo para aproveitar cada minuto de repouso de qualidade aqui em baixo.

Dia 36

Mais uma vez durmo mais de 12 horas com sono profundo. Acordo às 8h da manhã, lavo mais algumas roupas, arrumo meu quarto e decido fazer uma *siesta* matutina. Acordo novamente às 10h30, mais descansado do que nunca. Passo o dia na expectativa de que mais uma mudança ocorresse, mas ela não vem e me preparo psicologicamente para voltar ao campo-base. Como tenho comigo uma máquina de cortar cabelo, decidimos todos cortar o cabelo bem rente e fazer um time de semicarecas, já que nossa expedição nem nome tem. Ficamos sempre perdidos quando nos perguntam a que expedição pertencemos.

Mais uma vez vou deitar cedo para aproveitar os últimos momentos de oxigênio abundante. A partir de amanhã terei pela frente uma

subida de 5 mil metros em basicamente cinco dias, mil metros por dia! Dá medo até de pensar...

Dia 37

Acordamos às 5h da manhã, pois prevíamos uma longa viagem de volta ao campo-base. Se demoramos sete horas para descer, provavelmente demoraremos nove ou dez para subir, afinal são 1.400 metros de desnível. O nascer do sol é glorioso e, embora estivesse surpreendentemente frio, posso prever que será um dia quente. De início combinamos que cada um faria seu ritmo — coloco o iPod ao som de *The Who*, primeiro o Tommy de minha adolescência e depois Quadrofenia. Começo a caminhar forte e em uma hora já estou em Periche, tendo ganho 300 metros. O restante do grupo fica para trás e não vejo razão de esperar. As músicas se sucedem e os vilarejos também — logo chego de volta ao campo-base, na metade do tempo previsto. Essas três noites em Pamboche foram ainda mais mágicas do que imaginava. Estou me sentindo tão forte que mesmo nas subidas íngremes eu tenho que diminuir muito pouco meu ritmo. Só paro duas vezes para tomar refrigerante, e após cinco horas e meia estou no acampamento da Andrea para saber notícias. Não posso acreditar, fiz a subida mais rápido do que a descida e não me sinto cansado!

Fico uma hora no acampamento da Andrea conversando com a Mara, a *base camp manager*, e me inteirando das últimas notícias. A Andrea continua no campo 2 e no dia seguinte planeja ir até o campo 3. Consigo conversar um pouco com ela por rádio e ela me diz que está muito bem apesar da tosse. Ela precisa descer por alguns dias para se livrar dela. A Mara me conta que uma avalanche fez a primeira vítima da temporada, um húngaro morreu do lado tibetano. Na cascata de gelo não houve mudanças radicais. Teve uma grande avalanche na parede do Nuptse, mas não chegou a modificar a rota de subida. Vou então de volta ao meu acampamento e fico na barraca quentinha por conta do sol da tarde esperando meus companheiros

chegarem. Eles tinham decidido caminhar lentamente para poupar suas energias e só chegam três horas mais tarde.

Fazemos mais uma reunião para analisar as novidades, mas tudo leva a crer que os planos continuam os mesmos: descansar amanhã, dia 2, e subir rumo ao cume no dia 3. Vou para a barraca logo após o jantar. Agora todos os pensamentos e energias estão dedicados ao cume.

Dia 38

Não há maneira de o sono a 5.300 metros ser da mesma forma que a 3.900. Mesmo aclimatado como estou a essa altitude, o sono aqui é superficial e acordo várias vezes durante a noite. Também o apetite mais uma vez desaparece e as refeições são exercícios da mente sobre o corpo. Sei que tenho que comer, então como, mas sem vontade.

Durante toda a noite posso ouvir o barulho da neve caindo incessantemente e pela manhã a barraca está soterrada por mais de 30cm de neve fresca. Ao me dar conta da situação, claro, o primeiro pensamento foi como ficariam nossos planos com este novo fator. No café da manhã o Victor não sabe dar uma posição definitiva, prefere esperar até o meio-dia quando terá mais uma previsão de tempo. O tempo está completamente encoberto e durante a manhã continua nevando, embora com menos intensidade. Há mil maneiras de ver isso. Por um lado, a parede do Lhotse pode ficar muito mais fácil com neve, se esta neve se consolidar. Por outro, o perigo de avalanche é maior, e a trilha fica mais pesada, se tivermos neve fresca lá para cima. De qualquer forma, prosseguimos com nossos planos e pela manhã fazemos o treinamento com as máscaras de oxigênio, que neste ano têm novidades. Temos agora reguladores ingleses e não mais os russos que tínhamos no Cho Oyu. Eles parecem mais confiáveis e de leitura mais fácil, embora pesem 200 gramas a mais. Aproveitamos para fazer o ajuste fino no restante do equipamento e deixar tudo pronto para amanhã, mesmo sem saber se subiremos ou não. Agora existem tantos “ses”. Vamos amanhã se pela madrugada o tempo estiver bom, se a previsão não for de mais

nevascas, se os *sherpas* do Russel Brice cumprirem o que prometeram de fixar as cordas até o cume no dia 4, se nossos acampamentos 3 e 4 forem montados (ainda não estão). Como é duro lidar com todas estas incertezas! Agora que psicologicamente já me preparei para subir será muito duro ter de voltar atrás. Esta semana que tenho pela frente será uma das mais duras física e psicologicamente da minha vida e é muito difícil ficar nesta incerteza.

Às 17h vem a confirmação de que realmente não há certeza de que as cordas estarão fixas a tempo para que possamos usar a janela de bom tempo. Está tudo muito incerto e o Victor prefere postergar nossa tentativa de cume. Ah, desapontamento! O clima em nosso grupo fica decididamente sombrio e acabamos indo para nossas barracas. Agora só resta esperar pela nova janela e não temos ideia de quando ela chegará.

Dia 39

Após quatro dias de nevascas, hoje amanhece com tempo limpo e quase sem vento. Logo que saio da barraca olho em direção à parede do Lhotse e percebo que era o dia ideal para a Andrea subir até o campo 3. Ontem teria sido o dia, mas com a quantidade de neve que caiu sabia que tinham postergado a subida. Depois, pelo rádio, fico sabendo que era isso exatamente o que tinha acontecido.

Passo quase todo o dia na barraca-refeitório jogando cartas com o Marcos e o Rob, mas enquanto jogava parte de minha mente estava ocupada com algo muito mais sério. De todos de nossa equipe sinto que eu sou o que tenho mais problemas em me aclimatar. Abaixo de 5 mil metros sou sem dúvidas o mais forte de todos, mas acima do campo-base meu desempenho cai sensivelmente. E o fato de já estarmos fora da montanha por mais de uma semana começa a me preocupar. Algo dentro de mim me diz que não haverá cume antes do dia 20 de maio e posso ver que a decisão de fazer mais um ciclo de aclimação será adiada e adiada. Provavelmente, para a maioria das pessoas isso não é um grande problema. Mas, com meu histórico de aclimação

lenta, não me sinto confortável em passar mais do que 15 dias fora da montanha. Passo o dia pensando nisso e no final da tarde decido que gostaria de subir para mais um ciclo. Após o jantar comento isso com o Victor e com o grupo e todos se opõem radicalmente. Eles sentem que isso não é necessário e que é um grande gasto de energia. Preferem ficar por aqui e fazer alguma atividade todos os dias, pequenas caminhadas, um pouco de escalada em gelo ou em rocha.

Vou dormir pensando nisso. De um lado tem o que sinto que seria o mais correto para mim. Meus anos na montanha me dizem que mais uma subida compensará em termos de aclimatação o que eu perderei em termos de energia gasta. Por outro, é muito ruim dividir o grupo e a pressão para que eu não faça isso é enorme.

Dia 40

Acordo cedo e fico por duas horas tentando decidir o que fazer. Quando vou tomar o café da manhã, finalmente decido que quero subir e passar duas noites no campo 2 e tentar mais uma vez tocar o campo 3. No café da manhã coloco minha decisão e mais uma vez chovem argumentos de porque não devo fazer isso, mas ao final o Victor concorda que se sinto assim tão fortemente a necessidade de fazer mais um ciclo, ele tentará me ajudar, pois é claro, não dá para eu subir sozinho. Cruzar a cascata sozinho é um risco inaceitável. Promete-me falar com mais gente e ver se tem alguém mais interessado em seguir comigo. Ele e o grupo decidem que ficarão aqui no base mesmo. Eles saem para uma caminhada de quatro horas e eu fico no campo para tomar um banho, fazer a barba e encontrar a Andrea, que está descendo do campo 2, após cinco noites lá em cima.

No final do dia vêm duas informações que me fazem desistir dos meus planos. A primeira é que realmente não há ninguém para subir comigo, e a segunda é que o campo 2 está vazio. Todos os *sherpas* e o pessoal da cozinha desceram para Pamboche para descansar. Com isso tenho de me conformar com a ideia de que provavelmente não terei outro ciclo antes do ciclo do cume. Agora é torcer para que te-

nha uma janela logo para que eu não perca a aclimatação que consegui nos nossos dois ciclos.

Dia 41

Com a longa espera que temos pela frente, decidimos fazer algo todos os dias para manter o físico ativo, mas mais do que isso manter a moral alta. Passar dias e dias dentro da barraca refeitório não nos faria bem. Saímos depois do café da manhã para o glaciar aqui próximo e escolhemos o mais alto dos penitentes, uma torre de 25 metros quase vertical, onde fixamos uma corda de segurança (*top rope*) e ficamos algumas horas praticando escalada técnica em gelo. A parte mais divertida foi escalar a parede apenas com os *crampons*, sem os *ice axes*. Isso exige uma precisão muito grande na colocação das pontas frontais dos *crampons* e muito equilíbrio.

Ao meio-dia ouvimos pelo rádio que nove *sherpas* e um guia do Russel Brice tinham chegado ao cume e fixado as cordas até lá. As portas do cume estão abertas. Perdemos esta oportunidade, pois realmente não acreditamos que as cordas estariam prontas a tempo e agora só nos resta esperar pela próxima.

Depois disso, voltamos ao campo e passamos a tarde conversando.

Dia 42

Miraculosamente, o meu programa coincide com o da Andrea por um dia. Estamos ambos no campo-base sem muito o que fazer e aproveitamos esta rara oportunidade para ficar juntos o dia todo. Por isso decretei dia livre. Meus companheiros de grupo foram escalar em rocha, mas eu e a Andrea nos deixamos ficar no calor da barraca namorando, conversando e curtindo a companhia um do outro.

Dia 43 a 46

A previsão do tempo não mostra a possibilidade de uma nova janela nos próximos muitos dias, e para mim está muito claro que ficar no campo-base com a altitude de mais de 5 mil metros, a comida ruim

e sem nada para fazer só prejudicaria minhas chances de estar bem preparado para o grande dia. Além disso, os dias que tinha passado em Pamboche na semana passada foram tão fantásticos para minha saúde e para minha moral que contemplo mais uma descida com bastante entusiasmo. Meus companheiros, porém, decidiram que não querem mais descer. Para eles o esforço de caminhar 20 quilômetros e descer 1.500 metros não compensa o ganho. Estão felizes em fazer *bouldering* todos os dias e passar o restante do tempo na barraca-refeitório conversando. Minha decisão é tomada quando o grupo da Andrea decide também descer. Vou até o acampamento dela e com naturalidade lhe convido para passar esses dias comigo. Esta é a primeira vez que temos, em quase dois meses, a possibilidade de estar realmente juntos e com muita surpresa ouço dela que ela acha que é melhor ela ficar com seu grupo. Argumento que esta parte não tem nada a ver com a expedição, não haverá atividades de grupo, são apenas alguns dias de descanso e não há necessidade de ela estar com eles. Mas, sentindo um frio na barriga, percebo que ela não faz questão de estar comigo apesar de nossa separação por um tempo tão longo. Volto para meu acampamento assustado e triste e vou dormir sem jantar. Às 4h da manhã acordo e não consigo mais fechar os olhos, estou agitado, com raiva e deprimido. Resolvo ir até o acampamento dela e conversar. Seu comportamento é tão inexplicável que sou mordido por ciúmes e com certo medo de encontrá-la com alguém abro o zíper de sua barraca. Ela está dormindo e me recebe de maneira fria. Diz que acha que estamos em fases diferentes de nossas vidas, que ela quer fazer coisas e que eu estou acomodado, que não tenho ambição e que estamos gradualmente nos separando. Sinto um vazio dentro de mim, este é o mesmo discurso que tantas vezes tinha ouvido em crises passadas antes do Cho Oyu e de nossa separação em outubro passado. Achei que isso era coisa do passado, mas não. Tudo estava de volta. Choramos, dizemos coisas duras um ao outro e volto ainda mais triste para meu acampamento. Passo o dia pensando no que poderia ter desencadeado mais uma crise... e sinto que o fato dela estar convivendo com os melhores escaladores

do mundo — seu acampamento é como o centro social do campo-base, com festas frequentes onde os “famosos” são convidados — tinha mais uma vez despertado nela o desejo de ter algo dela e eu, que priorizo estilo de vida sobre riqueza, não mais interessava.

Mais tarde ela vem ao meu acampamento e propõe que passemos o primeiro dia juntos. Daí ela seguiria para encontrar com seu grupo que desceria a Deboche, uma hora abaixo de Pamboche, onde pretendia ir. Após o almoço, partimos montanha abaixo. Enquanto caminhamos conversamos muito e aos poucos vamos nos sentindo uma vez mais próximos — e acabamos ficando os próximos dias de descanso juntos. Iludido pela proximidade que reconquistamos, penso que a crise mais uma vez se foi. Concordamos em ajustar nossa vida de modo que ela possa ter mais espaço para criar algo seu. Decidimos parar parte do ano em algum lugar, e juntos pensarmos o que ela pode desenvolver e onde.

Dia 47

Estou na minha rotina de não fazer nada quando recebo um torpedo no meu telefone por satélite dizendo que no dia seguinte partiríamos para o campo 2 provavelmente para nossa tentativa ao cume. Será que realmente iria acontecer? Ainda está muito claro em minha memória a última vez que isso tinha acontecido. Estava aqui mesmo em Pamboche e abreviamos nosso descanso para voltar ao campo-base para partir para o cume. No fim, tudo foi cancelado e ficamos dias e mais dias no campo-base. De qualquer forma, volto a preparar minha mochila e vou dormir cedo. O grupo da Andrea toma a mesma decisão e no dia seguinte decidimos subir juntos.

Dia 48

Baseado na minha experiência anterior, desta vez eu e a Andrea decidimos sair mais tarde, pois sabíamos que não demoraríamos muito para ganhar os 1.500 metros que separam Pamboche do campo-base. Acordamos na hora que acabou o sono, tomamos o café da manhã

com calma e às 10h da manhã estamos começando o conhecido caminho. Apesar dos dias que passei a 3.900 metros, desta vez noto que não estava tão recuperado como da última vez. Com tristeza percebo que aquele tinha sido o meu pico físico e que ter ido ao cume após aquele descanso teria sido o ideal. Não importa o que se faz, a permanência prolongada em altitude acaba fazendo com que o corpo se deteriore, e o caminho ao campo-base me custa muito mais.

Chegamos ao campo-base às 16h30, e por causa do cansaço estava torcendo para que os planos tivessem mudado e que tivéssemos um dia de descanso antes de subir. Mas o que ouço é até o contrário. O despertar será à 1h da manhã e às duas estaremos a caminho. As previsões de tempo mostram uma pequena janela de bom tempo de apenas 24 horas seguida de uma rápida piora do tempo com fortes ventos já na tarde do dia planejado de cume, dia 17 de maio. Mesmo sabendo do risco de subir com uma janela tão estreita decidimos que não queremos mais uma vez perder uma chance e decidimos tentar nossa sorte. Se o clima mudasse, subiríamos ao campo 3 e de lá voltaríamos considerando a subida mais um ciclo de aclimatação. Já a expedição da Andrea considera muito arriscado e decide esperar por uma chance melhor. Despeço-me da Andrea não sabendo muito bem o que irá acontecer, se estava subindo para aclimatar ou para a tentativa ao cume, e vou dormir. Ela volta ao campo dela para mais vários dias de descanso antes de uma possível tentativa ao redor do dia 22 ou 23.

A escalada

Dia 49

Ainda não sei o que acontece comigo: já são tantos anos que passo mal quando quebro a barreira dos 5 mil metros que já pensei em tantas coisas e nem sei mais no que pensar. Estou em altitude há quase dois meses e mesmo assim esta noite não durmo um minuto por causa de dor de cabeça. Na próxima vez que for para altitude, vou levar algum remédio para enxaqueca, pois costumava ter quando era médico e o que tenho agora é muito similar. De qualquer forma, quando ouço a voz do Victor nos despertando à 1h da madrugada já estava rolando no meu *sleeping bag* desde às 20h, quando tinha ido para minha barraca. Já com a mochila pronta desço para tomar café da manhã e às 2h já estamos a caminho do campo 2.

Já fazia tanto tempo que não colocávamos os pés na montanha, dezesseis dias, que me sinto como que se fosse a primeira vez que enfrentava a cascata e as suas precárias escadas. Logo percebo que este dia será uma tortura. No dia anterior tinha subido 1.500 metros, não tinha descansado nada e agora tenho mil metros de sobe e desce pela frente. Chego ao campo 1 exausto e decido que preciso descanso, uma pequena *siesta*, para ser capaz de chegar ao meu destino. Victor se prontifica a ficar comigo enquanto Greg, Rob e Marco seguem ao campo 2. Bebo um pouco de água, como duas barras energéticas

e durmo por uma hora. Desperto recuperado e seguimos então por mais duas horas ao acampamento. Janto cedo e durmo mais de 12 horas.

Dia 50

O dia transcorre sem muitas novidades, apenas eventuais contatos por rádio com o campo-base para receber a atualização nas previsões do tempo. Ainda não sabemos se este ciclo será apenas mais um de aclimação ou se realmente iremos para o cume. As palavras para descrever essa janela pelos dois serviços meteorológicos que usávamos ainda ressoam em minha mente. Um descreve a janela como perigosa e o outro como estreita. Victor se comunica constantemente com Henry Todd no campo-base e as horas passam sem que se chegue a alguma conclusão. A responsabilidade na mão deles é enorme. Se decidem abortar a tentativa de cume e outros grupos chegam lá sem problemas podem estar desperdiçando a única oportunidade da temporada. Se por outro lado decidem subir e o tempo fica ruim, com fortes ventos, a chance de acidentes aumenta significativamente.

De nosso lado tentamos não colocar muita esperança. Se tudo der errado, amanhã desceremos ao campo-base e alguns dias depois tentaremos subir novamente para fazer a tentativa ao cume. O grupo da Andrea não subiu e estava apostando na janela do dia 22. Também podemos fazer o mesmo. Ainda temos uma semana pela frente para essa nova janela. Temos tempo de descer, descansar e voltar a subir. Assim eu tentava pensar para não me decepcionar.

Mas, às 17h, fazemos uma reunião e o Victor diz que, se estivermos dispostos a tentar, amanhã podemos subir ao campo 3! Concordamos e saímos para preparar nossas mochilas para uma chance de chegar ao cume em menos de 60 horas.

Dia 51

Relativamente descansados, partimos às 7h da manhã para o que sabemos iria ser o dia mais duro da expedição. Já tinha estado no campo 3,

mas na parte inferior dele. Nosso acampamento fica 200 metros acima e, de qualquer forma, a aclimação ganha naquela subida provavelmente já havia sido pelo menos parcialmente perdida com os 20 dias no campo-base ou abaixo em minhas duas descidas para recuperação. Além disso, naquela subida estávamos com mochilas leves ao contrário desta vez, quando estou com 15 quilos nas costas. Do campo 2 ao campo 3 superior são 950 metros de diferença, de 6.350 a 7.300 metros. Apesar de tudo, me sinto forte e ganho os primeiros 400 metros que separam o campo da base da parede do Lhotse sem maiores problemas. Começo a subir a parede, que agora tem um pouco mais de neve do que da última vez, mantendo um ritmo bastante forte. Mas, aos poucos, começo a sentir que o Greg, que está na minha frente, está diminuindo seu ritmo. Penso até em ultrapassá-lo, mas quando pergunto se tudo está bem, vejo em seu rosto que algo está seriamente errado. Para meu desespero, ele me diz que está com cólica renal, uma das mais fortes dores que alguém pode ter. Não podia acreditar, cálculo renal na parede do Lhotse. Para ele a expedição havia terminado, ou assim pensava eu. Falo que ele tem de descer, mas ele diz que não. Que quer mais 12 horas para ver se melhora, e, se não melhorar, desce. Argumento com ele que se ele piorar durante a noite a situação pode ficar crítica, já que um resgate nessas condições poderia ser perigoso para ele e para os outros. Mas ele é irredutível. Diz que já teve isso antes e que pode dar conta. Tira de dentro de sua mochila seu kit médico, prepara uma seringa com um forte analgésico e se aplica diretamente na coxa, por sobre sua roupa mesmo e diz que irá prosseguir. Com uma máscara de dor em seu rosto, prossegue vagarosamente parede acima. Victor desce para encontrar-nos e me orienta para prosseguir já que ele seguirá com o Greg.

Mantenho um bom ritmo até a parte inferior do campo 3, mas aí minhas forças me abandonam. Os últimos 200 metros de gelo azul inclinado são de puro martírio. Cada passo é arrancado à força das minhas reservas e só a completa falta de opção me faz seguir um pouco mais. Após oito horas de escalada, finalmente chego ao campo

3. Greg chega mais de uma hora depois, completamente exausto, mas mais uma agonia o espera. Precisa urinar e sabe que ao fazê-lo irá eliminar o cálculo. Por suas experiências anteriores, sabe o quanto isso é doloroso. Junto com o cálculo de 3mm sai uma grande quantidade de sangue e coágulos. Arrumo a barraca o mais confortavelmente possível para ele, com meu colchonete inflável e ambos praticamente desmaiamos de cansaço com nossas máscaras de oxigênio a meio litro por minuto.

Dias 52 e 53

Apesar de tudo o que se diz de como é desconfortável a noite no campo 3, a minha é surpreendentemente tranquila. Claro que não durmo mais do que uma hora a cada vez. Nesta altitude, 7.300 metros, o sono é muito superficial. Mesmo usando oxigênio ao fluxo de meio litro por minuto, acordo frequentemente. Também estou preocupado com o Greg, que a cada instante geme de dor. Como havia dado meu colchonete inflável para ele para que tivesse mais conforto, estou dormindo em cima de um fino colchonete diretamente sobre o gelo e meus pés ficam gelados a noite toda. Esperamos o sol esquentar nossas barracas para nos levantarmos, mas muito antes que isso já estamos despertos envolvidos na interminável função de derreter gelo para o longo dia que temos pela frente. Na realidade, o dia de cume começa aqui, no campo 3 a 7.300 metros de altitude, 1.550 metros abaixo do topo. Hoje iremos subir ao campo 4, a 7.950 metros, passar lá no máximo sete horas tentando ter algum descanso e de lá subir ao cume. Era como se pela manhã subíssemos um 8 mil metros como o Gasherbrum 1 ou 2, ou o Shishapagma (os três apenas poucos metros mais altos do que o nosso campo 4) e daí, à tarde, escalássemos o Everest. Não consigo deixar de pensar se serei capaz de tal feito. Sei que dentro de mim consigo buscar forças para coisas que a princípio penso que não sou capaz, mas o tamanho da façanha que tenho pela frente abala minhas convicções. Mas, como tudo até agora nesta expedição, tenho que pensar em cada etapa e não no todo, que

é demasiadamente intimidante. Então o trabalho agora é chegar ao campo 4, o famoso South Col ou Colo Sul.

Coloco meu *down suit*, *harness*, botas duplas e *crampons* e começo a longa subida até a Yellow Band, a faixa de rocha mais clara que atravessa a parede do Lhotse ao redor de 7.500 metros de altitude. Nessa altitude, a parede do Lhotse é inclinada, porém o gelo está coberto de neve e degraus foram cavados pelos que nos antecederam de modo que posso subir sem grandes esforços até a Yellow Band. Estou agora com oxigênio com fluxo de dois litros por minuto e isso ajuda muito. Passei a noite razoavelmente bem, estou descansado, saudável e me sinto forte. Com isso um grande otimismo me invade e finalmente sinto que dentro de menos de 24 horas estarei no cume do Everest. Essa simples certeza faz com que todos meus pelos se arrepiem. Desde que saí de Katmandu já se passaram 53 dias, e agora, neste minuto, pela primeira vez sinto que posso realmente realizar meu sonho. Pela primeira vez vejo que o cume do mundo está ao alcance de minhas mãos.

Após uma hora de subida íngreme, o caminho cruza para a esquerda e sigo em direção à Yellow Band. Agora já não é tão fácil, pois escalamos entre neve, gelo e rocha e é preciso mais concentração para não escorregar. A visão daqui é indescritível. Descendo diretamente abaixo de meus pés por mil metros está a parede do Lhotse. No meio desta longa rampa de gelo os pontinhos amarelos das barracas do campo 3. Mais abaixo, à direita, em um canto protegido do Vale do Silêncio, o campo 2. Um pouco mais abaixo se vê as poucas barracas do campo 1 e logo em seguida este enorme rio de gelo despenca no vazio da cascata de gelo!

O obstáculo seguinte é o Geneva Spur, que deste ângulo parece apenas a encosta de uma elevação de aproximadamente 200 metros. Sei que da crista ao campo 4 é apenas meia hora de caminho plano. Com determinação começo a subida, que de um modo geral é por neve firme com alguns trechos verticais, mas curtos de rocha. Tinha iniciado o dia às 8h da manhã e agora, às 13h30 estou prestes a che-

gar ao Colo Sul. Da crista sigo por entre um caminho estreito e um pouco traiçoeiro de neve e pedras soltas, até que após uma curva me deparo com o famoso campo 4. Que decepção! Em todas as fotos que vi toda a extensão do South Col era coberta por neve, mas neste ano de pouco inverno nosso acampamento está entre pedras e lixo de inúmeras expedições anteriores. Se isso desagrada a vista, o que se vê de nossa barraca é deslumbrante. Finalmente posso ver minha rota de escalada ao cume. A Triangular Face, levando 500 metros acima ao Balcony, um pequeno platô a 8.500 metros, de onde, seguindo por uma estreita crista se chega ao South Summit, ou Cume Sul, e de lá, passando pelo Hillary Step, se chega ao Summit Ridge e finalmente ao cume. Mas minha visão se desfaz rapidamente, pois logo após chegarmos o acampamento é envolvido por uma grossa camada de nuvens, o vento aumenta e começa a nevar. Dentro de nossa barraca nossas expressões refletem o que se passa em nossos corações. Não é justo, após tanto esforço, tanto sofrimento... e na hora em que podemos ver o nosso sonho se realizando uma cruel mudança de tempo nos faz ver a possibilidade de ter de dar a volta e descer até o campo-base e esperar por uma nova janela. Será possível? São 15h e não podemos fazer nada a não ser esperar. O ideal seria que estivéssemos nos hidratando, tentando comer algo e até quem sabe dormindo um pouco. Mas a incerteza nos paralisa. Quase não conversamos, apenas olhamos um para outro com expressão vazia. Não é necessário conversar, sabemos perfeitamente bem o que se passa dentro de cada um. Eu me pergunto se terei forças para fazer tudo novamente: descer ao campo-base, esperar novamente por bom tempo, subir ao campo 2, fazer o mais difícil dos dias, do campo 2 ao campo 3, passar frio, exaustão, construir dentro de mim novamente a esperança, o otimismo, a determinação necessária para chegar aqui novamente. As horas vão passando e, como com toda má notícia, aos poucos você vai se acostumando com o inevitável. O rádio não silencia. Do campo 4 ao campo-base buscando informações, buscando a última previsão de tempo que nos conte o que acontecerá nesta noite. Então, magica-

mente, às 18h30 o céu clareia e um lindo pôr do sol tinge de rosado o Lhotse. Em um frenesi de atividade, colocamos os dois fogareiros em fogo máximo para derreter gelo e começamos a preparar nossas mochilas. A barraca para quatro pessoas (agora habitada por cinco mais mochilas, cilindros de oxigênio, nossas esperanças e expectativas) está um pandemônio. Pernas se misturam com braços e tubos de oxigênio. Marcamos a saída para às 21 horas na expectativa de estar no cume ao redor de dez horas depois. Resolvo ir ao banheiro para evitar ter problemas pela manhã, meu horário habitual, enquanto que os outros resolvem tomar Imodium para inibir a atividade intestinal normal. Quando termino de fazer tudo o que precisava me sento em um canto da barraca, fecho os olhos e medito por alguns minutos procurando acalmar minha mente que está agitadíssima. Finalmente o momento chegou. Às nove em ponto saio da barraca, troco meu cilindro por um cheio, coloco os *crampons* e junto com Padawa, o *sherpa* que subirá comigo, parto rumo ao topo do mundo.

Logo ao sair da barraca vejo uma enorme linha de luzes subindo em direção ao Balcony. Sei que vários grupos estão subindo hoje, mas a longa linha me assusta. O pesadelo de 1996 está sempre presente. Afasto esses pensamentos da cabeça e me concentro no trabalho à frente. Tento acalmar meu coração, que bate descontroladamente. Sei que tenho que encontrar meu ritmo. A temperatura está confortável, estou forte e confiante. Sigo a longa linha, mas logo percebo que está demasiadamente lenta para mim. Aproveito que o ângulo de subida é suave, me desclipo da corda fixa e ultrapasso pelo menos 30 escaladores. Isto me enche de confiança e sigo adiante. Algo, porém começa a me incomodar. Minha barriga se comporta de maneira estranha e posso ouvir um monte de ruídos. Será medo? Emoção? Logo percebo que não. Que estou começando a ter uma diarreia. Será possível? Não, hoje não! De resto está tudo tão perfeito. A temperatura está ideal, a noite agora estrelada, nada de vento. Bom, nada a fazer. Continuo a subir ganhando metros com facilidade. Estou com dois litros por minuto e com isso estou economizando oxigênio, já que te-

nho três cilindros para usar durante a escalada e poderia estar com três litros por minuto. Após duas horas, olho meu altímetro e estou a 8.215 metros e comemoro meu novo recorde de altitude. Já estou 14 metros acima do Cho Oyu. As horas vão passando e tenho duas preocupações, a minha barriga e os raios que iluminam o céu ao sul de tempos em tempos. Parece que vem dos vales muito abaixo de nós, mas mesmo assim constantemente olho nesta direção para ver se há alguma mudança. Já minha barriga está cada vez pior com cólicas muito fortes e frequentes. Quando chego a 8.400 metros não posso evitar mais. Me clipo a uma antiga corda fora da rota e efetuo a complicadíssima tarefa de evacuar a 30 graus negativos, com um terço do oxigênio a nível do mar e com várias camadas de roupas além da cadeirinha. Quase gelado retomo a subida e com felicidade vejo que ao chegar ao Balcony, Victor e Greg ainda estão lá descansando. Retomamos a subida juntos. Agora faltam apenas 350 metros e tenho a certeza absoluta de que nada me impedirá de chegar ao cume. São 2h da manhã e fiz um tempo ótimo até agora. Em apenas cinco horas subi 550 metros. Aumento o fluxo de oxigênio para três litros por minuto e sigo pela escuridão, apenas vislumbrando o que deve ser uma crista muito estreita. Dos dois lados vejo enormes precipícios que não sei, mas imagino que sejam de milhares de metros, de um lado levando ao Vale do Silêncio e do outro ao Tibete. Às 3h da manhã, tenho um grande congestionamento à minha frente. Avanço a passo de tartaruga, mas é impossível ultrapassar. Qualquer escorregão aqui sem estar preso à corda fixa significa morte. Finalmente quem estava segurando a fila se senta ao lado do caminho para descansar e consigo ultrapassar. À minha frente tenho um trecho de rocha quase vertical que me deixa completamente sem fôlego. Já estou a 8.650 metros. Às 4h30 da manhã olho para trás e vejo os primeiros sinais do amanhecer. Estou tão alto que o nascer do sol não está longe. As cólicas estão cada vez mais intensas. Sei que terei de parar novamente, mas tento adiar o mais possível. Meia hora mais tarde acontece o espetáculo que estava esperando com tanta antecipação, o sol nasce e o Everest

é refletido nos vales abaixo na forma de uma perfeita pirâmide. Dou um passo e paro para admirar este lindíssimo fenômeno que já havia presenciado em outras escaladas. Às 6h da manhã chego ao South Summit. Estou a apenas 150 metros verticais do cume, mas as cólicas estão tão fortes que sou obrigado a parar mais uma vez. Talvez por causa da dor, talvez por causa da confusão mental desta altitude, fico dez minutos sem luvas e quando novamente me visto já não sinto minhas mãos. Estão completamente adormecidas. O Padawa, que estava um pouco atrás, vendo o que eu tinha feito, grita comigo que eu não poderia ter ido ao banheiro ali. É muito perigoso, grita ele comigo. Mas é muito tarde para repreensões. Tento reaquecer minhas mãos, mas por alguns minutos penso que é tarde demais. Com desespero penso que perderei todos os dedos. Abro o oxigênio ao máximo, seis litros por minuto e tento desajeitadamente fazer massagem para que elas se aqueçam, mas os minutos vão passando e elas seguem insensíveis. Porém, aos poucos o sangue começa a voltar e quase com alegria dou as boas-vindas à dor quase insuportável que me invade. Estou ofegante por ter estado dez minutos sem oxigênio e gelado. Aos poucos vou me aquecendo e recuperando o fôlego. Passados 15 minutos recomeço a escalada, mas à minha frente está o Hillary Step, uma seção de rocha quase vertical com 15 metros de altura. Sou obrigado a tirar as *mittens* e colocar luvas mais finas para poder ter mais agilidade na rocha. Escalo, mas mais uma vez estou exausto e tenho que ficar alguns minutos parado para que minha respiração volte ao normal. Olho para cima e avisto o cume. Estou na foto que tantas milhares de vezes admirei nesses 20 anos em que venho para a região do Everest. A crista do cume com suas lindas curvas de gelo contrastando com o céu mais azul do mundo. Cheio de uma nova energia, cruzo os poucos metros que me separam do cume. Lá está Greg vindo em minha direção com seu generoso abraço, Marco sempre sério, mas de uma amizade constante, Rob com seu bonito sorriso e Victor me recebendo. Eles estão prontos para descer, só estavam esperando por mim. São 8h da manhã do dia 17 de maio de 2010 e eu estou no topo

do mundo! Tiro as tradicionais fotos, olho deslumbrado ao meu redor, pego algumas pedras do cume e, antes mesmo que perceba, já estou iniciando a longa descida. O tempo já está começando a mudar, uma fina nuvem de neve cobre o ar e a previsão é de ventos muito fortes à tarde. Quero ficar mais tempo, quero sentar e observar tudo com calma, quero agradecer ao mundo, aos meus amigos, a Chomolungma, a oportunidade de ter chegado aqui. Mas não posso. A subida é apenas metade do caminho. Vou até o altar e deixo o cartão-postal que o *lama* Geshe me deu além de duas pequenas ilustrações das Taras, divindades femininas budistas que representam compaixão. Agradeço a Chomolungma pela permissão de ter chegado lá. Olho para o Nepal de um lado, para o Tibete do outro, viro as costas e inicio a longa e árdua jornada rumo ao campo-base, três quilômetros e meio verticais abaixo. Mesmo com as duas paradas e com as fortes cólicas, cheguei ao cume em menos de 11 horas, e, assim que começo a descer, me deparo com uma enorme fila de escaladores ainda subindo. No Hillary Step tenho de ficar meia hora esperando por uma chance de descer. Desescalar estas partes de rocha íngreme cansado como estou é arriscado e tomo todo o cuidado para colocar cada pé. No South Summit troco meu último cilindro de oxigênio e sigo a quatro litros por minuto. Calculo que terei o suficiente para chegar ao campo 4. O céu está agora completamente nublado, mas o vento que havia sido previsto ainda não se manifestou. Perco altitude rapidamente e no Balcony reencontro meus amigos. Divido meu último meio litro de água com o Greg e o Marco. Assim como eles, tenho uma bola na garganta e cada vez que engulo saliva é como se estivesse engolindo fogo. O pequeno gole de água não alivia, mas sei que em breve, muito em breve, tudo terá acabado. Sigo em frente só pensando na barraca no campo 4. A neve derreteu com o calor do sol e descer vira um suplício. A cada dez passos escorrego e acabo sentado na neve fofa. Mesmo assim, sigo montanha abaixo o mais rápido que a segurança permite. Ao meio-dia me jogo dentro da barraca — e assim deitado posso pela primeira vez me congratular pelo que atingi. Após

muitos e muitos anos de sonhos, cheguei ao topo do Everest. Sou o oitavo brasileiro a fazê-lo e o mais velho. Mas, isso é apenas estatística. Não escalo por números e sim porque amo as montanhas e por criar este tipo de ligação que criamos em nosso grupo nesses dois meses. Isso é o que realmente fica. No Cho Oyu foi assim e agora no Chomolungma também.

As horas seguintes passam sem que eu perceba muito bem. A felicidade misturada com a exaustão faz com que eu me deixe ficar. Marco assume a tarefa de derreter gelo e preparar bebidas. O sol da tarde aquece a barraca e todo meu corpo pesa uma tonelada. Poderia ficar assim por dias. Mas, às 17h, somos brutalmente tirados de nosso estado de relaxamento por uma chamada pelo rádio dizendo que dois dos membros da equipe do Kenton, que nos últimos três dias tem nos acompanhado — Bonita, uma inglesa de 22 anos, e Rick, um médico norte-americano de 54 anos, dois dos mais rápidos escaladores — estão ainda no Balcony. As primeiras informações que chegam são muito confusas, mas aparentemente Bonita não consegue mais se locomover e está bastante incoerente. Em choque acompanhamos a comunicação por rádio entre eles, o seu guia Kenton e o campo-base. Eu e Greg conversamos e, mesmo com essas poucas informações, decidimos que o melhor é tratar como edema cerebral causado por altitude e recomendamos injetar 8mg de dexametazona. Do campo-base vem a orientação de enviar cinco *sherpas* ao Balcony com garrafas de oxigênio e líquidos. Assim como nós, os *sherpas* estão exaustos. São fortíssimos e naturalmente aclimatados, mas acabam de descer do topo do Everest que fizeram com uma só garrafa de oxigênio e carregaram outras duas para seus clientes (nós). Mas, heroicamente, saem de suas barracas e voltam a subir a montanha. Levam também o kit de medicamentos de dia de cume do Greg para que eventualmente o Rick possa usar. As horas passam rapidamente sem que possamos nem pensar em dormir. Já estamos acordados há 40 horas, mas temos que começar a fazer preparativos para quando eles sejam trazidos para o campo, se eles chegarem vivos. O Greg e o Victor se

preparam para sair ao encontro deles assim que tenham baixado um pouco mais. O frio está terrível e eles colocam tudo o que têm, além de *hand and feet warmers*. Eu assumo a produção de água quente colocando os dois fogareiros a funcionar. Rob está com *snow blindness*, cegueira das neves, uma afecção temporária, mas muito dolorosa da córnea, e não pode ajudar em nada. Envolvido em seu *sleeping bag* e com óculos escuros na barraca escura parece um velho de 100 anos. Às 2h da manhã, Victor e Greg saem e só às 4h ficamos sabendo que as duas vítimas estão nas suas barracas e aparentemente em estado controlado. Não há congelamento de extremidades e Bonita está coerente. Nossos amigos voltam para a barraca exaustos e eu continuo minha tarefa de preparar mais líquidos para hidratar a todos nós. Neste meio tempo, porém, mais uma vítima aparece. Anita é uma húngara muito forte que já atingiu o cume do Everest no ano passado e agora está tentando sem oxigênio. Ela está na expedição do Henry Todd, que está associada à nossa expedição também. A meio caminho do cume ela percebeu que não seria capaz de chegar sem oxigênio, mas nesta altura tinha gasto muito de suas reservas. Chegou ao cume e resolveu descer diretamente ao campo 2, mas a caminho começou a apresentar sintomas de HAPE, edema pulmonar de altitude. Por sorte estava acompanhada por Rob Casserley, um dos guias do Henry Todd e médico. Com o coração nas mãos, acompanhei pelo rádio os sinais de piora progressiva. A poucos metros do acampamento 2 ela sucumbe e, desesperados, pelo rádio, ouvimos que está prestes a ter parada respiratória. Mônica, a médica do campo-base do Russel Bricce, acha que não se trata de HAPE e sim de um bloqueio da traqueia por muco espesso e descamação de células traqueais mortas, afecção relativamente comum em alta montanha. Mas, por sorte, logo depois ela apresenta melhora, embora tivesse de ser resgatada por helicóptero do campo-base no dia seguinte.

O dia amanhece sem que eu tivesse dormido um minuto sequer. Duas noites em claro, 1.500 metros de escalada ao cume e 900 metros de descida ao campo 4. A felicidade de ter chegado ao cume do

Everest se perdeu no meio de tudo isso. Enquanto tristemente observo os primeiros raios de luz iluminarem o lugar mais isolado, mais agressivo do mundo, penso em como é tênue a linha que divide uma escalada bem-sucedida de uma tragédia. Mais uma vez vejo como a atração que o Everest exerce sobre as pessoas faz com que sem experiência alguma arrisquem suas vidas e a vida de outros para chegar ao seu cume. Bonita acabava de se tornar a mais jovem inglesa a atingir o cume, mas a que custo. Completamente inexperiente, achou que um bom preparo físico e US\$ 65.000 seriam o suficiente para realizar a escalada de maneira bem-sucedida. Por outro lado, a Anita achou que escalar sem oxigênio estava dentro de sua capacidade, mas umas poucas pessoas têm a fisiologia necessária para escalar o Everest desta forma. Ambas sobreviveram apenas por sorte. Se o tempo tivesse virado, como era previsto, ambas teriam morrido nesta noite.

Dia 54

Finalmente, às 10h da manhã, estamos prontos para deixar o campo 4. Depois de tudo o que vivemos aqui, alegrias, desesperos, preocupações, estou como que vazio. Saio da barraca como um autômato, coloco meus *crampons* e começo a descida. Olho pela última vez para a Triangular Face, avisto o Balcony e o South Summit e vislumbro o cume. Não consigo estar feliz, estou muito cansado para isso. Sei que mais tarde a felicidade de ter alcançado um de meus maiores sonhos virá, mas agora não sinto nada, apenas uma grande vontade de sair deste lugar. Quero chegar vivo ao campo-base, e para isso tenho que buscar dentro de mim forças para que cada passo seja preciso. Não posso me dar ao luxo de relaxar, não agora, ainda não. A primeira parte do caminho até o topo do Geneva Spur é plano, mas mesmo assim avanço com cautela, clipado na corda fixa. Um escorregão aqui seria fatal, mesmo com a corda fixa. Vem então a descida do Geneva Spur e, quando vejo o grau de inclinação da descida, não acredito que tenha subido isso. Respiro fundo, agarro a corda fixa com firmeza e começo a descer. Estou ainda a 8 mil metros e, apesar do oxigênio a três litros

por minuto, tenho de parar a cada 20 metros para recuperar o fôlego. Estou totalmente concentrado. Não existe nada ao meu redor, apenas as rochas e os pequenos lugares onde coloco as pontas de meus *crampons*. Após meia hora estou em terreno mais amigável e posso relaxar um pouco. A descida da Yellow Band é menos complicada, mas agora outro inimigo aparece, o calor. A variação de temperatura nesta montanha é uma coisa incrível. Quando saí da barraca estava um frio incrível, ao redor de 20 graus negativos. Agora o sol nos castiga com 30 positivos. Por sorte decidi sair sem o meu *down suit*, mas mesmo assim estou molhado de suor. Desço mais um pouco e avisto as barracas do nosso campo 3 e concentro todas minhas energias em chegar lá para poder descansar, tomar um pouco de água e tirar um pouco de roupa. Estou quase chegando lá quando sinto que meu *crampon* direito está se soltando. Estou em plena parede do Lhotse, 45 graus de inclinação e tenho que fixar o *crampon*. Perdê-lo aqui me deixaria em uma situação muito perigosa. Coloco o pé esquerdo fixo no gelo e de maneira muito desajeitada consigo fixar o *crampon*, mas nesse processo infelizmente uma de minhas luvas desce em câmera lenta a extensão da enorme parede de gelo. Lembro-me do desespero de quando isso aconteceu com a mochila da Andrea no McKinley. Mais tarde venho a saber que o Marco perderia quase no mesmo lugar sua máquina fotográfica com suas fotos de cume, uma perda muito mais séria do que a minha. Exausto chego ao campo 3 e desabo dentro da minha barraca. Dou-me ao luxo de aumentar o fluxo de oxigênio para quatro litros, tiro todas as minhas roupas e aos poucos vou me sentindo novamente humano. Em seguida vão chegando meus companheiros ainda mais cansados do que eu, usando seus *down suits*. Descansamos por uma hora na esperança de que a temperatura melhore, mas quando retomamos a descida a temperatura continua a mesma. Deixo meu cilindro de oxigênio, agora quase vazio, no campo 3 e desço as íngremes encostas de gelo que separam o campo 3 superior do campo 3 inferior. Sem oxigênio tudo fica muito mais difícil, e de tempos em tempos tenho que parar para que as forças retornem

às minhas pernas. Novamente preciso usar todo o meu poder de concentração, pois um pequeno escorregão nestas encostas de gelo azul teria consequências muito sérias. Agora falta pouco, apenas mais 300 metros de parede e estarei na parte mais plana que leva ao campo 2. Nas encostas mais suaves desço usando apenas a fricção das luvas na corda, mas cansado como estou, em algumas partes mais inclinadas resolvo rapelar, o que leva mais tempo, mas é mais seguro. Finalmente, às 15h desço a última parede e posso caminhar até o campo 2. Rob, que saiu do campo 4 com um cilindro de oxigênio cheio, segue à minha frente impulsionado pelo ar mais rico. A 300 metros do acampamento minhas forças me abandonam completamente e peço a ele para usar por alguns minutos o oxigênio. Sento em uma rocha e de olhos fechados fico inalando profundamente até sentir minhas forças voltarem. Após alguns minutos, recomeçamos e minutos depois chegamos à barraca-refeitório.

Antes do jantar, consigo ter comunicação por rádio com a Andrea e ela me conta que vai subir ao campo 2 no próximo dia. Decido então passar mais uma noite no campo 2 para poder encontrá-la. O restante do meu grupo seguirá para o campo-base, e a tentação de seguir com eles e com isso encerrar a minha expedição é enorme, mas tenho muita vontade de rever a Andrea e, mais do que isso, contar a ela o que aprendi nessas últimas 48 horas, para que ela possa usar esse aprendizado para aumentar a segurança de sua escalada.

Dia 55

Dormi 15 horas! Enquanto aos poucos tomo consciência de onde estou escuto alguém chamando o Victor. Olho no relógio e vejo que são 9h da manhã! Estranho, pois o plano do grupo era sair cedo. Subo até a barraca-refeitório e chego lá ofegante e extremamente cansado, como se tivesse acabado de chegar do cume. Vejo minha saturação — está 71, bastante baixa. Peço para o Greg dar uma olhada nos meus pulmões, mas está tudo bem. Estou, porém bastante desidratado e começo a beber. Despeço-me deles e volto à minha barraca onde fico dormi-

tando mais algumas horas. Ao meio-dia ouço a voz da Andrea me chamando e nas próximas quatro horas ficamos conversando, abraçados, matando as saudades. Aos poucos vamos contando um para o outro o que aconteceu nos últimos dias tão repletos de emoção. Mais que tudo, quero contar para ela como é o caminho, onde estão as dificuldades e o que aprendi nessas últimas 48 horas. Quero que ela saiba exatamente onde tomar mais cuidado, onde ir devagar e onde aproveitar para ganhar terreno mais rapidamente. Quanto usar de oxigênio em cada parte da montanha. Quero passar a ela o quanto esta montanha é perigosa na descida. O quanto é fácil se machucar em uma das descidas verticais de rocha na Geneva Spur e no Hillary Step. E o que significa se machucar nestes lugares onde um resgate é quase impossível. Quero que ela tenha dentro dela o mesmo mantra que eu tive: cuidado ao colocar cada passada, cuidado ao colocar cada passada. Ela me escuta com atenção e sinto-me mais tranquilo. Atinjo o que queria com este dia extra aqui no campo 2. Meus companheiros já estão na segurança do campo-base, mas sinto que valeu a pena ter ficado aqui. Com muita emoção nos despedimos e vejo ela se distanciar com o coração na mão. Passar-se-ão cinco dias até que eu a veja novamente. E nesses cinco dias ela subirá ao topo do Everest. Sinto que estamos próximos como poucas vezes nestes quatro anos.

Janto com os cinco membros da expedição do Henry Todd que estão esperando para que os *sherpas* que nos auxiliaram descansem no campo-base para que eles também possam ter sua chance de cume, mas o clima entre eles é de frustração e desânimo. A cada dia que passa a monção está mais próxima e, se não partirem para o cume muito em breve, possivelmente não terão outra chance. Logo após o jantar me despeço, desejo-lhes a maior sorte do mundo e vou para minha desconfortável barraca gelada para uma noite sem sonhos.

Dia 56

Apesar de ter dormido duas noites no campo 2, acordo me sentindo exausto como se não tivesse descansado nada. São 6h da manhã

e já está completamente claro, sinal que o verão está chegando. A ideia é sair o mais cedo possível, pois os dias têm estado quentes e meus níveis de energia caem muitíssimo com o calor. Mas, onde está a energia para sair do *sleeping bag* e enfrentar o frio da manhã de 6.300 metros?

Nevou a noite toda e já saio da barraca com minhas botas duplas e todo o equipamento. Tomo um café da manhã rápido e começo a longa descida rumo ao campo-base mil metros abaixo. Nunca o Vale do Silêncio mereceu mais este nome. Tudo está amortecido pela neve fresca e é muito cedo para que alguém saído do campo-base esteja por aqui. Estou completamente sozinho e o único ruído é o da neve quebrando sob as minhas botas. Paro para apreciar uma vez mais a maravilhosa paisagem ao meu redor. Deslumbro-me com o que acabo de completar. Olho para trás e vejo os minúsculos pontos amarelos das barracas na parede do Lhotse e mais acima a Yellow Band e o Geneva Spur, obstáculos que acabo de superar. Mas meus pensamentos estão todos em direção ao campo-base e sigo rapidamente meu caminho. Apesar de rápido, procedo com cautela. Com a neve da noite anterior as cravasses estão quase cobertas e cair em uma delas agora, sozinho seria fatal. Cada vez que me deparo com uma dou um grande salto, pois não sei onde elas começam ou terminam. Chego 50 minutos depois com segurança no campo 1, que é a imagem do abandono. Desde o começo da expedição que este campo não é usado, a maioria das pessoas preferindo ir diretamente do campo base ao campo 2. Pedacos de barracas precariamente presas por um ou dois *pegs* balançam furiosamente ao vento.

Coloco meus *crampons* e sigo cascata abaixo, minha última passagem, meu último obstáculo para a segurança do campo-base. Lembrome da história de uma das expedições do Bonington, onde o *base camp manager* passou quase dois meses no campo-base e no último dia da expedição pediu permissão ao Bonington para dar uma subida na cascata. Bonington que nesses dois meses havia passado pela cascata inúmeras vezes não viu problema algum, mas um enorme bloco de gelo se

desprende e o *manager* morreu. Assim é a cascata, algo imprevisível. Não quero ter logo agora um acidente. O sol saiu e a manhã está lindíssima, o céu azul sem uma nuvem e nada de vento. De alguma maneira, sei que Chomolungma não irá me matar. Escalei pelas razões corretas, ajudei sempre que pude e sempre que foi necessário. Procurei o mais que pude seguir o conselho do *lama* Geshe Rimpoché de manter o coração puro. Sei que chegarei bem ao meu destino. Sinto que a cascata tem os seus humores e em algumas das vezes que passei por ela tive muito medo enquanto que em outras estava tranquilo. Logo de cara percebo que o caminho mudou muito desde que subimos a última vez, poucos dias atrás. Estou escalando em algo vivo, mutável, e cada vez que atravesso este labirinto de blocos de gelo estou percorrendo algo novo. O número de escadas aumentou drasticamente e das 16 do começo da expedição agora são mais de 30. A cada uma que atravesso sinto que estou mais próximo da segurança. Amei esta expedição, mas agora quero estar de volta ao campo-base. Estou exausto, e apesar de já estar mais de 500 metros mais abaixo, com mais oxigênio, cada passo me custa mais. O calor está me matando, mas não é seguro parar agora para beber o pouco de água que tenho ou para tirar um pouco de roupa. Estou no meio da Popcorn, a mais instável das áreas da cascata. Tenho que seguir o mais rápido possível, mas minhas pernas não mais me respondem. De repente, todo o cansaço dos últimos cinco dias desaba sobre mim. Ao fundo vejo a pequena cidade do campo-base e almejo estar lá. Agora há inúmeras escadas duplas sempre mais instáveis. Passar pelos degraus onde as escadas estão amarradas uma nas outras é difícil. Estou sozinho, não posso cair. Se cair, ficarei pendurado um bom tempo até que chegue alguém para me ajudar. Já estou desescalando há três horas e minhas pernas pesam como se fossem de chumbo. Finalmente chego ao final das cordas fixas e do perigo. Sobrevivi ileso à escalada do Everest! Com exceção da diarreia do dia do cume, me mantive saudável por dois meses na montanha. Não tenho congelamento de extremidades como soube que metade de nosso grupo teve. Estou tão cansado, mas tão feliz.

Chego ao campo e abraço os meus companheiros. Agora sim podemos comemorar. Estamos todos de volta do maior desafio de nossas vidas, realizamos nosso sonho, estivemos no ponto mais alto do planeta, achamos dentro de nós a energia necessária para superar cada um dos desafios e o fizemos com habilidade, paciência, espírito de grupo e generosidade. Creio que saímos desta experiência melhores seres humanos e nos conhecendo melhor. Uma grande amizade se solidificou entre nós e já começamos a planejar nossa próxima grande aventura, a travessia em esquis rumo ao Polo Sul. Não sabemos nada sobre o assunto, mas a ideia já tomou conta de nossa imaginação. Temos o mais importante, a vontade de fazer, e essa energia que nos une.

Fatiamos os salames italianos trazidos exatamente para esta ocasião, abrimos as cervejas e passamos o restante da noite contando e recontando o que vivemos nos últimos dias. Em mais 36 horas nos separaremos — Victor, Marco, Rob e Greg vão para Gokyo e de lá para Katmandu, e eu esperarei aqui no campo-base com o coração nas mãos até que a Andrea esteja de volta sã e salva. Serão dias difíceis para mim, e sinto muito que não possa ter a companhia deles para que as horas passem mais depressa. Em mais um dia o campo-base estará vazio. Quem já fez o cume estará a caminho de Katmandu e quem ainda não fez estará na montanha aproveitando o que será possivelmente o último período de bom tempo antes da chegada das monções. Enquanto comemoramos, escutamos terríveis trovões que sempre antecedem as nevascas que caem nesta região nos meses de verão. Vou dormir em minha confortável barraca torcendo para que os próximos três dias passem rápido e que tudo corra tão bem para a Andrea como foi para mim e o meu grupo.

A volta

Dia 57

Acordo tarde, e na minha agenda não há nada para fazer. Mesmo que quisesse fazer algo, não tenho forças. Com muito esforço, consigo reunir energia para fazer a barba e tomar banho. Ao ver meu corpo após tantos dias, me surpreendo com o quanto perdi de peso e, mais do que tudo, de massa muscular. Minhas pernas estão super-finas e as costelas aparecendo. A sensação da água quente no meu corpo é deliciosa, mas ainda sonho com um banho mesmo e não com esse balde e caneca que são nossos banhos aqui. Ao fazer a barba, percebo que em algum momento tive um congelamento superficial da pele do queixo. Deve ter sido há alguns dias, pois a pele já está descamando.

Passamos o dia na barraca-refeitório conversando, e à tarde tomo um pouco de coragem para arrumar minha barraca que está quase inabitável. Além de roupas sujas por todos os lados, vejo que a parte esquerda da barraca está desabando com o derretimento do gelo sob o qual ela está armada. Mas, calculo, ela ainda se manterá em pé por mais quatro noites, que é tudo o que preciso.

Dia 58

Acordo com os gritos de alegria de alguma expedição. Olho no relógio e são 5h55 e sei que os membros de alguma expedição chegaram ao

cume do Everest. Agora estou do outro lado, estou no campo-base enquanto alguém está lá em cima, a mais de três quilômetros no cume do mundo. Sorrio e dou mentalmente meus parabéns a quem quer que seja. Ainda está frio e, apesar de não conseguir mais pegar no sono, me deixo ficar no conforto do meu *sleeping bag*. Às 7h30, o sol chega na barraca e saio para arrumar meus barris que serão levados nas costas de *yaks* para Lukla e de lá em avião a Katmandu. Chegarão antes que eu. Lembro-me então de minha noite agitada. Ventou muito aqui no campo-base e a barraca sacudiu violentamente por toda a noite. E eu acordei inúmeras vezes pensando em como estaria a Andrea no campo 3, dois quilômetros acima. As próximas 24 horas serão de muita aflição para mim. Desço para o café da manhã e meus companheiros estão agitados, se preparando para a descida para Katmandu. Despedimo-nos com emoção e mais uma vez Greg, Rob e eu nos prometemos começar imediatamente a estudar tudo que seja relacionado a expedições ao Polo Sul. O fato de termos este plano deixa a despedida mais leve. Victor e Marco não estão interessados, mas sabemos que vamos nos reencontrar de alguma outra forma.

Às 10h da manhã chamo por rádio o acampamento da Andrea e me informam que ela está acima da Yellow Band, que tudo está bem e que o vento, nosso pior inimigo, está suave. Situação ideal. Ela saiu com o *down suit* e, se não tivesse nenhum vento, estaria sofrendo com o calor. Ao meu redor tudo está sendo desmontado. Nossa barraca-refeitório já está no chão. Muitas das barracas já não existem mais, apenas plataformas de rochas marcam sua existência. Dos 20 escaladores das três expedições, apenas sete estão na montanha, o restante se foi. Aqui no campo-base, hoje, só eu. Almoço sozinho e volto a escrever. Às 14h capto uma ligação por rádio e fico sabendo que a Andrea já está no campo 4, a 7.950 metros. Dentro de sete horas será a sua vez. Procuo mandar toda a energia que tenho dentro de mim para ela. Sei o que essas horas antes de sair para o cume significam. Solidão, apreensão, medo, ansiedade. Que tudo corra bem com você, meu amor!

Começo e ler a biografia de Ranulph Fiennes, o primeiro homem a chegar a ambos os polos. Suas experiências são tão brutais que, comparado com o que ele passou, Everest é brincadeira de criança. Isso é bom, pois tira minha atenção da espera da escalada da Andrea. Às 21 horas, ouço pelo rádio que ela partiu rumo ao cume. O restante da noite passo acordado, lendo e escutando o rádio, que de tempos em tempos me traz alguma novidade.

Dia 59

As frias horas da madrugada passam lentamente e só de tempos em tempos escuto alguma novidade sobre o progresso da escalada da Andrea. Esta noite é a melhor desta semana e com isso mais de cem escaladores estão tentando chegar ao cume. O grande número de pessoas faz com que todos demorem demais. Às 7h saio no frio da manhã e, para minha grande felicidade, vejo o dia mais perfeito das últimas duas semanas. Céu azul sem uma nuvem e sem vento algum. Olho para o cume e vejo a silhueta negra do Everest sem sua tradicional nuvem de neve soprada pelos fortes ventos. Caminho os 15 minutos até o acampamento da Andrea onde a Mara, a norte-americana que trabalha como *base camp manager* está monitorando o avanço de seu grupo. Às 8h recebemos um chamado pelo rádio dizendo que o grupo da Andrea está já acima do Hillary Step. Agora é questão de minutos. Às 8h40, finalmente vem a confirmação de que todos estão no topo do Everest. Com os olhos cheios de lágrimas, falo brevemente com ela e ela me diz que está bem, com os pés e mãos um pouco frios, mas, claro, muito feliz. Dou mil parabéns e volto feliz ao meu acampamento solitário. Queria ter alguém para dividir esta emoção. Após dois anos de treinos incessantes, conseguimos nosso objetivo, ambos estivemos no ponto mais alto do planeta. Em mais algumas horas ela estará na relativa segurança do campo 4, e em dois dias estaremos partindo para Katmandu. De lá ela segue para 40 dias na Guatemala, onde será alvo de intensa atenção da mídia. Andrea acaba de se tornar a primeira mulher centro-americana a escalar o Everest. Eu seguirei

para uma viagem de exploração com destino ainda não definido. As montanhas do Marrocos (Atlas), Irã, Kyrgistão? Ainda não sei, deixei para definir após o Everest. Mas, para onde quer que vá, sei que será para alguma região montanhosa do planeta... Assim pensava nestes dias, enquanto esperava pela volta da Andrea.

Dia 60

Como sabia que o telefone por satélite não pegava no topo do Everest, decido caminhar até Gorak Shep para transmitir as boas novas da chegada ao cume da Andrea. Apesar de este lugar estar a 5.100 metros e consistir de apenas três *lodges*, desde este ano existe um cybercafé lá, mas ao chegar me dizem que por problemas técnicos ele estaria fechado por esta temporada. É meio-dia, eu não tenho nada comigo, apenas meu *anorak*, e não tinha planejado passar a noite fora, mas em um impulso decido descer até Periche, uns 15km dali e 1.200m abaixo do campo-base. Não tenho *sleeping bag* comigo, mas acho que posso pegar emprestado um cobertor. Após quatro horas, chego a Periche exausto. Não tinha percebido o quanto a escalada tinha me debilitado. Apenas dias antes tinha feito uma caminhada muito mais longa e não tinha me cansado muito. A ideia de voltar nesta noite mesmo ao campo-base estava totalmente fora de questão. Vou para a internet, mando notícias para a Guatemala, reviso meu correio e vou dormir.

Dia 61

Acordo ainda cansado e sigo mais uma vez montanha acima de volta ao campo-base. O que tinha demorado não mais do que quatro horas dias atrás, agora me tarda todo o dia com inúmeras paradas para descansar. Chegando ao campo-base, vou até o acampamento da Andrea saber das novidades e a Mara me diz que ela chegou ao campo 2 sem problemas. Agora apenas mais um dia e a Andrea também estará fora de perigo de volta ao campo-base. O restante do dia se passa sem novidades, enquanto descanso lendo meu livro.

Dia 62

Finalmente chegou a hora de reencontrar a Andrea voltando ao campo-base. Caminho por uma hora em direção à cascata para ajudá-la com a sua mochila. Depois de aguardar por uma hora, vejo-a chegando por entre os blocos de gelo. Vou na sua direção cheio de felicidade, mas ao abraçá-la sinto que novamente algo tinha mudado. O carinho com que nos encontramos no campo 2, quando eu estava descendo e ela subindo, tinha se evaporado. Deixei-a no seu acampamento descansando e combinamos de começar nossa descida rumo a Katmandu no dia seguinte. Com o coração sombrio voltei ao meu campo.

Dias 63, 64 e 65

Durante os três dias que levamos para chegar a Katmandu conversamos muito e decidimos que o melhor seria nos separarmos. Ela sentia fortemente que tinha que seguir o seu rumo e buscar algo que fosse inteiramente dela, que ela começasse e que fosse bem-sucedido. Com a subida ao Everest tinha se tornado famosa na Guatemala, e era o momento correto de voltar para casa. Tinha viajado por cinco anos e tínhamos dividido momentos maravilhosos, mas tudo tem seu tempo e o nosso tinha acabado. Mais uma vez tenho uma excelente razão para treinar o desapego e a impermanência, dois conceitos budistas fundamentais para se atingir algum grau de felicidade. Amar para o budismo é desejar o melhor para o outro, independentemente do que isso possa significar para nós. Então, neste sentido, estava feliz por ela. Sempre busquei o meu caminho, aquele que o meu coração me ditava, então, como não poderia estar feliz por ela estar buscando o dela?

Epílogo

Escrevo sentado na varanda do quarto de minha pousada em Jeriquaquara. A brisa quente sacode os coqueiros ao meu redor. Faço longas caminhadas pela praia e sinto o carinho da areia nos meus pés e o vento no meu rosto. Apesar de todo o turismo, se me afasto do vilarejo por alguns minutos já não há ninguém. Acordo quando acaba o sono, tomo café da manhã vestindo apenas *shorts*, tenho aula de *kite surf*, leio na rede, ouço música e penso muito. Dentro de poucos dias, volto para a montanha, a vida dura de escaladas que tanto gosto. Mas, agora, é bom estar aqui. Já ganhei boa parte dos oito quilos que perdi no Everest, e aos poucos vou recuperando minha forma física através de corridas na areia e do *kite*. Vou também me acostumando em não brigar com a solidão, de aceitá-la e de ficar bem comigo mesmo, algo não muito fácil para mim. Mais um desafio...

Também escrevo muito, e ao fazê-lo revivo cada minuto desta fantástica experiência que foi o Everest. Creio que, como defesa, aos poucos as dificuldades vão se esvaindo como as nuvens do céu de azul intenso do final da tarde levadas pelo vento. Relendo minhas notas, vejo uma vez mais o que me custou chegar ao cume dos meus sonhos. E, no entanto, sinto que o que ficou foi uma grande felicidade e gratidão por ter conseguido sonhar e realizar este sonho. Mas, me pergunto, porque me sinto desta forma? O que é exatamente que me

faz buscar objetivos tão sofridos e difíceis? Agora, dois anos depois de ter iniciado este projeto, posso analisar o que ele me trouxe. Noto que agora tenho mais confiança em mim sabendo que, se eu colocar energia e dedicação no que quer que seja, sou capaz de atingir. Vejo que tenho a perseverança de seguir adiante apesar das dificuldades. Mas também sinto que minha maior motivação para realizar este projeto e os que ainda virão é que cada momento desta jornada foi intensamente gratificante, cada etapa um objetivo em si mesma. Sou muito grato por ter sabido esperar o momento correto, a companhia ideal, condições fundamentais para que toda a experiência tenha sido feliz. São tantos momentos! A madrugada com lua cheia se refletindo no lago do campo-base no dia do meu aniversário de 52 anos enquanto escalava as encostas nevadas do Pequeno Alpamayo na Bolívia. A visão da cratera do Cotopaxi, quando em minha segunda tentativa cheguei ao cume dessa linda montanha. O tímido pôr do sol à meia-noite no campo 3 do Mckinley no Alaska, cercado de branco por quilômetros sem fim. O nascer do sol duas horas depois... A inesquecível visão do Everest desde o cume do Cho Oyu. A sombra triangular perfeita do Everest se refletindo nos vales abaixo enquanto pela primeira vez eu tinha certeza de que chegaria ao seu cume. O abraço na Andrea quando eu descia do cume e ela se preparava para subir. Aí está a resposta para minha pergunta, nesses momentos.

Agradecimentos

Dedico este livro aos *sherpas*, os verdadeiros heróis da montanha, que com dedicação, força, amizade e exemplo permitiram realizar meu sonho. Que nossa convivência possa ter me transformado em um ser humano melhor.

Agradeço à Tenzin Chogyi por seus ensinamentos, sua amizade e seus conselhos. As semanas que convivi com ela nos centros budistas do Root Institute na Índia e na Nova Zelândia trouxeram ferramentas emocionais que me ajudaram imensamente a lidar com as dificuldades da montanha e da vida.

Agradeço também ao *lama* Geshe Rimpoche, que, com seu conselho de manter o coração puro, abriu-me as portas do Chomolungma para minha passagem segura.

Sou eternamente grato aos meus companheiros de expedição — Victor, Greg, Rob, Marco, Andrea, Lui, Felber e Lucas — pelo seu bom humor, companheirismo e dedicação, sem o apoio dos quais não teria conseguido atingir meu objetivo. Poucas vezes confiei minha vida nas mãos de outras pessoas com tanta tranquilidade. Grande abraço!

E, finalmente, agradeço à Andrea por ter dividido comigo esta jornada maravilhosa que foi nossa vida nesses últimos quatro anos. Sem ela, possivelmente, o Everest ainda seria um sonho.

Como começar no montanhismo

Montanhismo é um esporte fascinante, porém exigente do ponto de vista de preparação física, disponibilidade de tempo e, frequentemente, demanda financeira. Mas, tudo isso é mais do que compensado pela sensação de estar no topo de uma montanha vendo o mundo de uma perspectiva completamente diferente. Lá em cima o ar e a luz têm uma qualidade diferente, cristalina.

Como todo o esporte que envolve risco, para que o montanhismo seja praticado com segurança, é preciso começar gradualmente, com escaladas mais fáceis e sob a supervisão de guias qualificados. Dentro do que chamamos de montanhismo, várias disciplinas são incluídas e o aprendizado de cada uma delas tem importância para o desenvolvimento harmônico das habilidades necessárias para a prática.

Para começar no esporte, o ideal é fazer um curso de escalada em rocha — já que esta é a base de tudo o que se seguirá. A partir desse aprendizado, o interessado habitua-se com as técnicas de segurança, com manuseio das cordas, nós e técnicas de rapel. No Brasil existem vários cursos de escalada em rocha ministrados por guias qualificados.

Em seguida, já fora do Brasil, sugerimos um curso de escalada em neve e gelo. Bolívia e Argentina são dois destinos populares para estes cursos, já que apresentam montanhas nevadas de pouca dificuldade ideais para iniciantes.

Como o investimento financeiro para a compra de equipamentos especializados é razoavelmente grande, sugerimos fazer os cursos e só depois pensar bem sobre que material comprar.

Além dos cursos, recomendo que na progressão dos objetivos seja levada em conta também a altitude. Cada corpo responde diferentemente a altitude e tão importante quanto conhecer as técnicas é conhecer a reação de seu corpo às várias mudanças fisiológicas provocadas pela concentração progressivamente menor do oxigênio no ar respirado. Para isto, também é importante familiarizar-se com os métodos corretos de aclimação, as taxas seguras de ganho de altitude e as possíveis doenças causadas pela falta de aclimação. Talvez a melhor introdução à altitude seja fazer um *trekking* em alguma região montanhosa com altitudes superiores a 5 mil metros, como o Peru, Bolívia ou Nepal.

Como escalada é uma atividade de equipe, ter uma parceria facilita muito. Na medida em que vamos nos familiarizando com nosso parceiro, nossa equipe, o entrosamento garante eficiência e, por consequência, segurança.

Munido de conhecimentos sólidos, bom equipamento e, claro, muito bom senso, você está pronto para explorar objetivos progressivamente mais difíceis e mais altos. A grande liberdade das montanhas está, então, ao seu alcance.

Filosofia budista para as escaladas da vida

Era o primeiro dia de um grande curso introdutório sobre budismo realizado em Bodhgaya, lugar onde Buda atingiu a iluminação, localizado na planície central de Ganges, no norte da Índia. Bodhgaya tem sido um lugar de peregrinação por milhares de anos, e até hoje (durante a temporada de inverno, único momento suportável para se estar em Bodhgaya, em outras épocas do ano a região é quente demais!) esta pequena aldeia indiana fica repleta de peregrinos de todos os países budistas: Tailândia, Vietnã, Taiwan, Tibete, Coreia, Sri Lanka, Butão, Birmânia, etc., além de peregrinos e viajantes ocidentais que estão ali só de passagem. Há um grande centro de ensino de budismo bem próximo da cidade, que atende principalmente aos viajantes ocidentais curiosos sobre o budismo — onde se oferecem cursos introdutórios e retiros de meditação.

Na minha primeira olhada sobre a sala cheia, com cerca de 50 participantes, notei um homem sentado na primeira fila, bem na minha frente, com um olhar inteligente e interessado. Quando pedi que todos se apresentassem, descobri que ele era um montanhista e guia de *trekking* brasileiro, que passa boa parte do seu tempo liderando grupos em caminhadas pelo Himalaia e outras regiões montanhosas pelo mundo. Ele também tinha uma ambição pessoal: completar os “Sete Cumes”, escalando a montanha mais alta de cada um dos conti-

nentes. Por ter passado tanto tempo no Himalaia, Manoel tinha sido exposto à filosofia e às práticas budistas, e agora estava ansioso para aprender mais.

Durante esse primeiro curso e nas semanas seguintes, eu passei a conhecer bem Manoel, tendo ele permanecido por uma série de aulas nas turmas onde eu estava ensinando lá no instituto, no meu papel como uma freira budista ordenada e professora de budismo para a Fundação para a Preservação da Tradição Mahayana. O FPMT (*Foundation for the Preservation of the Mahayana Tradition*), como é conhecido, é uma grande organização internacional de ensinamentos budistas e centros de meditação, mosteiros e projetos de serviço social, com mais de 160 centros em todo o mundo, incluindo o de Bodhgaya, onde eu estive lecionando por vários meses em 2008, quando Manoel e eu nos conhecemos.

Desde então, nós nos encontramos em muitas ocasiões e em várias partes do mundo: Nepal, Nova Zelândia e Califórnia. Na verdade, como nós dois viajamos incessantemente, brincamos, um com o outro, que nossos e-mails sempre começam com as mesmas duas perguntas: “Como você está? *Onde* você está?” Nessas ocasiões, acompanhei com interesse e prazer o seu envolvimento na prática budista crescer cada vez mais.

Mas o que atrai Manoel e outros tantos ocidentais que não cresceram expostos ao budismo, a este caminho, e filosofia? Porque muitos estudiosos dizem que o budismo é mais apropriadamente uma “filosofia” ou mesmo “psicologia” do que uma religião — o budismo, quase único entre as grandes religiões do mundo, não propõe um Ser Supremo, ou oferece qualquer tipo de história da criação que explica como o mundo veio a existir. Quando questionado, Buda frequentemente respondia que estes temas não são realmente relevantes para a condição humana.

“Quando”, disse ele, “você é atingido por uma flecha envenenada, antes de deixar o médico retirá-la, você insiste em saber o que o homem que atirou fez para ganhar a vida, qual o seu clã, o seu nome,

sua aldeia, como ele era, etc? Não, você deixa o médico tirar a flecha! Nenhuma dessas questões é relevante para a situação, e, da mesma forma, em vez de ensinar as respostas às perguntas que envolvem especulação metafísica, eu só ensino as coisas que são relevantes para a vida espiritual. Essas são: a Verdade do Sofrimento, a Verdade da Origem do Sofrimento, a Verdade da Cessação do Sofrimento, e a Verdade do Caminho.” Esses quatro princípios, ou pontos de vista, ou fatos sobre a realidade, são conhecidos como as Quatro Nobres Verdades — e são a essência da mensagem de Buda.

Assim, o budismo é basicamente prático — aborda principalmente questões sobre a nossa insatisfação constante, as causas dessa insatisfação e o que podemos fazer sobre ela. Desta forma, o budismo pode ser mais apropriadamente chamado de uma filosofia de vida do que uma religião. Qual é a visão budista sobre a natureza da realidade, a verdade sobre nossa existência, e o significado da vida? O que de tão convincente tem o budismo que respondeu a tantas das perguntas de Manoel?

A palavra “sofrimento” em a Verdade do Sofrimento poderia, talvez, mais exatamente ser traduzida como “insatisfação”. O que Buda disse? Ele apontava para o fato de que tudo na nossa vida é, em última análise, insatisfatório — nunca poderemos encontrar a felicidade final e duradoura se procurarmos por ela fora de nós mesmos, nas pessoas, lugares, experiências e eventos. Não podemos assim encontrar a felicidade que buscamos, e, mesmo que a alcancemos, será de maneira transitória, por natureza, e, portanto, não vai durar para sempre. Mas, em vez de ser um caminho para a depressão, essas verdades que Buda apontou são apenas a natureza da realidade. É só por negar esses fatos e esperar que as coisas durem para sempre e nos deem felicidade duradoura (o sonho de conto de fadas: “E então viveram felizes para sempre...”) que acabamos nos decepcionando.

Essa é a Verdade da Causa do Sofrimento, ou insatisfação: as nossas falsas expectativas, a nossa esperança de que as coisas em nossas vidas durarão para sempre e nos darão felicidade permanente é a

causa do sofrimento. Se abandonarmos estas expectativas irreais e apenas aceitarmos as coisas como são, vamos viver com muito mais felicidade e teremos nossa liberdade como resultado.

Nossa percepção da realidade é distorcida de outras maneiras também, e todas elas também nos causam insatisfação. Se vemos algo agradável, nós exaltamos as boas qualidades, achando que assim teremos felicidade mais duradoura. Isso também é uma receita para a decepção e o desânimo, porque é claro que nosso exagero nos faz perceber erroneamente o objeto do nosso apego. Portanto, a nossa própria percepção dos objetos, pessoas, lugares e eventos é fundamentalmente falha — essas coisas aparecem para nós como permanentes e assim possuindo uma essência ou qualidade em si, independente de nossa percepção delas. Mas Buda disse que nossas percepções em essência criam a nossa realidade — nós não somos vítimas indefesas de uma realidade autoexistente que nos é imposta, com existência própria.

Mais uma vez, se deixarmos de lado essas falsas percepções, então teremos liberdade — que é a essência da mensagem da Verdade da Cessação do Sofrimento e a Verdade do Caminho de Buda, que conduz à cessação do sofrimento. Ao envolvermo-nos com a meditação budista, nos habituamos a nós mesmos, nos acostumamos à realidade como ela realmente é, libertando, assim, nossas mentes dessas ideias erradas que nos causam tanto sofrimento. O resultado é uma mente mais paciente, mais flexível, mais tolerante — e muito mais feliz.

Quando se está sob o controle de uma forte emoção perturbadora, então, a abordagem budista orienta, em primeiro lugar, a perguntar para si mesmo: onde estou exagerando sobre a situação? O que estou distorcendo? Ao que estou apegado? Estou chateado porque a realidade que está se apresentando não está em conformidade com a minha ideia ou plano? Será que é realmente ruim, ou apenas não se alinha com as minhas expectativas? Se abandonarmos nossos pontos de vista rígidos e nossas distorções, muitas vezes os problemas desaparecem magicamente — descobrimos, então, que foi apenas a nossa própria mente que criou um problema.

Através da prática da meditação, é possível aumentar a nossa consciência e atenção, nos tornando mais sintonizados com as nossas emoções e percepções, mais capazes para reações contra esses curto-circuitos em cadeia que conduzem da percepção equivocada à emoção perturbadora e que levam, em muitos casos, a palavras e ações que só causam sofrimento para nós mesmos e aos outros. Através da meditação também nos habituamos a formas diferentes e mais precisas de olhar o mundo, e a respostas mais benéficas, tais como paciência, bondade e compaixão.

Manoel me contou o impacto que esses ensinamentos e sua prática de meditação tiveram em sua experiência como montanhista, onde tantas coisas estão fora do seu controle: o clima, o terreno, os próprios escaladores companheiros, e assim por diante. Se pensamos que estas coisas devem cumprir com os nossos próprios desejos de como devem ser, nós só ficaremos desapontados. No entanto, por aceitá-las, praticando a paciência, estando dispostos a ajustar tudo ao que realmente está acontecendo, abandonando uma agenda pessoal sobre a forma como deve ser, então um escalador pode abrir-se e desfrutar da experiência que se apresenta mais plenamente.

Eu vi essa flexibilidade e aceitação em Manoel, na forma como ele relatou suas aventuras de escalada para mim em nossas reuniões ao longo dos anos. Sinto-me honrada de ter Manoel como um amigo e espero sinceramente que os nossos encontros aleatórios em vários cantos do mundo continuem por muitos anos!

Venerável Tenzin Chogyi

Coromandel, na Nova Zelândia — Janeiro de 2012

Tenzin Chogyi tornou-se interessada no budismo no início dos anos 90, depois de procurar um caminho espiritual por mais de 20 anos. Em 1991, foi para a Índia e se tornou uma estudante de *lama* Zopa Rimpoche, um dos fundadores da FMMT — Fundação para a Preservação da Tradição Mahaiana. Em 2004, recebeu sua ordenação como novata com Sua Santidade o Dalai Lama e, desde 96, ensina em vários centros de FPMT em todo o mundo.

Minidicionário de termos técnicos

O montanhismo usa uma série de equipamentos altamente especializados. A ideia deste minidicionário é oferecer uma ajuda no entendimento de alguns dos vários termos usados no esporte.

Aclimação – Processo fisiológico de adaptação do organismo ao ar progressivamente rarefeito da altitude. Tem início imediatamente após a chegada à altitude, com um aumento de frequência respiratória e cardíaca, e continua no decorrer dos dias com modificações na taxa de glóbulos vermelhos e outras adaptações fisiológicas nos pulmões, musculatura e rins. O processo completo demora ao redor de 15 dias.

Ancoragem – Ponto de conexão da corda ou do escalador à parede.

Anorak – Casaco de material respirável, como *Gore Tex*, geralmente com gorro com a função de proteger do vento e chuva.

ATC ou Figure Eight – Equipamento usado para fazer rapel ou dar segurança para o companheiro que está escalando.

Balaclava – Gorro que cobre toda a cabeça e o rosto. Também conhecido como “Ivanhoé”.

Bivaque – Pernoite não planejado na montanha, normalmente sem o uso de barracas.

Bota dupla – Como o nome diz, são duas botas, uma dentro da outra. A camada externa é de plástico rígido, que é impermeável e serve como base para colocar os *crampons*. A parte interna é o que

dá o isolamento térmico. Nas botas de alta montanha, além dessas duas partes, normalmente também tem uma polaina de cordura que chega até os joelhos e serve para aumentar a impermeabilidade e também evitar que os *crampons* de um pé enrosquem em partes da bota do outro pé.

Botas triplas – Botas usadas geralmente em escaladas de montanhas extremamente frias, onde a polaina é parte da bota dupla.

Boulder – Escalada em blocos de rocha (*boulders*). Geralmente são escaladas de pequena altura, onde não se usam cordas, mas sim colchões de espuma para absorver a queda, caso ela aconteça.

Cadeirinha ou arnês – Sistema de fitas colocado ao redor da cintura e das pernas, tendo como finalidade ligar o escalador à corda de escalada ou às cordas fixas.

Carabiner ou mosquetão – Peça metálica de ao redor de 10cm de tamanho, de forma oval, com um dos lados articulados que trava através de uma rosca ou gancho. Tem uma grande diversidade de funções tanto em escalada em neve, gelo ou rocha. De um modo geral, serve como elemento de ligação entre o escalador e a corda.

Crampons – Equipamento de metal com 10 ou 12 pontas que se encaixa nas botas duplas (embora alguns modelos possam também ser usados em botas de *trekking* não rígidas em escaladas mais fáceis) e que tem como função dar tração para caminhadas em neve ou gelo e para escaladas em paredes verticais.

Cravasses – Fendas no gelo causado pela movimentação do glaciário. Podem ter desde centímetros até metros de largura e chegar a mais de 40 metros de profundidade. É um dos grandes perigos da escalada em neve e gelo, principalmente quando cobertos por uma fina camada de neve.

Diamox – Diurético de ação moderada que é usado na prevenção e tratamento de quadros de AMS (*soroche*).

Escalada esportiva – Escalada em rocha utilizando peças metálicas previamente colocadas na rocha que o escalador utiliza para fazer sua segurança.

Escalada tradicional – Escalada em rocha onde se utilizam peças móveis para segurança, que quando retiradas deixam a parede “limpa”.

Face mask – Máscara, geralmente de neoprene, que cobre o nariz e boca com orifícios para respirar. Fundamental em temperaturas extremas para evitar congelamento da pele exposta.

Gaitors ou polainas – Vestimenta construída geralmente de cordura, que se usa cobrindo a bota dupla e a perna até o joelho. Tem como função diminuir a possibilidade de quedas causadas por enganchar as pontas dos *crampons* nas botas ou calças. Também evita a entrada de neve nas botas.

Gammowbag – Câmara hiperbárica portátil usada no tratamento de Mal de Montanha. Consiste em um cilindro de borracha com um zíper, onde o paciente é colocado deitado e que é inflado através de uma bomba de pé. Uma vez inflado, a concentração de oxigênio dentro do cilindro corresponde aproximadamente a dois mil metros abaixo do que a do exterior.

Glaciar – Massa de gelo que se forma no alto das montanhas por acumulação de neve e que desliza montanha abaixo pelas encostas.

Googles – Óculos usados em montanhismo e na prática de *ski* que protegem a parte superior do rosto de maneira mais efetiva do que os óculos normais. Muito úteis contra o vento e durante nevascas.

Gore Tex – A mais conhecida das membranas respiráveis. Através de minúsculos orifícios, o Gore Tex deixa passar o vapor provocado pelo exercício, mas impede a entrada de gotas de chuva. Simpatex e Triple Point são outras membranas conhecidas.

Guiar – Escalador que vai na frente em uma escalada, recebendo segurança de seu companheiro

Hand and feet warmers – Envelopes de material químico que reagem em contato com o ar, produzindo calor. Podem ser usados nas mãos ou nos pés e normalmente duram de sete a doze horas.

Harness ou cadeirinha – Peça de cordura que envolve a cintura e as pernas do escalador e que serve para prender o escalador à corda de escalada.

Ice axe ou piolet – Picareta de metal leve usada como apoio em caminhadas em neve ou gelo, também usada para parar uma queda de escalada. Em montanhas menos técnicas, como o Cho Oyu, têm ao redor de 60 ou 65cm e só se usa um; em escaladas mais técnicas são usados dois *piolets* mais curtos.

Ice fall ou cascata de gelo – Porção do glaciário onde devido ao ângulo muito inclinado da superfície abaixo do gelo, ele se quebra em enormes blocos de gelo (*seracs*), formando uma massa instável e caótica extremamente perigosa.

Ice screw ou parafuso de gelo – Parafuso metálico, de tamanhos variados (de 10 a 25cm), usado para fazer segurança em superfícies de gelo.

Jumar ou ascensor – Equipamento de aproximadamente 20cm de extensão que desliza corda acima e trava, quando pressionado para baixo, sendo usado como auxílio importante para escalar pelas cordas fixas.

Luvras liners – Luvras finas de material térmico como capilene usadas abaixo das luvas grossas. Muito útil abaixo dos *mittens* para não deixar pele exposta ao se retirar os *mittens* para alguma atividade que necessite mais destreza manual.

Mal de Montanha – É o conjunto de 3 doenças causadas pela altitude. O AMS (*Altitude Mountain Sickness*, Doença de Altitude de Montanha), o HAPE (*High Altitude Pulmonary Edema*, Edema Pulmonar de Montanha) e o HACE (*High Altitude Cerebral Edema*, Edema Cerebral de Montanha). A primeira é razoavelmente comum, também conhecida como *soroche*, nos países da América do Sul, e benigna. As outras duas são muito graves e devem ser encarados como emergências médicas.

Meias liners – meias finas geralmente de material térmico como capilene usadas abaixo das meias mais grossas para dar mais conforto e absorver a umidade.

Mittens – Luvras grossas, geralmente de pena de ganso ou outro material térmico, onde existem apenas dois compartimentos para

por a mão, um para o dedão e o outro para o restante dos dedos. Como os 4 dedos estão juntos, é normalmente mais quente do que as luvas tradicionais.

Mochila cargueira – Mochila usada para transporte de equipamentos e roupas durante escaladas ou *trekkings*. Normalmente são muito estruturadas permitindo levar até 35 quilos com razoável conforto. Têm de 70 a 110 litros de capacidade.

Mochila de ataque – Mochila geralmente mais leve e com capacidade de até 45 litros, usada para escaladas a partir do campo-base quando se necessita levar menos com mais agilidade.

Mosquetões ou carabiners – Elo de metal com uma abertura ao lado que serve para uma infinidade de usos em escalada, principalmente como elemento de ligação.

Negativo – Nome dado a paredes onde o ângulo de entre a parede e o chão é menor do que 90 graus.

Oito ou figure eight – Peça de metal, na forma de um oito, que serve para rapelar, descer uma parede mais inclinada, aplicando fricção na corda.

Pee bottle – Garrafa plástica usada para urinar sem ter de sair da barraca. Muito útil em ambientes frios. Evitam o choque térmico e são muito práticas.

Penitentes – Formações de gelo que podem chegar a mais de um metro de altura causados pela ação do vento e ao Sol. Podem ser um obstáculo formidável à escalada.

Polias – São usadas em resgate de *cravasses* para os companheiros do escalador que caiu na fenda o resgatarem fazendo menos esforço (sistema de polias).

Positivo – Nome dado a paredes onde o ângulo de entre a parede e o chão é maior do que 90 graus.

Rapel – Técnica de descida utilizando geralmente equipamento como o ATC. Permite desescalar de maneira rápida e segura.

Seracs – Blocos de gelo que podem chegar a várias toneladas causadas pela movimentação do glaciário.

Snow bar – Peça de metal leve (alumínio) de ao redor de 80cm de tamanho usado para fazer segurança em superfícies de neve.

Sobre calça – Vestimenta de material respirável, como o Gore Tex, idealmente com zíper integral, dos pés até a cintura, que serve para proteger a parte inferior do corpo de chuva e vento.

Summit ridge – Crista final que leva ao cume de uma montanha.

Via – Rota de escalada.

